



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

O Cá e o Lá: Um Eu Que Se Dissolve Na Equação
Narrativas De Dois Guineenses Migrantes

Paula Margarida de Figueiredo Marinho Miranda Rodrigues

Orientador de Dissertação:

Professora DOUTORA Maria Emília Marques

Professor de Seminário de Dissertação:

Professora DOUTORA Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Psicologia Clínica

2016

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

O meu muito obrigado à minha orientadora Professora Doutora Maria Emília Marques pelo apoio e imenso saber que transmitiu sempre através da sua linguagem singular e apaixonante. Bem-haja por tudo!

Agradeço aos meus participantes João e Gabriela, pela simpatia e colaboração pois sem eles este estudo não seria possível de se concretizar.

Ao Professor Carlos Lopes obrigado por tudo ao longo destes cinco anos. Pela revisão que fez nas minhas referências bibliográficas, o meu enorme agradecimento!

A todos os meus colegas de curso, a todos os meus professores e funcionários Ispianos, agradeço terem feito parte integrante desta minha caminhada.

Pelo seu olhar antropológico agradeço à Professora Chiara Pussetti a sua disponibilidade para que eu entendesse sob outro prisma aquele que migra.

Devo também agradecer ao Dr. Nuno Faleiro pelo seu profissionalismo e assertividade, incentivo e compreensão em momentos particularmente difíceis e que sempre esteve presente e disponível para me ajudar psicanaliticamente, numa atmosfera calma e securizante.

O meu enorme agradecimento à minha filha querida que embora tenha estado ausente fisicamente, por motivos profissionais, sempre esteve presente dando-me o seu apoio incondicional particularmente racional e objetivo, e acreditando que a mãe era capaz.

Agradeço à minha Cuca que sempre está comigo, tanto nos bons como nos maus momentos dando-me o grato prazer da sua quente companhia canídea.

E porque todos foram importantes neste meu percurso: O Meu Muito Obrigado!

«Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos.»

Antoine de Saint-Exupéry

Resumo

No presente estudo aborda-se o tema da migração com todas as implicações que tocam quem experiencia um processo migrante. Os dois participantes neste estudo, João e Gabriela (pseudónimos) são dois irmãos Guineenses que migraram para Portugal em 2005. O tipo de estudo a que se recorre é o Estudo de Caso, que contribui de forma inigualável para a compreensão de fenómenos individuais e que cada vez mais vem sendo utilizado como método de pesquisa em Psicologia Clínica. Parafraseando Robert Yin (2001b), o estudo de caso preserva as características holísticas e significativas em acontecimentos da vida real. Para uma compreensão do sujeito psicológico que se movimenta de um lugar de origem, o “lá”, para um outro lugar novo e desconhecido, o “cá”, o conceito de subjetividade neste contexto torna-se fundamental, pelo que se recorre ao modelo de investigação qualitativo de livre associação, inaugurado pelos autores Wendy Hollway e Tony Jefferson (2000/2008), designado de FANI (*Free Association Narrative Interview*), como modo de aceder aos processos de intersubjetividade e investimento inconsciente do sujeito, possibilitando assim uma leitura compreensiva da (sua) subjetividade através dos dados recolhidas em duas narrativas. A passagem de um lugar para outro constitui-se como o reencontro ou desencontro consigo próprio, com inferências complexas ao nível da estruturação da identidade, tomado como um processo dinâmico e reatualizado ao longo da vida e vinculada a partir de então a duas culturas. Sentimentos de «não pertença» configuram problemáticas identitárias num processo que se afigura como utópico, onde os sujeitos se diluem na equação.

Palavras-chave: migração, identidade, subjetividade.

The Here And There: A *Self* That Dissolves In Equation Narratives of Two Guinean Migrants

Abstract

In this study the subject approached is the migration with all the implications that touch those who experience a migrant process. The two participants in this study, João and Gabriela (pseudonyms) are two Guinean brothers who migrated to Portugal in 2005. The type of study that is used is the Case Study, which contributes in an unequalled way to the understanding of individual phenomena and it's been increasingly used as a research method in Clinical Psychology. To paraphrase Robert Yin (2001b), the Case Study preserves the holistic and significant characteristics of real-life events. For an understanding of the psychological subject that moves from a place of origin, the «there», to another new and unknown place, the «here», the concept of subjectivity in this context becomes fundamental, reason why it's used the model of qualitative investigation of free association, inaugurated by the authors Wendy Hollway and Tony Jefferson (2000/2008), called FANI (Free Association Narrative Interview), as a way of accessing the processes of intersubjectivity and unconscious investment of the subject, thus enabling a comprehensive reading of their subjectivity through the data collected in two narratives. The passage from one place to another is the reencounter or disagreement with itself, with complex inferences at the level of identity structuring, taken as a dynamic process and updated throughout life and linked from then on to two cultures. Feelings of «non-belonging» configure identity problems in a process that appears as utopian, where the subjects are diluted in the equation.

Key-words: migration, identity, subjectivity

Índice

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstrat.....	III
Introdução	1
1. A Migração	3
1.2 O (des)Sossego Da Migração.....	4
2. A Identidade.....	9
2. 1 A Intersubjetividade da Identidade na sua Subjetividade	9
2.2 A Identificação	13
3. Herança Cultural e Identidade	15
3.1 Uma Incursão na e pela Etnopsicanálise.....	15
3.2 Sistemas de Filiação e Afiliação Cultural	19
4. Metodologia	21
4.1 Tipo De Estudo	21
4.2 Método	23
4.3 Participantes	25
4.4 Procedimento de Recolha das Entrevistas	26
4.5 Procedimento de Análise das Entrevistas	27
5. Apresentação e Análise das Narrativas.....	27
5.1 Participante A – João, 28 anos	27
5.2 Participante B – Gabriela, 27 anos.....	38
5.3 Análise dos Grandes Temas: João 28 Anos	43
5.3.1 Identidade	43
5.3.2 Referências ao “cá” e ao “lá”	46
5.3.3 A Dimensão Filiativa/Afiliativa	47
5.3.4 O Processo de Adaptação e Integração	47
5.4 Analise dos Grandes Temas: Gabriela 27 anos.....	49
5.4.1 Identidade	49
5.4.2 Referências ao “cá” e ao “lá”	51
5.4.3 A Dimensão Filiativa/Afiliativa	51
5.4.4 O Processo de Adaptação e Integração	52
6. Discussão	53
7. Conclusões.....	59

Referências Bibliográficas	61
Anexos	64
Anexo A: Carta de Consentimento Informado para os Participantes	65
Anexo B: Transcrição Completa da Entrevista com o Participante A.....	66
Anexo C: Transcrição Completa da Entrevista com o Participante B	117

Introdução

Tão velhas como o homem, as migrações humanas têm sido observadas sob diversos pontos de vista e só há algumas décadas se tem investigado sob um olhar psicanalítico. A passagem de um lugar para outro constitui-se como o reencontro ou desencontro consigo próprio, com inferências complexas ao nível da estruturação da identidade, vinculada a partir de então a duas culturas. Na perspectiva de L. Grinberg e R. Grinberg, o sentimento de continuidade, de identidade, resulta de um processo de interação contínua entre três vínculos de integração: espacial, temporal e social (Dias, 2004). É de acordo com esta lógica intersubjetiva que o presente estudo pretende, através da escuta das narrativas dos sujeitos, uma compreensão subjetiva e intersubjetiva do fenómeno migratório e de como é que este foi vivido pelos participantes, onde invariavelmente se encontram as questões ligadas à identidade tomado como um processo dinâmico e reatualizado ao longo da vida. Procura-se aferir quais são as mudanças identitárias que se constituem neste processo migrante nos sujeitos que participam neste estudo, o João e a Gabriela (pseudónimos), guineenses e atualmente com 28 e 27 anos de idade respetivamente, tendo migrado para Portugal no ano de 2005.

Torna-se fundamental uma compreensão subjetiva do sujeito psicológico, em condição migrante, num processo de interação e integração face à mudança, do lugar de origem, para um lugar novo e desconhecido. Para isso, inicia-se com uma abordagem ao tema da migração enquanto fenómeno, e como, através das expressões singulares e produções culturais e psíquicas, as pessoas exprimem os seus mais diversos modos de pensar, viver, estar e sentir, para uma melhor compreensão subjetiva do sujeito psicológico que vivencia a experiência migrante. O conceito de subjetividade neste contexto torna-se então fundamental, pelo que se recorre ao modelo de investigação qualitativo de livre associação, inaugurado pelos autores Wendy Hollway & Tony Jefferson (2000/2008), designado de FANI (*Free Association Narrative Interview*), como modo de aceder aos processos de intersubjetividade e investimento inconsciente do sujeito, possibilitando, assim, uma leitura compreensiva da (sua) subjetividade (Hollway & Jefferson, 2000). Ademais e de acordo com Yin (2001b), o estudo de caso é um tipo de estudo que contribuí de forma inigualável para a compreensão de fenómenos individuais. Através dos conteúdos narrativos que são produzidos e que emergem à medida que o objeto de estudo se vai revelando, estes expressam toda a sua riqueza complexa e singular, pelas operações mentais que instituem uma verdade singular de atribuição de sentido, pela via da interpretação e através da indução por parte dos sujeitos. De

forma a possibilitar uma leitura da subjetividade dos participantes procurou-se aceder aos processos psíquicos do sujeito psicológico, através do investimento inconsciente dos sujeitos, nas duas narrativas realizadas, colocando-lhes a seguinte questão aberta «*queria que me contasses a tua história sobre a migração. A tua experiência de migração para Portugal*». Neste sentido, e tal como nos aparece nas narrativas, as questões relativas a uma dimensão identitária, remetem-nos para um processo complexo e inquietante de construção psicossocial e manifestamente implícitos movimentos internos e externos, de possibilidades e impossibilidades, que enviam para passagens entre um mundo de pertença, o “lá”, e um mundo para o qual se deslocam, o “cá”, onde estão em jogo dinâmicas relacionais intersubjetivas que se inscrevem nas interligações entre sujeito e objeto numa dinâmica de co-construção, de interação, de trocas, e num plano de encontro subjetivo migrante, de consciente e inconsciente, de interno e externo, do sujeito para o que é relativo ao próprio sujeito.

Pretende-se uma reflexão e compreensão analítica das histórias narradas, pelas palavras, olhares e sentires, voltados subjetivamente do contexto de proveniência, para o país de acolhimento, através da experiência migrante inscrito no fenómeno migratório que lhe é adjacente, para compreender as dinâmicas que emergem, quando se passa de «um lugar» para «outro lugar» novo e desconhecido. Coloca-se também um duplo olhar, objetivo ao nível da antropologia, e subjetivo numa aceção da psicanálise, que deu corpo à nova e emergente ciência, a Etnopsicanálise considerando as reflexões iniciadas por Sigmund Freud, seguidas por Géza Róheim e consolidadas por George Devereux, defensor do Complementarismo. Faz-se uma alusão e integra-se no enquadramento, uma vez que tem implícito, conteúdos que incorporam a vivência psíquica e subjetiva dos sujeitos migrantes, tais como a inscrição cultural, as faltas e as perdas que lhe estão diretamente associadas. Na vivência da experiência migrante, encontra-se intimamente ligado o conceito de identidade étnica, que na teoria desenvolvida por George Devereux, expressa uma renúncia à identidade enquanto defesa contra o aniquilamento. O tema será desenvolvido na condição de passagem de um lugar para outro lugar, que impõe invariavelmente uma transformação, um rearranjo no jogo das identificações identitárias, devido à aprendizagem de novas influências e conseqüentemente à elaboração das anteriores. Uma vez que o sujeito migrante vivencia, por força das circunstâncias, um desligar-se do panorama cultural de origem, é natural que aconteçam o emergir de conflitos psíquicos catastróficos, desencadeados pela aparição de um novo e desconhecido quadro cultural, que poderão ser percebidos como ameaçadores, e representados como uma «*dupla ausência*», particularmente num período de desenvolvimento

e de crescimento, como o é a fase da adolescência, durante a qual decorrem importantes transformações, nomeadamente na relação entre o Eu e o(s) Outro(s).

O corpo do presente estudo ecoa a experiência migrante enunciando as problemáticas que este processo desencadeia naqueles que a experienciam. Deste modo discursa-se através da condição do sujeito psicológico, que migra de “lá” para “cá”, dando ênfase à sua subjetividade única e singular. A intersubjetividade é nomeada numa vivência que se afigura como utópica e por vezes emergindo uma distorção da realidade configurando um conflito interno. São recrutados os postulados da Etnopsicanálise inscritos num duplo olhar através da antropologia e da psicanálise. Descreve-se a metodologia inscrita num Estudo de Caso de carácter qualitativo e exploratório (Yin, 2001b) interpretando-se a parte substantiva das duas narrativas de acordo com o modelo FANI (*Free Association Narrative Interview*) de livre associação (Hollway & Jefferson, 2000). Apresentam-se os dados e os grandes temas que se destacam nas narrativas para cada um dos participantes, seguindo-se na discussão a apresentação das particularidades nos discursos dos participantes e correlacionados com os grandes temas, bem como os pontos em que convergem e divergem num sentido compreensivo. Posteriormente enquadra-se a literatura e conclui-se com um contributo para a compreensão do fenómeno da migração.

1. A Migração

De uma forma geral, o termo «migração» é aplicado para definir a mobilidade geográfica das pessoas que se deslocam, quer de forma individual, quer em pequenos grupos, quer de forma maciça. Nomeia-se neste estudo em particular a mobilidade familiar, num movimento de deslocação em direção a lugares considerados ou fantasiados como sendo mais acolhedores e impulsionadores de novas e melhores oportunidades e possibilidades.

Similarmente também os mitos possuem uma riqueza singular que lhes é própria, pois transmitem determinadas ideias que, por vezes, fazem-no melhor do que os termos que se referem especificamente ao conceito a descrever. Neste sentido, a primeira migração remontaria a Adão e Eva, que impelidos pela curiosidade (simbolizada pela serpente), deslocaram-se para a zona proibida do Paraíso, onde se encontrava a árvore «*que era boa para comer, agradável aos olhos e desejável para alcançar a sabedoria (...) Eva comeu do seu fruto e deu-o ao seu marido (...) e os olhos de ambos abriram-se (...) conheceram o bem e o mal (...)*» o que lhes valeu a expulsão-exílio do Paraíso, perdido com todas as suas gratificações e condições de segurança e prazer (Grinberg & Grinberg, 1996).

1.2 O (des)Sossego Da Migração

As migrações inscrevem-se numa dimensão externa e interna onde opera a fantasia inconsciente de procura de uma terra-mãe nutriente e protetora, muitas das vezes idealizada (Grinberg & Grinberg, 1996). Os mesmos autores referem que a migração propriamente dita é também entendida como atribuição de categoria às pessoas: «emigrantes» ou «imigrantes». Compreende a deslocação de um país para outro, ou de uma região para outra suficientemente distinta e distante, por um tempo suficientemente prolongado e que implica «viver» noutra país e nele desenvolver as atividades quotidianas. Este conceito constitui a base das definições que encontramos na maioria dos tratados acerca da migração: «*ação e efeito de passar de um país a outro para nele se estabelecer*» (Grinberg & Grinberg, 1996).

Tem sido utilizado o termo «transplante» como sinónimo de migração, no entanto com uma tonalidade distinta por ser aplicado a pessoas que têm de emigrar mas muito «enraizadas» ao seu lugar de origem, o que determina uma maior intensidade no sentimento de «desenraizamento» (Grinberg & Grinberg, 1996). Por outro lado, todos aqueles que migram e decidem estabelecer-se no novo país de forma permanente, a vivência de perda de tudo o que deixaram é muito maior porque, ainda que depois não possa ser assim, sentem que a rutura dos vínculos tem um carácter mais definitivo em que alguns passam por períodos de luto, desenraizamento e tentativa de adaptação, que podem ser elaboradas com êxito ou desencadear sintomas psicopatológicos.

Tendo em conta a magnitude do fenómeno migratório, que diga-se, afeta atualmente um elevado número de indivíduos, este inscreve-se como uma componente da «forma de vida» dos nossos tempos, como defende Calvo (1977), ao referir que por mais explicações sociopolíticas ou económicas que se lhe deem, este fenómeno não deixa de ser representativo de problemáticas pessoais para os quais se justifica um estudo específico e aprofundado.

Alguns autores têm-se dedicado à investigação dos aspetos psicológicos da «emigrabilidade», procurando características específicas nas pessoas que consideram ser as melhores condições para emigrar. Menges (1959) é um dos que define este conceito como a capacidade potencial do emigrante para adquirir no novo lugar, de forma gradual e relativamente rápida, uma determinada dimensão de equilíbrio interno, que é considerado «normal» para ele, «*sempre e quando o novo ambiente o torne razoavelmente possível – e que ao mesmo tempo, possa integrar-se no novo contexto sem ser um elemento perturbado ou perturbador no seu seio*». Expõe ainda «indicações e contra-indicações» para a emigração com base na capacidade em dominar ou superar a saudade (*homesickness*). Para o autor, o perigo

de ser vítima da saudade aumenta quando o indivíduo não foi bem-sucedido no seu desenvolvimento mental orientado para a individuação. Os que cedem à saudade parecem ter tido problemas infantis não resolvidos originados por uma relação conflituosa com a mãe. Nestes casos, a questão não seria propriamente um sentimento de saudade mas antes uma «*dependência doentia do lar*» (Menges, 1959). Torna-se portanto essencial que a estabilidade familiar de quem migra esteja bem alicerçada, uma vez que se constitui como um dos principais fatores para que este movimento tenha sucesso (Grinberg & Grinberg, 1996).

Há quem afirme que só tendem a «migrar» os que têm um Eu mais forte e com capacidade para enfrentar riscos. Um desses riscos é a solidão que sofre em diferentes graus aquele que migra. Winnicott (1958/1965) menciona que a capacidade de estar só é um dos aspectos mais importantes da maturidade no desenvolvimento emocional. O indivíduo adquire-o na infância com base na sua habilidade para manusear os seus sentimentos na relação com a mãe e, uma vez estabelecida a relação triangular, com ambos os pais. Dito de outra forma, a criança que se sente excluída frente ao casal constituído pelos pais na cena primitiva, e é capaz de dominar o seu ciúme e o seu ódio, aumenta a capacidade de estar sozinha.

Melanie Klein (1963), refere-se ao sentimento de solidão baseado na vivência de incompletude que deriva do fracasso de uma plena integração pessoal. A isto acrescenta-se a convicção por parte do sujeito de que determinadas partes dissociadas e projetadas nunca serão recuperadas, contribuindo para que o indivíduo não se sinta na inteira posse de si mesmo nem possa sentir-se como pertencente a uma pessoa ou a um grupo.

A possibilidade de desenvolver um sentimento de «pertença» parece constituir um requisito imprescindível para se integrar satisfatoriamente num novo país, bem como condição principal para manter o sentimento da própria identidade (Grinberg & Grinberg, 1999). As pessoas que possuem um intenso sentimento de solidão com as características acima mencionadas terão problemas que se agudizarão nas suas experiências migratórias, porque estas acentuam durante um determinado espaço de tempo a vivência de «não pertença», dito por outras palavras «já não se pertence ao lugar que se deixa» e «ainda não se pertence ao lugar que se chega».

Quem migra não tem necessariamente de ter uma personalidade específica mas poderá ter uma maior ou menor predisposição para dar esse passo. É antes sustentado na constituição e na história de cada pessoa, podendo manifestar-se em função quer das circunstâncias, quer das motivações externas e internas num determinado momento. Segundo os autores Grinberg & Grinberg (1996), o sentimento de continuidade da identidade resulta de um processo onde interagem três vínculos de integração: o vínculo de integração espacial, que considera as

relações das diferentes partes do *self* entre si, incluindo o *self* corporal, permitindo assim ao sujeito manter a sua coesão interna bem como o sentimento de «individuação», comparando-se e diferenciando-se dos outros objetos e que tende para uma diferenciação *self-não-self*; o vínculo de integração temporal, que reúne as diversas representações do *self* no tempo, estabelecendo assim uma continuidade entre elas, assegurando a base do sentimento de «mesmidade» e permitindo ao sujeito continuar a sentir-se o mesmo para além das transformações temporais; e por fim, mas não menos importante, o vínculo de integração social que engloba as relações que se estabelecem entre o *self* e os objetos, através de mecanismos de identificação projetiva e introjetiva, conferindo ao sujeito o sentimento de «pertença». Durante o processo migratório estes vínculos podem ser perturbados de uma forma mais ou menos intensa. O sujeito, no início, pode experienciar estados de desorganização, de grau mais ou menos variável, recativando por vezes ansiedades muito primitivas, na fantasia de ser «devorado» ou «despedaçado» pela nova cultura. Estas vivências misturam-se nos desejos de se confundir com os outros para não se sentir excluído ou de se diferenciar dos outros para poder continuar a ser ele mesmo. Daí o frequente «onde estou?» e «o que é que faço aqui?». Igualmente o vínculo temporal pode confundir o sujeito entre o passado e o presente, exaltando desde as formas mais benignas, expressas por lapsos contínuos, até às dimensões mais extremas em que o passado invade o sujeito de tal forma que o incapacita no processo de integração (Dias, 2004).

As pessoas ao longo do seu desenvolvimento experienciam crises de privação e perdas, como nas situações de nascimento (crise inaugural da existência), desmame, crise edípica, puberdade, adolescência, crise da meia-idade e início de velhice. Estas crises, tanto as de desenvolvimento como as que surgem por diversos motivos externos e internos, representam períodos de transição que mostram simultaneamente ao indivíduo oportunidade de crescimento mas também uma vulnerabilidade ao perigo de desenvolver perturbações mentais (Grinberg & Grinberg, 1996). Uma situação de crise, individual ou coletiva, pode desencadear uma experiência migratória ou ser a sua consequência, pois toda a crise implica uma ideia de «rutura», separação ou desenraizamento (Kaés, 1979).

Apesar de Winnicott (1971) ter afirmado que a continuidade da existência é assegurada pela herança cultural, o aparecimento de uma crise com o seu significado de «rutura» parece demonstrar que a herança cultural não será suficiente por si só para assegurar esta continuidade, e é o que acontece por e.g. no adolescente ou naquele que migra. Ademais, o mesmo autor considera a «herança cultural» a expressão do «espaço potencial» entre o indivíduo e o seu meio envolvente. Neste sentido o «espaço potencial» tem implícito a

formação de um «espaço entre dois», entre o Eu e o não-Eu, entre o «dentro» (grupo de pertença) e o «fora» (grupo de receção), entre o passado e o futuro. Seguindo esta lógica, a pessoa que migra necessita de um «espaço potencial» que lhe sirva de «lugar de transição» e de «tempo de transição» entre o país-objeto materno e o novo mundo externo. Este «espaço potencial» deve conceder a possibilidade de viver a migração como um «jogo», com toda a serenidade e implicações que este tem para as crianças. Por outro lado, quando se fracassa na criação deste «estado potencial», produz-se a rutura na relação de continuidade do meio e do *self*. Tal rutura é comparável às ausências prolongadas do objeto de que necessita a criança implicando a perda da capacidade de simbolização e a necessidade de recorrer a defesas mais primitivas. Efetivamente, uma criança carente será incapaz de brincar revelando assim um evidente empobrecimento evolutivo no campo cultural. Por outro lado, um migrante carente, que sofra a perda prolongada de objetos confiáveis na sua atmosfera, também sofrerá uma diminuição da sua capacidade criativa, pelo que a recuperação das suas habilidades dependerá das suas condições de elaborar e superar essa carência.

Segundo Grinberg & Grinberg (1996), sendo a migração uma contingência de vida que expõe o indivíduo a experienciar estados de desorganização, este acarreta invariavelmente reorganizações ulteriores que nem sempre são possíveis. No entanto há a possibilidade de prever os sucessos ou os fracassos avaliando a capacidade potencial para que se possa reorganizar num breve espaço de tempo após a desorganização transitória provocada pela angústia da experiência do movimento migratório. Poder-se-á dizer que a experiência migratória poderá ser traumática e caracterizada por uma série de acontecimentos traumáticos parciais, configurando em simultâneo uma situação de crise que pode ser propulsora da decisão de migrar como também consequência da própria migração.

Quando, pela predisposição dos indivíduos ou pelas condições de migração, o Eu do migrante é severamente danificado, quer pela experiência traumática, quer pela crise que viveu ou vive, o sujeito terá dificuldade em recuperar-se do estado de desorganização a que chegou e padecerá de diferentes formas de patologia psíquica ou física. Se pelo contrário, tiver a capacidade suficiente de elaborar, não só vence a crise como assumirá uma qualidade de «renascimento» com o desenvolvimento do seu potencial criativo (Grinberg & Grinberg, 1996). Rafael Moses (1978) sublinha que reagimos perante os acontecimentos do presente em função das experiências do passado infantil (nomeadamente as que se referem à perda de objetos, separações e sentimentos de culpa). Compara também as situações traumáticas às reações imunológicas, em que as sucessivas sensibilizações ao mesmo tipo de traumatismo conduzem a uma propensão para reagir de uma forma mais incontrolável. Afigura-se que a

qualidade específica da reação face à experiência traumática da migração é o sentimento de «desamparo» (Grinberg & Grinberg, 1996). Este sentimento de «desamparo» baseia-se originalmente no modelo do trauma do nascimento (Rank, 1961) e na perda da mãe protetora. Corresponderá igualmente à experiência da perda do «objeto continente» (Bion, 1970), que implica a ameaça, em situações extremas, de desintegração e dissolução egóica, com perda dos limites do Eu. Este risco é sentido com mais intensidade se na infância o indivíduo passou por situações importantes de carência e separação, com as conseqüentes vivências de angústia e desamparo.

De uma forma geral, a crise é considerada uma mudança brusca e decisiva no decurso de um processo, e foi explicada por René Thom (1976), como uma perturbação temporária dos mecanismos de regulação de um ou mais indivíduos.

Um outro sublinhado esclarecedor daquele que migra é colocado pela antropóloga Chiara Gemma Pussetti (2010), que elucida a noção de que a emigração está ligada indissolúvelmente a configurações específicas de sofrimento psicológico e que levou a uma leitura de cariz patológico da experiência migrante, e conseqüentemente a uma progressiva e violenta medicação, baseada no modelo de «*seleção negativa*», i.e., seriam as pessoas diminuídas, pouco integradas na sociedade de origem, com poucas ligações afetivas e estruturas familiares instáveis a optar pela emigração, levando a que, as suas inquietações latentes se manifestassem particularmente no país de acolhimento. Segundo a autora, a representação que é feita, inscreve-se numa vulnerabilidade psicológica, como sendo invariavelmente uma característica intrínseca dos migrantes, não se considerando a dimensão mais ampla entre o sofrimento individual e a experiência de exclusão, marginalização social, discriminação e precariedade das condições habitacionais e laborais em que muitas das vezes, por e.g., os migrantes têm mais do que um trabalho, porque são um alvo frágil numa concorrência desleal (aceitando remunerações mais baixas).

O processo migratório constitui-se em si como fator de risco, na medida em que reúne sete elementos de perda: da família e dos amigos, da língua da cultura, da casa, da posição social, do contacto com o grupo étnico e religioso. Esta sucessão de perdas é experienciada como um luto, e na sua grande maioria acompanhada de uma vulnerabilidade a transtornos mentais e/ou perturbações emocionais (Desjarlais et al, 1995; Bibeau, 1997; Kirmayer & Minas, 2000; Persaud & Lusane, 2000; Murray & Lopez, 1996 citado por Pussetti, 2010).

2. A Identidade

2.1 A Intersubjetividade da Identidade na sua Subjetividade

«O sujeito não se pode criar a si mesmo.»

Ogden, 1994

A capacidade do indivíduo para continuar a sentir-se o mesmo na sucessão de mudanças é a base da experiência de identidade (Grinberg & Grinberg, 1996). Num contexto migratório, segundo os autores, implica manter a estabilidade nas mais diversas circunstâncias ao longo das transformações e mudanças de vida. A consolidação do sentimento de identidade depende fundamentalmente da internalização de relações de objeto assimiladas pelo Eu, pelo funcionamento de identificações introjetivas autênticas, e não pelo uso de identificações projetivas maníacas que gerariam pseudo-identidades, logo um falso *self*. Assim a vivência da experiência migrante pode converter-se em dinâmicas propulsoras de ameaças ao sentimento de identidade.

O psicanalista Victor Tausk (2000) introduz o termo «identidade» na literatura psicanalítica afirmando que assim como a criança descobre os objetos e o seu próprio *self*, também o adulto, na sua luta de autopreservação, deve repetir constantemente a experiência de «encontrar-se a si mesmo» e de «sentir-se a si mesmo». Deste modo, aquele que migra, na sua luta pela autopreservação, necessita de se agarrar a diferentes elementos do seu meio originário (objetos familiares, a música da terra, recordações e sonhos em cujo conteúdo manifesto surgem aspetos do país de origem) de forma a manter a experiência de «sentir-se a si mesmo».

Como já atrás referido e exposto por Grinberg & Grinberg (1999), estes explicam que o conceito de identidade se desenvolve a partir dos três vínculos com os outros. Torna-se importante nomear que segundo os mesmos autores, a aquisição do sentimento de identidade (aqui inscrito no processo psicanalítico), do modo como se configura a identidade e como surgem perturbações no desenvolvimento do indivíduo, na sua relação com a sociedade e fundamentalmente experienciadas no seu processo de mudança, são expressas ao nível pré-consciente e consciente, numa série de fantasias inconscientes que, integradas, constituem o que se pode chamar de «fantasia inconsciente do *self*». Estas perturbações da identidade podem configurar-se a identidades rígidas e pouco plásticas até às excessivamente fluídas e fragmentadas em quadros patológicos obsessivos e esquizoides, respetivamente. Noutro sentido a noção de continente é válida para perturbações da identidade noutras formas de clínica de neurose e psicose.

Por outro lado as vestes, a música, a arte e o artesanato, pinturas e enfeites familiares, destinam-se a consolidar os três vínculos do sentimento de identidade, pois acentuam a diferenciação relativamente aos nativos, evidenciam a existência de um passado (no lugar onde o migrante deixou a sua biografia) e tornam presentes relações com pessoas ausentes que o ajudam a suportar o sentimento de não raízes, não ter história, não ter ascendência (avós), não ter recordações próprias no lugar onde está. No início de um processo migratório tornam-se necessários estes objetos para reafirmar o sentimento de identidade, porém podem ocupar todo o «espaço» quer físico, quer mental, e serem impeditivos da incorporação do «novo» pela aceitação do passado como tal. Mas nem sempre a migração exerce apenas uma função desestabilizadora sobre o sentimento de identidade. Por vezes pode ser decidida consciente ou inconscientemente, como uma maneira de tentar consolidar o sentimento de identidade através do contacto mais direto com os lugares que constituem o berço dos antepassados (Grinberg & Grinberg, 1996).

O conceito de identidade abordado por diversos autores é definido sobre vários prismas e para o entender recorre-se a recursos teóricos como grupos sociais, relações de poder, práticas disciplinares, discursos e narrativas (Hollway, 2009). A psicóloga Wendy Hollway identifica as relações como a principal explicação para a identidade, nomeando não as relações sociais mas sim a «relacionalidade», termo utilizado pela autora que diz respeito às dinâmicas intersubjetivas do inconsciente. Considera que este tipo de relações são um importante fator de formação e transição da identidade.

Existem duas tradições para diferenciar a subjetividade da identidade: a de Foucault e as diferenças dos grupos sociais. A primeira refere-se à singularidade e a segunda às categorias de pertença. Deste modo a subjetividade relaciona-se com processos reais que constituem a ação, o pensamento e o sentir. Resulta da interiorização de valores, memórias, disposições, que se justificam em relações intersubjetivas, que através de práticas de reconhecimento e de auto-reflexão constituem uma pessoa, uma singularidade. Já o termo identidade, refere-se aos aspetos relacionais que qualificam os sujeitos em categorias como a raça, género, classe, nação, sexualidade, trabalho e ocupação e assim em termos de relações sociais reconhecidas e afiliação a grupos. A identidade como um conceito foca a sua atenção no modo relacional da subjetividade (Venn, 2006).

Wendy Hollway (2009) através dos seus trabalhos e análise psicossocial, sobre os mecanismos que levam a uma edificação da identidade, defende que os processos internos e externos são invariavelmente co-constitutivos e que interferem nos dois sentidos. Por outro

lado, e sendo um dos princípios básicos da psicanálise, a natureza conflitual da experiência, a noção de conflito faz parte da vida e da mudança (Hollway, 2009).

Indo um pouco atrás, nos últimos 25 anos, um dos objetivos da teoria feminista foi redefinir as teorias da identidade para que estas suportassem uma norma feminina e não masculina. Exemplo disto são as críticas à teoria de Kant e ao princípio iluminista do sujeito independente, autónomo e individualista, estando a favor da lógica de conexão, relacional, sujeito que cuida, formado por relações sociais e em que a ética é definida pelo cuidado com os outros (Mackenzie & Stoljar, 2000). A psicologia do século XX focou o indivíduo como um produto particular de práticas específicas e históricas da regulação social, e não entendida como uma entidade fixa (Henriques, Hollway, Urwin, Venn, & Walkerdine, 1984/1998).

Hollway (2009) afirma que uma análise psicossocial baseada no princípio psicanalítico do inconsciente consegue explicar quais e como os processos psicológicos funcionam para determinar a identidade. Para alcançar o objetivo, a autora faz uso das teorias de relação de objeto e da psicanálise relacional, que entendem a formação da identidade como radicalmente relacional, afastando-se da teoria pulsional de Freud. Ambas partilham a premissa psicanalítica de dinâmicas inconscientes que estão em conflito e que não respeitam as barreiras físicas, mas movem-se entre as pessoas sem intenção nem aviso constituindo-se assim a centralidade da noção de dinâmicas intersubjetivas do inconsciente. Por outro lado a autora está de acordo com as abordagens desenvolvimentistas, pois afirma que a formação da identidade acontece ao longo da vida e que envolve dinâmicas de «vir a ser» ou «dinâmicas de tornar-se», salientando dois momentos da vida que afirma serem essenciais para a formação da identidade: a infância e o estado adulto de ser mãe.

Neste sentido a noção de intersubjetividade é mais do que as pessoas estarem numa «relação interpessoal», que pressupõe duas pessoas separadas se relacionarem. Alguns autores focam-se mais ou na individualidade ou na intersubjetividade como características que estão no cerne da identidade e desde o nascimento. Mas Hollway (2009) afirma que tanto a individualidade como a intersubjetividade estão presentes desde o nascimento e que ambas contribuem para a construção do *self*, focando a importância na exploração dos conflitos e tensões entre eles como forma para entender como estes se transmitem nas várias expressões da identidade.

A teoria das relações de objeto, que teve origem no trabalho de Melanie Klein, citado por Hollway (2009), estabelece que as relações com os «objetos» são o princípio central da formação da identidade, atividade e interação com o mundo exterior. Afirma que os eventos do mundo exterior não são apenas definidos pela linguagem ou discurso, mas também pelo

«estado de espírito» das pessoas ou «mundos internos», onde a ansiedade e o desejo agem de forma criativa. A ideia de mundos internos surge na teoria de relações de objeto como um mundo de fantasias inconscientes. Este mundo interno é um modelo das nossas relações com o mundo externo e é ao mesmo tempo formado por este. Esta interpretação defende que o mundo externo (as relações complexas entre as pessoas em todos os seus aspetos) são parte integral da formação e mudança da identidade.

Hollway (2009) refere ainda que Donald Winnicott, elaborou teorias sobre a maternidade e a formação da identidade, facto que constituiu na altura uma revolução no pensamento analítico nomeadamente na psicanálise Americana, em que a conceção analítica do sujeito considera a noção de interdependência entre a subjetividade e a intersubjetividade. A autora refere que Melanie Klein ao enunciar «*nós somos membros uns dos outros*», revela a importância da intersubjetividade. A ideia que os outros também estão dentro de nós não anula a separação e diferenciação psicológica, ou seja, a individualidade, mas levanta importantes questões de como acontece. Deste modo a intersubjetividade inconsciente é importante para entender como os processos psicológicos passam a ser processos psicossociais, no entanto esta explicação não é suficiente. A relação com o mundo externo, com as pessoas, com as «coisas» e com as diferentes realidades é garante de que a identidade está sempre em processo. Para a psicanálise, estes encontros com realidades diferentes são sempre um conflito entre o mundo interno e o mundo externo o que provoca uma formação e reformação da identidade.

O tornar-se mãe joga com dinâmicas que se expressam na dialética entre individualidade e intersubjetividade (Ogden, 2001). Isto acontece porque a única opção do bebé é a intersubjetividade: só há uma «presença/salvação» para o bebé, que é a mãe. Quando há a sua ausência, a dor e o trauma são experienciados. A maternidade desencadeia preocupação na mãe e faz com que esta re-experencie a intersubjetividade do seu bebé, em simultâneo com o seu próprio estado de diferenciação que esta atingiu em adulta. Este estudo da identidade maternal faz com que se explore a identidade através da ideia de que a transição da identidade é gerada pelo conflito. Um motor primário para a mudança da identidade ocorre quando se é mãe, devido à existência do conflito entre a individualidade e a intersubjetividade radical que o bebé, inconscientemente, requer à mãe. Este sentimento é descrito pelas mães como «quero a minha vida de volta», num contexto em que «colocam o bebé primeiro» (Hollway, 2009).

Para além da subjetividade e intersubjetividade, Ogden (1994), defende a existência de um terceiro elemento, criado por estes dois mas que também os cria. Este terceiro elemento é

o movimento dialético da subjetividade e intersubjetividade, quando dois indivíduos se conhecem num nível psíquico. Aqui poder-se-á referir o exemplo da mãe e do bebé: existe uma mãe e um bebé em termos de separação física, e isto coexiste numa tensão dinâmica com a unidade mãe-bebé.

De acordo com Winnicott (1971) nenhum ser humano aceita totalmente a realidade e nunca está livre de ter que relacionar as forças internas e externas (o seu mundo interior e a realidade). Há uma tensão entre esses dois mundos, que só é aliviada por uma área intermédia de experiência, que também não é contestada. O autor teorizou esta área intermédia de «experiência» para a qual tanto o mundo interno como a realidade contribuem, através do seu conceito de «objetos transacionais».

Hollway (2009) considera ser importante que primeiramente se perceba o conceito de realidade na perspectiva de Winnicott. Assim, para o autor, o conceito de realidade em termos de dinâmicas do mundo interno não é visto como uma unidade individual, mas sim como estando sempre num estado de tensão ou conflito com o mundo exterior (incluindo pessoas e coisas). Emprega aqui uma conotação psicossocial ausente na teoria social contemporânea. O lidar com a realidade externa é viver sempre numa tensão pois esta não está de acordo com os nossos desejos e está fora da nossa área de onipotência. É na percepção de que não se tem controlo sobre as coisas que o conceito de «objetos transacionais» tem lugar. É também entre a experiência indiferenciada do recém-nascido (em termos de identidade) e a experiência relativamente estável de uma identidade separada que Winnicott coloca uma área intermédia a que chama «espaço transacional». É nesta área que os objetos são experienciados pelo bebé por não os compreender nem como internos nem como externos. Desta forma, a natureza destes objetos é paradoxal: não são objetos internos, ou seja, concepções mentais, nem objetos externos (Winnicott, 1971) e explica que esta é uma área de experiência neutra, entre a necessidade do bebé de onipotência e o conhecimento da existência de outros objetos, incluindo a mãe (a mais importante), que não estão sob o seu controlo. Não é o objeto que é transacional, mas este representa a transição do bebé, de um estado onde está fundido com a mãe para outro onde está em relação com esta como um objeto de fora e separado (Winnicott, 1971).

2.2 A Identificação

Quando falamos de identificação numa aceção psicanalítica esta compreende as dinâmicas entre o mundo interno e externo (Hollway, 2009). A autora refere que Freud afirmou que a identificação em psicanálise é interpretada como a primeira expressão de um

«laço emocional» com outra pessoa. Este conceito dá um *insight* na «relacionalidade» e tem uma vida emocional como centro. A interpretação radical deste conceito implica que não há uma fronteira que separe uma pessoa de outra onde exista uma vida emocional. Os desenvolvimentos efetuados por Freud da teoria da identificação foram de extrema importância pois fizeram perceber que as fronteiras do *self* são permeáveis e que o aparente objeto isolado está sempre a assimilar o que está no seu exterior. Assim, o ego não é realmente independente mas feito de objetos que vai assimilando (Benjamim, 1998). Deste modo, a identificação relaciona-se com o processo de encontrar semelhanças com o *self* em objetos externos mas também em perceber que esses objetos são separados da identidade.

Freud descreve a identificação como um processo cujo resultado é uma mudança de identidade: é um processo onde um objeto foi recolocado dentro da fronteira do ego e que antes era experienciado como objeto exterior, causando assim alteração no ego (Hinshelwood, 1991). Estes objetos são capazes de penetrar no ego e de o alterar, provocando uma mudança de identidade. A identificação com objetos de que gostamos é a forma de criarmos uma personalidade, processo normal e básico das relações humanas. A projeção, pelo contrário, esgota o *self* porque é o processo através do qual alguns objetos são proibidos de entrar no *self* por causarem ansiedade.

A mudança conceptual de projeção e introjeção para identificação projetiva e introjetiva alarga a teoria até à intersubjetividade propriamente dita pois refere-se ao modo como os objetos, maus e bons, estão relacionados quando movidos para dentro ou para fora (Hollway, 2009). A autora refere que o conceito de identificação projetiva em Bion, influenciou a mudança dos conceitos acima referidos, tratando todo o processo como um verdadeiro processo intersubjetivo. O seu conceito de contenção, baseado no processo de identificação projetiva (Bion, 1961), teoriza o que ele afirma ser um dos modos de comunicação mais primitivos e inconscientes na relação mãe (continente) – bebé (conteúdo). Desta forma o conceito de identificação projetiva em Bion (1961) é o modo normal de comunicação entre os bebés e os adultos que cuidam deles e onde opera a função α como transformadora dos elementos β . Os bebés, sem complexidade mental para conter as suas ansiedades, depositam-nas (elementos β) na contenção dos adultos para sobrevivência psicológica, recebendo-os então transformados pela função α onde a «capacidade de *rêverie*» tem lugar pela ressonância emocional existente. Bion aproveita exemplos de pacientes para explicar a expulsão de sentimentos maus, que os pacientes tentam delegar no analista (tal como o bebé na mãe), e que por vezes faz com que os seus problemas se resolvam, i.e., se o analista «aceitar» essa transferência, o paciente pode introjetá-los em segurança e alguma

mudança pode ocorrer no seu interior. Caso o paciente sinta que o analista está a rejeitar esses «maus sentimentos», antes de os introjetar, eles tornam-se mais dolorosos e este tenta renegá-los com maior violência no analista. Estes exemplos mostram a identificação projetiva como uma forma de comunicação inconsciente.

Na teoria de Bion (1961) o objeto externo é parte integral do sistema. O seu modelo de «continente-conteúdo» mostra de que modo o ambiente externo é importante. Uma contenção bem-sucedida é importante para atenuar a divisão de bom objeto e de mau objeto sabendo que todos os objetos externos contêm bom e mau em simultâneo, e é unânime a opinião de que um *self* bem desenvolvido é aquele que é capaz de compreender a existência em simultâneo do bom e do mau no mesmo objeto. Posto isto, o processo de contenção ajuda no desenvolvimento desta capacidade e na identificação com objetos externos, evitando assim que o *self* se esgote pelos processos de projeção e divisão.

Hollway (2009) refere que Klein, Bion e Winnicott defendem que os modos de experiência vão sempre oscilar entre a aceitação da realidade e os tipos de ilusão que a recusam e que tanto a «relacionalidade» como a individualidade são aspetos cruciais na construção da identidade. Esta constrói-se através de trocas entre o mundo interno e externo, que estão sempre em conflito. São múltiplas e dinâmicas identificações que operam para mudar a identidade, não apenas num momento, mas através de gerações. Considera que a intersubjetividade é bastante importante para a criação da identidade na medida em que está presente desde o primeiro momento, através da relação mãe-bebe, mas a individualidade também é inalienável, devido à singularidade do corpo. Deste modo a teoria psicanalítica é importante para perceber o modo como fazemos a encarnação/personificação das «coisas» exteriores. A autora ressalta ainda que Winnicott, com a sua teoria dos «objetos transacionais» e a «área intermédia de experiência», que diminui o conflito entre as forças do mundo exterior e interior, veio introduzir criatividade e resgatar a identidade da ideia que era apenas produto de forças sociais ou de mentes autónomas.

3. Herança Cultural e Identidade

3.1 Uma Incursão na e pela Etnopsicanálise

O sujeito migrante é uma pessoa deslocada (*déplacée*) «*suspense entre dois mundos*» (Nathan, 1986), «*órfão da própria cultura*» (Jelloun, 1977), numa condição «*des-identidade*» ou «*manque à être*» (Bastide & et al, 1976, citado por Pussetti, 2010).

A primeira intrusão da psicanálise na Antropologia acontece pela obra de Sigmund Freud «Totem e Tabu» (1911-1913), querendo mostrar que as concepções da psicanálise (inconsciente, sexualidade infantil, censura, repressão, complexo de Édipo) podem assumir o papel principal na compreensão da origem da moral, da religião e da civilização (Paduart, 2008). Freud baseou-se nas exposições de Charles Darwin (mito da horda primeva), William Robertson Smith (refeição onde se come o animal totêmico), de especialistas em religiões bíblicas e totemismo, bem como nos grandes antropólogos do século XIX, como James Frazer e Edward Burnett Tylor. Deste modo, Freud articula estes dois pressupostos com a sua teoria do complexo de Édipo, que reafirma ter a centralidade e a onnipresença não só na gênese das neuroses, mas também na formação de culturas e da civilização. Defende igualmente uma transmissão filogenética da culpa uma vez que ao remorso, culpa e o tabu do incesto, se seguirá o parricídio, inscritos assim como a causa da civilização (Paduart, 2008).

Abram Kardiner, Ruth Benedikt e Margaret Mead destacam a singularidade de cada cultura sendo que, Margaret Mead defende o desenvolvimento de uma personalidade específica: «personalidade de base» ou «personalidade modal». Deste modo, defendem o relativismo cultural e rejeitam a centralidade do Édipo, pois para estes autores, os padrões culturais precedem a constituição psíquica individual, e não o inverso. Abram Kardiner escreve em 1939 que «*nenhum complexo de Édipo cria organização social, mas sim o oposto*» citado por Paduart (2008).

Face à relatividade dada por Freud à cultura, Geza Roheim, psicanalista e antropólogo, primeiro animador da escola húngara de psicanálise, coloca em causa a legitimidade da obra de Freud, «Totem e Tabu», argumentando a excessiva importância dada à figura paterna (o assassinato do pai) e defende o trabalho da austríaca Melanie Klein, que salienta a importância da figura da mãe arcaica na base do totemismo. Roheim contesta ainda a explicação de Freud da transmissão cultural da culpa pela filogenia, ao defender que deveria pensar-se sob uma perspectiva de transmissão ontogénica. Roheim torna-se então o pioneiro eminente da psicanálise aplicada ao campo etnológico. Como tal, o seu projeto era desenvolver uma teoria ontogénica da cultura, procurando a origem de cada uma e respetiva variante etnológica do trauma infantil específico (oral, anal e fálico). Para Roheim, a explicação da cultura é intrapsíquica, enquanto que para o Culturalismo é o oposto, ou seja, a objetividade, e para isso vai juntar-se a Georges Devereux, de forma a resolver este impasse epistemológico (Paduart, 2008). Assim, Georges Devereux, psicanalista e antropólogo húngaro, considerado como o fundador da Etnopsicanálise, disciplina científica que se baseia no conceito metodológico de Complementarismo, escreve no seu artigo «Normal e Anormal»

datado de 1956: «(...) *concluída a minha formação como etnólogo, ou seja, especialista da Cultura e do Homem (...) se eu tivesse sido primeiro psicanalista, teria sentido a necessidade de estudar etnologia, a fim de completar a minha especialidade na aquisição de conhecimento da psique humana (...) porque, como parte de uma tentativa de compreender o homem de forma significativa, é impossível separar o estudo da cultura da psique, precisamente porque psique e cultura são dois conceitos que, embora totalmente separados estão localizados em relação à outra numa relação complementar heisenbergienne.*» (Paduart, 2008). Como tal, a metodologia em Etnopsicanálise, deve-se constituir num duplo discurso, psicanalítico e etnológico, multidisciplinar não em simultâneo, mas sim em união (Paduart, 2008).

Roheim (1972/1943) defende que o homem não existe fora da cultura. Para o autor, a cultura significa humanidade, ou seja, as manifestações tidas como sendo as mais elementares da existência humana, podendo ser consideradas como demonstrações iniciais da cultura. A noção de que o homem na sua condição natural e universal e a possibilidade da sua existência poder acontecer à margem da cultura, de acordo com Moro (2015) parece estar ultrapassada. Por outro lado, refere a Tradição Filosófica, a definição de cultura é uma condição de corte racional e constituída por categorias, o que possibilita aos sujeitos a constituição da sua própria e singular leitura do mundo que os rodeia, e a possibilidade de atribuição de sentido aos acontecimentos. Sendo essas categorias arbitrárias, no sentido em que variam de cultura para cultura, podem ser consideradas como sistemas de inteligibilidade transmitidos aos sujeitos de modo implícito. Moro (2015), sublinha que a tradição fenomenológica, o «*Se representar*» significa «*esculpir o real*», i.e., a escolha de categorias que lhes são comuns para compreender o mundo de forma ordenada. Assim, esses mundos partilhados são então o fundamento das representações para cada grupo específico.

Na identidade de cada ideologia cultural, Moro (2015) sublinha que residem especificidades particulares, que abarcam como por e.g., a língua, os sistemas de parentesco, a culinária, as artes, as formas de cuidar e de fazer e modos de maternagem (relações afetuosas). São portanto, estes elementos que se estruturam, de modo coerente em representações e enunciados linguísticos atribuindo sentido e codificados numa ímpar e determinada linguagem. Tais representações culturais constituem-se como o *interface* ou elo de ligação entre o mundo individual e o mundo coletivo, produto da apropriação por parte do sujeito, do seu pensamento de origem cultural e dando sentido à experiência subjetiva e sua respetiva enunciação. Assim, o sujeito incorpora essas representações e reapropria-se das suas significações, dos conflitos inerentes, dos seus sentidos. Deste modo, a cultura é o que

permite descodificar «*o total*» das experiências vividas pelo sujeito, é o que possibilita antecipar o sentido de acontecimentos, logo é o que permite «*dominar*» a intensidade do imprevisível e conseqüentemente, do não sentido. O lugar da cultura permite ao sujeito confrontar-se com um «*quadro*» de leitura do mundo real e possibilita a sua descodificação, o que implica obrigatoriamente colocar em prática todo um processo complexo de inferências ontológicas, bem como, de inferências de casualidade que atribuem sentido a um determinado acontecimento. No interior desses sistemas culturais, extremamente complexos e em constante movimento e transformação, identificam-se constituintes eficazes para a compreensão e subseqüente tratamento do sofrimento psíquico em contexto transcultural.

As perdas e as faltas podem desorganizar e ser fonte de grande sofrimento para o sujeito migrante. As sociedades tentam pensar o não sentido e procuram encontrar um sentido possível, mesmo que transitório. Zempléni (1985) refere a necessidade de definir as teorias etiológicas, ou seja, as teorias culturais sobre as quais os sujeitos se protegem para sobreviver à dor e ao não sentido. Moro (2015), enuncia que a experiência migratória não é apenas um ato social, mas está também inscrita na ordem do psíquico. O deslocamento migratório implica inevitavelmente uma rutura com o contexto externo onde o migrante se inscreve, e envolve igualmente uma desorganização do universo e do sentido interiorizado por este. A migração é um acontecimento sociológico, inscrito num contexto histórico e político, que acarreta conseqüências para os sujeitos que a experienciam. Sendo diversos os entendimentos que conduzem ao deslocamento migratório, crescem conjunturas que precedem a viagem e que poderão potenciar um sentir traumático. No entanto, esta experiência pode também ser estruturante e inaugurar uma nova dinâmica intrapsíquica.

Assim, os conceitos de complementarismo, descentragem e universalidade psíquica (Moro, 2015) permitem pensar as interações entre o nível coletivo, intersubjetivo e intrapsíquico, considerando a dimensão clínica, antropológica e linguística. Esta questão metodológica foi colocada de modo rigoroso pelo antropólogo húngaro, psicanalista e fundador da emergente ciência, a Etnopsicanálise, Georges Devereux (1977), que integrou determinados fenómenos no campo da psicanálise e da antropologia. Com o objetivo de se alcançar uma leitura exigente, era obrigatório o uso desta dupla matriz epistemológica, embora não em simultâneo (Devereux, 1985). O autor defende que o complementarismo, inscrito numa dupla leitura de relatos de pacientes, contribui para o descentramento do analista, sendo este o segundo princípio metodológico enunciado pelo autor, e requisito necessário para a obtenção de uma leitura transcultural de caso, ou seja, uma leitura plural que favoreceria a multiplicidade de significados e logo uma rutura com a posição etnocêntrica do

analista até então defendida. Deste modo, complementarismo e descentragem são os constituintes fundamentais para uma clínica plural, a referenciada anteriormente como uma clínica transcultural. No que se refere ao plano teórico, Moro (2015) salienta que o postulado da universalidade psíquica constitui-se como o pilar primordial desta clínica, sem o qual a Etnopsicanálise seria impossível de se constituir como ciência, dando o mesmo estatuto ético, bem como científico, a todos as pessoas, às suas produções culturais e psíquicas, aos seus diversos modos de viver, estar e pensar, mesmo quando esses mesmos modos possam parecer desconcertantes, mas repletos de significados e significantes.

Tobie Nathan (1986) defende que todas as pessoas pertencem a uma cultura, e é submerso neste referencial que constroem a sua individualidade e unicidade humana, bem como a sua universalidade. Importa ter o foco no estudo do particular, sem especular o que é universal, e é esta a base da abordagem etnopsicanalítica ou de uma psiquiatria transcultural. Seguindo esta lógica, a adoção de uma atitude transcultural é importante, pois deve-se privilegiar uma posição *emic* (de dentro do grupo social a partir da perspectiva do sujeito) que permite ao paciente verbalizar o sentido dos seus sentires através dos quais se deve tentar alcançar o ponto de vista do paciente do interior da sua cultura, e não adotar uma atitude *etic*, a partir do exterior (a partir da perspectiva do observador), na qual imporíamos o nosso ponto de vista externo à cultura do paciente (Moro, 2015).

3.2 Sistemas de Filiação e Afiliação Cultural

Scheffler (1985) refere que segundo o antropólogo Meyer Fortes, a dimensão filiativa diz respeito à relação que existe entre uma pessoa e os seus pais e que deriva simplesmente do facto de essa pessoa ser filho dos seus pais, contrariamente a descendente, que significa a relação de uma pessoa com qualquer um dos seus ascendentes (e não especificamente os pais). Deste modo, a filiação ou ser descendente de, é condição por vezes necessária/suficiente para se ser membro de um grupo ou comunidade, e aqui falamos da dimensão afiliação.

Schneider (1967) sublinha que a filiação, como a descendência, expressa um conjunto de símbolos que numa cultura particular define a relação pais-criança. Independentemente daquilo que torna um o pai de outro, isto define ao mesmo tempo a relação de filiação. Neste sentido a filiação e a descendência funcionam no universo do parentesco. A filiação é uma relação diádica (de duas pessoas) e é representada pela forma como a relação pai-criança é definida numa cultura. Neste contexto, o autor define uma pessoa como um parente, uma construção cultural onde os sistemas de filiação e afiliação se inscrevem. A identidade étnica

deve ser entendida como um «processo identitário» e como um «processo de singularização», e não como algo já constituído. Desta forma, a identidade deve ser explorada de um ponto de vista histórico e não biológico (Schneider, 1967).

De acordo com Kreutz (1999) ao sublinhar Levi Strauss, a cultura é um elemento fundamental na construção da identidade, e portanto este último conceito deve ser construído não a partir de um elemento empírico mas sim tendo em conta elementos simbólicos e culturais. O mesmo autor refere que a identidade étnica vai-se reconstruindo e modificando ao longo do processo histórico. Sublinha também que o sociólogo Stuart Hall afirma que nos projetamos a nós próprios nas identidades culturais, e em simultâneo internalizamos os valores e costumes dessa mesma cultura, fazendo com que sentimentos subjetivos sobre os nossos lugares objetivos no mundo cultural sejam desenvolvidos. Desta forma a identidade «costura» o sujeito à estrutura. A identidade étnico-cultural, mesmo quando é marginalizada, nunca é uma realidade muda ou um simples objeto de interpretação. Esta é fonte de sentido e de construção do real. A etnia dá significado às relações de poder e ao processo histórico como um todo.

Para Nathan (1986), a cultura é como um «mapa mental», que permite aos indivíduos viver em sociedade, evitando sentimentos de perplexidade. Assim, o mundo psíquico (interno) e o mundo externo (cultura) comunicam entre si, na medida em que um influencia o outro e detêm a mesma linguagem. A cultura é tida como um lugar de construção da linguagem simbólica do sujeito que integra o seu desenvolvimento psíquico (Moro, 1998).

A língua também é um importante elemento constituinte da identidade, que incorpora em si representações e organizações simbólicas (Mesmin & Myriam, 1995), na medida em que muitas das vezes o país de acolhimento tem uma língua diferente do país de origem. A dificuldade do sujeito migrante em comunicar o seu possível «mal-estar» pode ser elevada, o que contribui para uma maior vulnerabilidade psíquica do migrante, remetendo mais uma vez para as questões identitárias. Mesmin e Myriam (1995) defendem a existência de três dimensões que se impõem num processo migratório e passíveis de fazer emergir problemáticas naquele que migra: a dimensão das perdas e separações que abrangem os vínculos de origem, de afiliação e os atuais vínculos; a dimensão da identidade relacionada com a alteridade e a dimensão da projeção de si mesmo, no tempo e no espaço, que abarca a coerência e o sentido das experiências passadas e atuais. Muitas das vezes a experiência migrante pode traduzir-se e ser sentido como trauma, que induz problemas psicológicos relacionados com a «perda de coesão» e a «continuidade de si» (Mesmin & Myriam, 1995). A ausência da cultura de origem provoca uma falha de comunicação entre o mundo externo e

interno que instiga a uma perda da fluidez dos mecanismos mentais. Nesta situação de vulnerabilidade psicológica os mecanismos de defesa deixam de funcionar eficazmente. Deste modo, as consequências psicológicas que mais se verificam prendem-se com os transtornos depressivos e ansiosos. Ademais, os indivíduos podem sentir uma «dor» interior, que advém da dificuldade em reconstruir a sua «nova» identidade (Mesmin & Myriam, 1995).

4. Metodologia

4.1 Tipo De Estudo

Pretende-se com este estudo uma compreensão do sujeito psicológico que experiencia a vivência migrante. Para isso torna-se fundamental a utilização de uma metodologia de carácter humanístico com o objetivo de validar e controlar a qualidade do conhecimento a que se chega. Neste sentido os testes de validade são imprescindíveis para avaliar a qualidade da pesquisa. Yin (2001b) refere quatro tipos de testes de validade utilizados em estudos de caso, a saber, validade do pensamento formado (constructo), validade interna, validade externa e confiabilidade.

A validade do constructo é por vezes referido/criticado no sentido de os investigadores utilizarem julgamentos subjetivos para recolher os dados: «*os dados recolhidos podem derivar de impressões pessoais do investigador*» (Yin, 2001b). Para aumentar a validade deste elemento são utilizadas diferentes fontes de evidências, de forma a estabelecer um encadeamento, o que cria linhas convergentes na investigação, aumentando assim a validade da pesquisa. No que se refere à validade interna é apenas importante para estudos de caso causais ou explanatórios. Esta lógica não serve para estudos descritivos ou exploratórios como é o caso deste estudo, que tem carácter exploratório. Quanto à validade externa relaciona-se com saber se o que foi descoberto no estudo pode ser generalizado para além desse mesmo estudo de caso. De acordo com o autor, os estudos de caso têm problemas nesta área, mas não se pode comparar o levantamento de dados baseado em generalizações estatísticas, que é o caso de estudos que são facilmente generalizáveis, com o levantamento de dados baseado em generalizações analíticas, que é o caso dos estudos de caso (Yin, 2001b). Na generalização analítica o investigador tenta generalizar um conjunto de resultados a uma teoria mais abrangente. Outro termo existente para avaliar a qualidade da pesquisa é a confiabilidade (Yin, 2001b), que serve para minimizar os erros do estudo e visões tendenciosas. O investigador repete o mesmo estudo de caso que outro investigador já tenha feito e vê se chega às mesmas conclusões.

A validade de um estudo de caso depende muito das fontes de evidências, e é importante que sejam múltiplas, para aumentar a fiabilidade e qualidade dos dados recolhidos. A descrição e referências dessas fontes, quer sejam textos ou entrevistas, descrição do local, hora onde foram realizadas, são elementos que ajudam a aumentar a validade do estudo (Yin, 2001b). Para evitar ameaças à validade do estudo, antes de se realizar apenas uma entrevista, devem realizar-se várias. Neste caso foi possível realizar duas entrevistas, o que possibilitou maior esclarecimento sobre algumas problemáticas que iam surgindo no discurso dos participantes, bem como confrontar evidências. Deste modo houve especial atenção à validade das evidências, ou seja, às fontes e às entrevistas.

Assim, o tipo de estudo a que se recorre na presente dissertação de Mestrado é o Estudo de Caso, amplamente utilizado em Ciências Sociais e que contribui para a compreensão de fenómenos individuais, sendo cada vez mais utilizado como método de pesquisa em Psicologia Clínica, preservando características holísticas e significativas em acontecimentos da vida real (Yin, 2001b).

Este método pode ter um cariz mais quantitativo ou qualitativo, dependendo das perguntas de investigação e dos objetivos do estudo. Um estudo de caso quantitativo dá maior importância à medição objetiva e à quantificação dos dados e resultados que se vão obtendo na investigação (Godoy, 1995), enquanto o qualitativo coloca maior ênfase nos processos e significados dos resultados (Gracia & Quek, 1997), sendo uma análise mais aprofundada relativamente à perceção que se tem do fenómeno investigado. Na presente dissertação, irá utilizar-se o estudo de caso qualitativo, pois pretende-se uma compreensão subjetiva do sujeito psicológico que migra para outro lugar novo e desconhecido.

Para além destas duas categorias, o Estudo de Caso divide-se igualmente em Descritivo, Exploratório e Explanatório. O primeiro foca-se na descrição do fenómeno dentro do seu contexto; o Exploratório visa tratar questões que não são ainda de conhecimento geral, definindo hipóteses e criando material de apoio a investigações futuras; e por fim, o Explanatório pretende explicar, a partir de uma teoria, diversas relações de causa e efeito (Yin, 2001b).

É importante considerar que um Estudo de Caso pretende responder a questões do tipo «como?» e «porquê?», na medida em que o investigador não tem um grande controlo sobre o contexto que está a estudar. O caso, resultante da utilização deste método numa investigação, pode ser visto como *«uma forma de pesquisa empírica que indaga um fenómeno contemporâneo envolvido num contexto real, mormente quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são evidentes»* (Yin, 2001b). Um «caso» pode ser então um

indivíduo, um pequeno grupo, um processo, uma organização, um acontecimento, entre outros. As fontes de informação utilizadas são múltiplas e variadas (e.g., observação direta, análise documental, entrevistas, arquivos, artefactos físicos, etc), de modo a que as conclusões convirjam (processo denominado por *triangulação de dados* (Gilham, (2000) citado por Yin (2001b)), apesar do fenómeno observado ser apenas um (ou um número reduzido). O estudo de caso inclui a maioria das técnicas utilizadas em pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências: a observação direta e a série sistemática de entrevistas. Neste sentido, o estudo de caso não é uma «amostragem», que representaria uma população, na medida em que o objetivo do investigador é expandir e generalizar teorias (generalização analítica) e não enumerar frequências (generalização estatística) (Yin, 2001b). O estudo de caso permite e implica que o investigador observe, entenda, analise e descreva uma determinada situação real, adquirindo conhecimento e experiência que podem ser úteis na tomada de decisão frente a outras situações. A obtenção dos resultados depende assim em larga medida da boa capacidade de integração do investigador. Muito embora já se tenha pensado bastante que os estudos de caso sejam uma pesquisa «fácil», é contudo complicada e subjacente ao paradoxo de quanto «mais fácil» for uma estratégia de pesquisa, mais difícil será realizá-la e interpretá-la (Yin, 2001b). O presente estudo de caso tem carácter exploratório pois compreende a(s) pessoa(s) como Única e como sendo a unidade primária de análise.

4.2 Método

Segundo Hollway e Jefferson (2000) as narrativas devem ser analisadas segundo determinado tipo de critérios. Utilizam a teoria “*Defended Subjects*”, na medida em que procedem à análise das narrativas tendo em vista que os sujeitos apresentam como motivação principal na construção de discursos específicos a necessidade de se defender a si mesmos contra sentimentos de ansiedade. A análise das narrativas deve ser interpretativa e não considerar apenas o que os participantes disseram da forma como disseram; deve também ser dada importância ao contexto como um todo e não apenas às partes. Esta visão geral pode ajudar a interpretar determinadas partes da entrevista – é útil na descoberta de contradições no discurso, por exemplo. É necessário confrontar as interpretações feitas sobre a narrativa com a teoria, de forma a aumentar a robustez do trabalho. Além da teoria, os autores defendem um uso da reflexividade, i.e, o investigador utilizar a subjetividade e a experiência pessoal para interpretar elementos da narrativa. Afirmam que uma dose de criatividade e intuição é saudável na correta interpretação das narrativas, mas sem invalidar o recurso à teoria. Defendem a utilização do princípio da *Gestalt*, onde se olha para a forma do todo e não para

as partes, e que permite que os dados estejam conectados «dentro da mente» (Hollway & Jefferson, 2000). O investigador faz o *insight* das narrativas a nível consciente mas também inconsciente, o que nos remete para as noções psicanalíticas de transferência e contra-transferência e de identificação projetiva. Estas mostram a «absorção» inconsciente que o investigador faz do participante. A distância entre participante e entrevistador deve deste modo ser equilibrada, dando espaço ao investigador para pensar, mas garantindo que não se perdem a sensibilidade empática, a recetividade e a contra-transferência. Hollway e Jefferson (2000) defendem assim esta abordagem de proximidade e de *insight* inconsciente.

Ao analisar a entrevista, a interpretação deve ir no sentido da criação de ligações entre diversos elementos falados pelos participantes. Enquanto a recolha de dados é baseada na livre-associação, a sua análise tem base interpretativa. No entanto, os autores não deixam de garantir a objetividade e confiabilidade do estudo. É importante afirmar que estes autores vêm o sujeito por um prisma psicossocial e não apenas psicanalítico.

Hollway & Jefferson (2000) defendem, mais do que interpretar uma entrevista como pergunta-resposta, nesta é construída toda uma narrativa à volta de um acontecimento, com o objetivo de estudar um determinado fenómeno sob uma abordagem hermenêutica. Quem entrevista é visto como um bom ouvinte, e o entrevistado como um «contador de histórias» e não apenas como aquele que somente responde. Considera-se também que o entrevistador vai «vazio» para o momento.

Hollway e Jefferson (2000) sublinham ser essencial a pesquisa na investigação das ciências sociais, pois o investigador e o «investigado» estão a influenciar-se mutuamente, e visto que esta influência, no início, pode não ser notada, a indagação é muito importante para perceber que fatores emocionais e intelectuais podem influenciar o investigador, mas também que informação do investigado é passada através dessa influência. Neste estudo considera-se que o entrevistador está ansioso por não conhecer a situação da entrevistada/o e por querer que a entrevista corra bem, o que pode desencadear uma reação inconsciente no entrevistado em se defender (Hollway & Jefferson, 2000). Os mesmos autores defendem que ao desenvolver-se a entrevista narrativa de livre-associação, é possibilitado o emergir de forças e fraquezas deste tipo de abordagem. Usando a livre associação na narrativa, há significados pessoais que se mostram, e que antes não eram óbvios. A intersubjetividade e a relação de pesquisa determinam que o foco não pode estar apenas no entrevistado, pois as narrativas que saem da entrevista e a produção de dados são um resultado da relação que o par estabeleceu. É também importante ter atenção aos sentimentos que o entrevistador tem em relação ao

entrevistado e à entrevista em si, pois estes podem ajudar a produzir os dados para a investigação (Hollway & Jefferson, 2000).

Segundo a autora Walkerdin (1997), os sentimentos do investigador além de possibilitarem diferentes interpretações da entrevista analisada, chamam também a atenção para o facto de o investigador não ser mais, nem diferente do que o seu objeto de pesquisa (a pessoa que está a entrevistar).

Este método de estudo pretende apresentar como relevante as dinâmicas inconscientes que acontecem durante a entrevista, onde as intervenções do entrevistador nunca poderão ser neutras. A questão que se coloca é, se as intervenções do entrevistador poderão ir no sentido de ajudar a contar a história e ir ao encontro da verdade. Para isso é necessário ter atenção ao facto de não se «impor os significados» do investigador no entrevistado.

Os conceitos de contenção e reconhecimento têm sido usados pelos psicanalistas para definir alguns aspetos da intersubjetividade inconsciente. Contenção é quando uma ideia é muito dolorosa devido ao sentimento que tem associado, e a pessoa para se livrar dessa sensação projeta-a noutra pessoa. Se essa pessoa, em quem a sensação foi projetada, conseguir lidar com essa dor, a ideia pode voltar «desintoxicada» e interpretada como um aspeto da realidade. Se essa pessoa não conseguir lidar com a dor, livra-se dela ou então nega-a (Hollway & Jefferson, 2000). Os mesmos autores sublinham que é espectável que quem investiga consiga conter os aspetos negativos da história do participante, e assim permitir que este lide mais, por si mesmo, com as partes negativas. Também é esperado que os entrevistados sintam que os seus significados estejam a ser emocionalmente entendidos, sentindo-se reconhecidos (conceito de reconhecimento). Referem também que os conceitos de transferência e contratransferência tornam claro como as dinâmicas intersubjetivas inconscientes podem influenciar a produção de dados para a investigação e a relação de pesquisa. De acordo com Ogden (1994), durante a entrevista produz-se uma nova pessoa que, apesar de «nova», é reconhecível.

4.3 Participantes

João e Gabriela são irmãos e os participantes neste estudo. O João é um jovem de 28 anos, guineense da etnia Balanta Mané e é evangélico. Migrou para Portugal em 2005 e frequenta um curso superior.

A Gabriela é uma jovem com 27 anos, guineense da etnia Balanta Mané e é católica. Migrou para Portugal em 2005, no entanto já tinha estado em Portugal quando tinha 3 anos de

idade, para tratar de um problema de saúde, tendo voltado novamente para a Guiné. Frequenta um curso superior.

O João é um jovem bonito, simpático e calmo. Apresentou-se um pouco depois da hora marcada e de forma descontraída. Considero que participou com entusiasmo embora no início da entrevista tenha sentido que o João ficou assustado quando lhe coloquei a questão aberta. Confesso que quando transcrevi a sua narrativa, foi uma tarefa difícil porque não me foi fácil perceber o seu português, mas devo referir que gostei bastante deste nosso encontro.

A Gabriela é uma jovem simpática e bonita que sabe cuidar de si. Apresentou-se à hora agendada e bem-disposta. Tem uma atitude ativa e tom de voz firme. Gostei particularmente do nosso encontro pela forma como expressou as suas inquietações, tendo-se inclusivamente emocionado e confessado que foi a primeira vez que conseguiu falar com alguém sobre a sua «revolta».

4.4 Procedimento de Recolha das Entrevistas

Inicialmente pretendia fazer um estudo sobre o Livro do Desassossego de Fernando Pessoa, mas cedo percebi que era um caminho sem fim. Comecei então por me entusiasmar com os temas ligados à Etnopsicanálise, à migração e sobretudo migrantes africanos (PALOP), talvez por ter também descendência angolana e por já ter vivido em Cabo Verde. Foi então que me lembrei do João a quem fiz a primeira entrevista. Posteriormente, por sugestão da minha orientadora de dissertação, entrevistei também a Gabriela, irmã do João. Conheço pessoalmente os participantes deste estudo, uma vez que vivemos no mesmo prédio.

Num primeiro momento contactei o João, procurando saber da sua disponibilidade para participar no meu estudo. Fiz saber que se tratava de uma entrevista que iria ser gravada e se ele aceitava que assim fosse. O participante aceitou e de acordo com as nossas possibilidades, agendámos um dia em Dezembro de 2015.

Num segundo momento contactei a irmã de João, a Gabriela, e coloquei-lhe exatamente as mesmas questões que esta igualmente aceitou, e assim a entrevista foi agendada para Abril de 2016, por conveniência da participante.

Transmiti a ambos que o anonimato e a confidencialidade estavam assegurados, bem como que os seus nomes próprios não iriam ser divulgados (Anexo A).

O *setting* ocorreu em minha casa, na sala de estar. A entrevista com o João teve a duração de 1h45'48'' e a entrevista com a Gabriela, a duração de 52'.

4.5 Procedimento de Análise das Entrevistas

Num primeiro momento, efetuada a entrevista ao João, procedeu-se à transcrição integral da mesma (Anexo B), seguindo-se a sua leitura em voz alta e em contexto de sala de aula na presença da orientadora de dissertação, da entrevistadora e de um grupo de alunos inicialmente constituído por cinco elementos. A entrevista do João ocupou três aulas de 2h30' cada, durante as quais os presentes intervinham de forma livre e espontânea para a interpretação dos conteúdos dominantes na narração.

Num segundo momento efetuou-se a entrevista à Gabriela e procedeu-se à transcrição integral da mesma (Anexo C). Foi lida em voz alta e em contexto de sala de aula na presença da orientadora de dissertação, da entrevistadora e com um grupo variável de alunos que oscilou entre um e três elementos, onde os presentes intervinham de forma livre e espontânea de forma a salientar o que mais se destacava na narrativa. A entrevista da Gabriela ocupou duas aulas de 2h30' aproximadamente.

Num terceiro momento e a partir da análise da parte substantiva das duas narrativas, organizaram-se os dados seguindo o método de livre associação (Hollway & Jefferson, 2000). Após a análise da parte substantiva das narrativas do João e da Gabriela, os grandes temas que se destacaram foram as questões ligadas à identidade, as referências ao “cá” e ao “lá”, a dimensão filiativa e o processo de adaptação e integração. De seguida procurou-se na literatura conteúdos correlativos aos grandes temas que posteriormente foram analisados para cada um dos participantes e em separado.

5. Apresentação e Análise das Narrativas

5.1 Participante A – João, 28 anos

Quando entro na situação começo com o anúncio da minha incapacidade «(...) *vai ser gravada por duas razões: porque eu depois tenho que a transcrever e a outra razão é que eu não consigo reter tudo o que me vais dizer*», ao qual o participante responde «(...) *ah pensei que iria ser mais perguntas da sua parte, nesse caso eu ia respondendo assim eu desenvolvia mais. Eu se calhar vou ficar bloqueado. Não saber que tenho que falar ou não tenho que falar*». Esta resposta de João transmite igualmente a sua incapacidade. Há aqui um anúncio quer meu, quer dele, de uma certa dificuldade neste encontro, que remete para uma igualização de impossibilidades. Por outro lado, eu ao tratá-lo por «tu», bem como esta aproximação que no início enuncia dificuldades, envia para a questão de uma aparente assimetria em termos de tratamento. Devo referir que no ano de 2005 ofereci à família do

participante quase todo o recheio da minha casa, ou melhor, tudo o que quiseram, eles levaram. Em termos sociológicos, a minha relação com estes vizinhos pode remeter para um nível económico diferente, i.e., aqueles que compram o novo e aqueles que aproveitam o usado, colocando o encontro numa posição socialmente assimétrica. Tratando-se de um encontro intersubjetivo, o João estará assim, numa posição desfavorável, o que poderá contaminar a situação no sentido em que aquilo que ele me disser poderá ser pensado *à priori*, como sendo aquilo que eu quero ouvir, uma vez que é natural que as pessoas pensem assim. A primeira transferência do participante surge «*pois não sei se consigo desenvolver assim. Se fosse mais perguntas da sua parte se calhar conseguia mais dar respostas ou desenvolver mais nesse caso*», ou seja, é como se ele não soubesse o que eu quero ouvir, colocando-se numa posição menor, uma vez que eu tenho uma vontade e ele não sabe qual é. Há aqui um movimento de transferência que em psicanálise designa o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida entre eles (Laplanche & Pontalis, 1985). Esta narrativa do João é importante: «*(...) bem desde que eu conheci a minha pessoa sei que o meu pai vivia cá, nesse caso. Sei que um dia quer não quer, a gente vinha cá viver. Dependia dele*». João começa a história exatamente neste anúncio, neste movimento de vir do sítio onde ele nasceu, já sabendo o sítio para onde vinha. Ia atrás do pai. Se num primeiro momento João verbaliza que tinha que vir para cá, num segundo momento verbaliza que o pai abandona uma boa posição lá, para vir para cá. «*Tinha um bom trabalho cá. Acabou por vir cá, a minha irmã estava doente na altura, veio juntamente. Ele simplesmente veio acompanhar a minha irmã. Acabou por ficar. A intenção não era para ele ficar cá. Ele tinha um bom trabalho. Era professor e coordenador de biologia numa escola secundária e tinha um outro trabalho no Ministério de recursos naturais. Trabalhava, nada nos faltava*». Para além do ato falhado, do «cá» com o «lá», cujo resultado explicitamente visado não é atingido, antes se acha substituído por outro, e que segundo Freud, trata-se de uma formação de compromisso entre a intenção consciente do indivíduo e o recalcado (Laplanche & Pontalis, 1985). Também o modo como argumenta «*foi acompanhar a irmã*», sugere um possível infortúnio da irmã.

João diz «*A minha irmã voltou voltou pra Guiné. Entretanto ele foi lá umas poucas vezes praticamente e depois achou que aqui era melhor né? porque depois no 98 na Guiné era instabilidade atrás de instabilidade, questão política, golpe de estado atrás de golpe de estado e o ensino aqui é que chamou mais atenção a ele professor deu aulas e tudo mais porque era melhor a gente vir cá estar. Ele trabalhava aqui, nada nos faltava lá. Chegamos cá praticamente também nada nos faltou, nunca senti assim por dizer discriminado ou algo*

assim. Sempre integrei integrei-me bem.». Há aqui duas razões para o pai vir para cá, a primeira porque cá era melhor e sobretudo porque a guerra começou lá (1998), a segunda porque era bom lá e bom cá, mas lá tinha a guerra e aqui não sabe o que é que tem. O participante começa por dizer que se integrou, no entanto vai para uma Associação como voluntário, e vai usando um discurso que mostra o bom “lá” e o bom “cá” e como enunciado primeiro vai dizendo que é bom “cá”, que se integrou bem, mas depois percebe-se que “lá” era bom mas que há guerra, e “cá” integrou-se mas vai para uma Associação. Aqui introduz a questão de que o pai é que tratou da integração, «*Cheguei por causa do meu pai, se calhar já tinha conhecimento acabei por integrar, apresentou-me várias pessoas*».

É João quem coloca o tema racismo neste encontro «*não tive dificuldade praticamente em termos de racismo ali lá [faz som com a boca] para ser sincero não senti nada até hoje ainda junto-me com os colegas do secundário que já acabaram o curso, eu por algumas questões (...) seja financeira ou algo mais, não entrei segue e não tive preparação também em relação aos alunos que estudaram aqui desde já vinham com bases suficientes em quanto eu, o ensino lá, quer dizer, a partir de 98 foi muito fragilizado*». Diz que está bem, mas depois vai mostrando o que não está bem, que não estava preparado, mas que está bem na escola, apesar de afinal não estar ao nível dos outros. Coordenou no [xxx], também como voluntário, e vai dizendo que a integração foi horrível «*se não fosse o meu pai*». Neste deslize existe uma condição que mostra, que revela, e que esconde a dificuldade. Ele estava ótimo na escola, mas afinal não acompanhava, e vai dizendo que nada disso é racismo, o que revela que vai fazendo enunciados opostos. O João está a revelar mais uma vez uma dimensão que ele reconhece como condição, «*viram a dificuldade que eu tinha, sabe? e me diziam (...) bom aluno podes ser, mas, o que esses traziam atrás, não tens, ma aconselharam, eu senti mal (...) na altura, atrasei-me um pouco, fui para o décimo ano mas já tinha décimo primeiro feito na Guiné*». Sente-se que ele fica inquieto porque lhe dizem que ele não tem conhecimentos suficientes e isto reenvia para a condição de que quem vem de lá, vem diminuído. Coloca a par e passo tudo aquilo que não funciona, «*recebíamos formação dos bombeiros, de coordenadores superiores de curso e fui coordenei e fui, coordenei na altura tinha português em atraso, mas a maioria das pessoas que coordenei já távam no segundo, terceiro ano da faculdade*». A narrativa anuncia, que na escola não funciona, e a par disso vai valorizando este trabalho como coordenador, mas desvaloriza no momento seguinte, enunciando a desvantagem que sente de ter vindo de “lá” e enaltecendo o coordenar “cá”. No entanto há um reconhecimento desse desvalor e parece ser muito claro para ele «*logo ao princípio sai, entrar nesse curso, não vou sair tão cedo de lá. Eu percebi já tava meio mentalizado antes de entrar no curso.*

Não tinha física no secundário». Na Guiné houve a guerra, “lá” ele não aprendeu e “cá” não consegue acompanhar, e isto é compreendido como desvalor, mas depois encontra uma ocupação como coordenador. A sequência do seu pensamento é de um desvalor, e o facto de ele imputar esse desvalor às condições, revela que para quem não se considera racista, e em que tudo corre bem, há como que um menosprezo quanto à sua origem. Chega-se a um momento em que nem há valor nem desvalor «disseram vai à noite, é mais fácil, podes ter estatuto de trabalhador estudante não sei quê, mas encontrei mais dificuldade à noite que de dia». Ele não consegue acompanhar e há como que um contra investimento, reforçando a ideia de um sentimento de desvalor, mas também pode mostrar a intensidade das faltas que ele sente, sendo que, o processo económico do contra investimento emerge como suporte de atividades defensivas do ego, suscetíveis de impedirem o acesso à consciência e à motilidade das representações e desejos inconscientes (Laplanche & Pontalis, 1985). Sugere também uma visão da realidade que mostra a dificuldade que ele sente em fazer essa compensação dentro dele. Entretanto diz: «Já trabalhei também muitos anos e paro paro. Agora tinha uma empresa com o meu tio criou no meu nome (...)de construção civil. Eu era socio da empresa», o que mostra, quer no discurso, quer no movimento dele, a ideia de que ele procura sempre. De facto ele constata uma dificuldade, a desvalorização, as faltas, as falhas, e lança-se para, mas depois percebe-se que o ciclo se repete. Ele está sempre a repetir, ou seja, há um processo de integração, era bom “cá”, era bom “lá”, e percebe-se que nada funciona e o que funciona é o suporte familiar do pai e do tio «Mas em termo de integração aqui, eu simplesmente, eu acho também que vinha com uma base já suficiente por isso não entre (...) noutras vidas por assim dizer, né? Eu cresci na Igreja como tinha dito. Eu acho que ainda até hoje (...) reflete na minha educação(...)isto é, a Igreja onde andei... a católica diz catequese, nós é a escola dominical, era praticamente a mesma coisa (...)», é como o “cá” e o “lá” fossem a mesma coisa, o sucesso, o insucesso e a integração, é tudo igual, não há uma diferenciação, o que sugere remeter para uma coisa e o seu oposto. Ele enuncia o pensamento de um certo modo, mas aquilo que ele explica é o oposto daquilo que ele sente «seja moral, seja o que for. Respeitávamos tudo. Na minha Igreja não se podia beber, fumar, até hoje não faço» e respeita e sempre respeitou o interdito. E é obedecendo que ele não cai «(...) nem entrei, ninguém acredita! Saímos à noite, dizem que estou bebendo às escondidas e tudo mais e que fumo algo, mas não. Cheguei aqui também encontrei jovens que eu digo não conseguiram integrar, escolheram outro caminho. Eu tive com um pé praticamente em dois caminhos por assim dizer. Escolhi esse, ou metia pé aqui aqui caia no meio da água, por assim dizer». Poder-se-á dizer, que o sacrifício é obedecer e que há-de ser compensado por

isso, por tanto obedecer «*Ó pá escolhi se calhar por influência dos meus pais(...) com as bases que eu tinha, escolhi outra via. Sei que vai demorar, mas um dia, lá tá, vou descansar de tanto sacrifício, né? Tinha colegas que depois iam cada tipo de coisas e tudo mais. Sempre que vinham aqui a casa, colegas, seja com rastas o que for, dão uma imagem logo de bandido e tudo mais. O meu pai chamava-me reunião logo a seguir. Aquilo me atrapalhava. Chegou um tempo que eu queria sair de casa e tudo mais, juntar colegas*». O João diz que tem referências, e aqui explicita isso mesmo, mas voltamos à mesma questão: está sempre a colocar princípios de que sempre correu bem, porque era bom, mas cada vez mais ele vai mostrando que não é nada disso. Mesmo as ideias de obediência, não é nada disso. Quando diz que obedece e vai fazer tudo como deve de ser, mostra e reforça a ideia de que os anúncios não são como os coloca em termos de vontade, de integração, de sucesso, de obediência aos princípios da Igreja. Ele de facto não atinge, porque é insuficiente e até transgressor neste caso «*(...)sair de casa*». O João muda de registo quando introduz este desejo de transgredir. Se antes era o desvalor, questões relacionadas com o racismo, agora estamos na transgressão e na possibilidade de transgredir ou não. É a lógica dele e está tudo junto, i.e., ele começa por dizer que é tudo igual, mas depois o que aparece, embora com pouca energia psíquica, é: deixou tudo na Guiné, aqui ficou completamente desvalorizado, obediente e sem fala. Surgem movimentos de constante comparação, «*tinha uma casa em Massamá que(...)há muitos colegas que(...)chegaram aqui era nova cultura e não conseguiram acompanhar aquilo, acabam por ter aquele conflito com os pais, sai e vão lá*». O João vai anunciando quem é, como esteve quase a sair de casa, estava em conflito com o pai, e agora são os amigos. Vai enunciando as dificuldades que tem tido, de insucesso, mas diz isto de um modo que sugere o risco de ficar marginal, ou seja, tem uma família fantástica, mas em conflito com esta família vai anunciando numa constante comparação com os outros. Com os amigos é uma pessoa integrada e que não foi por maus caminhos, mas sempre nivelando por baixo com os pares, que são os de “lá”, e não com os pares de “cá”. Está a fazer uma compensação como forma de garantir um equilíbrio entre as suas características em termos de qualidades e insuficiências, i.e., os de “lá” como ele por um lado, mas não sendo como os de “lá”, e sendo como os de “cá”. Nota-se que o João precisou de desnivelar mais uma vez com o desvalor de “lá”, para poder dizer que «Eu sou melhor» num referencial de bandidos onde ele se eleva. No contexto da migração, ele encontra uma possibilidade de se ver adaptado, porque se compara com os marginais que vêm de “lá”. Por outro lado, a integração para eles, não é por referência aos padrões de “cá”, mas sim por referência aos de “lá” que não se integram. Estão acima dos outros e abaixo destes. E chegados aqui, coloca-se

a questão de inscrição na cultura racista. No entanto, ele diz que veio para “cá”, que se integrou, mas na verdade a integração dele consiste em se diferenciar dos bandidos de “lá”. Numa tentativa de se sentir melhor que os outros, convive com jovens muito mais novos: *«ali cada um quer mostrar que é chefe que é quilo(...)vai buscar na rua, buscar duma outra manêra, trazem pra casa e eu que sou homem é que faço, sentem mas são jovens praticamente 17/18 anos a gente tinha chegado aqui 18/19»*. A dado momento João refere *«mas eu aceitei pessoas a fumar, vêm com... já vi pistola ou algo assim colegas, mas nunca entrei naquilo»*, o que diz é na verdade o que deseja ser e não sai desta aceção. Ele parte de um movimento de desvalor *«é o que eu digo mêmo... nunca vou entrar, não entrei na Guiné, que é, digo mais fácil as pessoas entrarem na má vida(...)pouco controlo(...)pouco(...) policiamento(...)policias na rua»* para tentar elevar-se a uma posição intermédia entre os de “cá” e os de “lá”. Está a demonstrar uma posição de que *«eu não sou bandido»* na procura de uma posição de subir do desvalor, mas acaba por reconhecer que não tem valor, e neste sentido, deparamo-nos com a evidência de que ele está sem pertença, pois não é de “cá” e não é de “lá”, e este lugar intermédio que ele cria, fica em suspenso. Ele não tem lugar. Não tem pertença. Ele não é de uns nem de outros. Não é ninguém. E volta ao tema racismo *«nesse curso mesmo com 18/19, se calhar apresentas a tua candidatura a um emprego... uma pessoa branca (...) com nota até inferior, catorze dois vezes...ó [som com a língua] com 2/3 valores menos que a tua nota de diploma (...)conseguem e tu não consegues»*. No fundo ele volta ao sentimento de que não pertence a lado nenhum, no entanto ele tenta mais uma vez criar uma condição, que é estudar, e que estudar é a saída *«Então, pá, pensei duas vezes até(...) a minha área, eu vinha duma área sócio-económica (...)me preparei para entrar na economia ou algo assim»* mas depois já não é outra vez, porque ele não vai pertencer, ele não tem condição, não se inscreve e não tem como se inscrever. *«por influência do meu pai, entrar num curso que amanhã pode depender de ti ou algo assim(...) andei a procurar cursos na área de reparação de computadores algo assim, na faculdade»*, aqui ele diz que o pai procurou inscrevê-lo, mas ele não conseguiu inscrever-se. Ele disse exatamente isto no início, que o pai fez tudo, que propiciou, e aqui não estamos frente a um sentimento de desvalor propriamente dito mas sim perante o facto de ele ser mulato, logo estamos mais uma vez dentro de considerações racistas. O João faz uma referência de que deve estar previamente preparado para o curso *«tínhamos uma cadeira arquitetura de computadores(...)primeira vez que eu entrei na aulas, não sei porquê que não pesquisei sobre aquilo, então tavam a falar no binário, explicaram, não li isso bem, então não sei como preparar as aulas antes de ir... é a nova realidade, até fiquei ali bloqueado. O meu primeiro ano só tirei uma cadeira»*. Normalmente é suposto que

quando uma pessoa se inscreve num curso seja para aprender porque não sabe, mas o João não consegue inscrever-se porque acha que tem de estar previamente preparado. Ele não consegue compreender a noção de integrar-se ou de pertencer a. Não tem essa conceção de. O pai quer encaminhá-lo, quer inscreve-lo mas ele não se inscreve. O João, apesar de, supostamente, procurar inscrever-se, ele de facto não sabe o que é que não sabe. O João agora tem uma nova maneira de dizer que não se inscreve, ou seja, ele chega lá e não sabe o que é que não sabe, mas ele acha que o que lhe acontece é porque ele não leva de trás. E sendo assim, há aqui duas questões: a primeira tem a ver com o ele não saber estar integrado nas situações, e a segunda hipótese tem a ver com aquilo que ele traz de trás da Guiné, e ele não está preparado. A dificuldade é justamente esta dupla inscrição. Ele não sabe inscrever-se porque aquilo que ele não tem por ser de “lá”, também mobiliza para isso mesmo. Não sabe estar, não tem como estar e aquilo que vem de trás, não lhe serve para nada. E pela segunda vez, João faz este movimento, ou seja, o que é que ele faz depois? Não vai e desiste! *«segundo semestre não apareci na escola»*. Porquê? Porque ele mentaliza da seguinte forma: eu vou lá, não estou preparado, e lá não percebo o que lá está, daí, não vou. O tema é mesmo este, ele não sabe ou não tem e trás um défice que contribui para ele não estar. E qual é a solução? Ele não se inscreve. Isto é redundante mas é isto que se constitui. Do que vem de trás, de nada lhe serve, o chegar ali não percebe nada do que é, e porque não tem a terceira hipótese, logo vai-se embora. Dito de outra forma, é um circuito fechado, i.e., é para ir para ali, mas ele sabe o que é ali, não tem nada de trás e também não entra, donde sai. A distância entre o “cá” e o “lá” é tão grande que não dá para voltar para trás, nem para seguir em frente. Nem num lado, nem no outro. E uma das suas particularidades, é que continua a detalhar o que é isto da não inscrição, da não pertença. Percebe-se que perdeu uma pertença e que não adquire outra. Aqui, o João diz que não tem problemas *«pá num saí(...) pessoas que passaram dificuldade, já ouvi muitos relatos... de pessoas que(...) num tavam ali a acompanhar na escola, acabam por(...) entrar sempre na... acabam por sair daí porque não sentem bem-vindo»*, mas o problema dele é outro, e já o explicou: que não se inscreve. Está lá, não estando, o que vem reforçar a representação que ele tem da forma de estar. Explicou que, está lá e que aquilo para ele é desconhecido, está lá mas não sai, e coloca tudo no sentido das experiências que tem. Lá quando ele chega, explica que está em conflito, que vai ser bandido ou não vai, mas diz mais, que chega lá para perceber e o que acontece é que ou vai-se embora ou então fica sem perceber o que realmente está a acontecer, ficando bem onde não sabe exatamente o que há-de fazer, o que reforça a ideia de que não pertence a lado nenhum, não percebe nada daquilo e para trás não dá e para a frente também não, e fica aqui. Isto é o limbo

de João, o sentimento que vivencia de não encontrar o seu lugar e de não se encontrar em lado algum. É um suplício que não termina, é como o suplício de Tântalo (expressão que se refere ao sofrimento daquele que deseja algo aparentemente próximo, porém, inalcançável, a exemplo do ditado popular «Tão perto e, ainda assim, tão longe»). «*nós africanos que tamos ali, pensamos logo coisas negativas, somos nós! Pá aqueles profs estúpido* [tom de voz alto] *que não gosta de pretos não sei quê (...) pensamos sempre coisa mas de vez em quando é dirigido a nós*», a dificuldade principal tem a ver com o racismo, onde tudo é dirigido aos pretos. Encontra-mos aqui envolvida a ideia de que ele é qualquer coisa de condenável e a convocar um «eu não sou», que no entanto tenta resistir. Há como que uma oscilação, entre o que despreza e o lugar onde é enaltecido «*tive sociologia, o meu prof de sociologia também mora aqui... já não me vê tá uns bons anos, gostava muito de mim* [diz com um tom de voz mais baixo].». E é exatamente isto «*Samuel então dizia(...) «Vou trabalhar como um preto que eu sou, amanhã quero vier como um banco (...) Dizem querem viver como um branco! Lembro sempre dessa... do jogador. Hoje que é rico e milionário disse: «eu sempre trabalhei como preto que eu sou... amanhã para viver como um branco»* [diz com um tom de voz vincado como que para ficar bem marcado especialmente *como um branco*.] onde enaltece o desvalor mas depois os exemplos que dá, é para ficar como o outro, ou seja, igualizar-se a.

Mais uma vez, em iguais circunstâncias, o branco vai primeiro «*(...) nesse caso vai fazer candidato com uma pessoa também de cor branca... provavelmente isso é inevitável vais ficar fora, aquele branco é que vai*». Anda sempre com esta temática, mas ele realmente projeta-se, o que numa conceção psicanalítica, é a operação pela qual o indivíduo expulsa de si e localiza no outro, pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos e mesmo «objetos», que ele desdenha ou recusa em si. Trata-se de uma defesa muito arcaica (Laplanche & Pontalis, 1985). Há igualmente reconhecimento do outro, o *Zidane* por e.g, mas ele está sempre em relação elástico. O João tem consciência que é preciso trabalhar mais, mas também sabe do constrangimento, e que é muito difícil porque vai mudar de circunstâncias, e então ele não sai daqui, mas depois diz que as possibilidades são menores. O que ressalta são estes movimentos de esticar ao máximo, para os máximos dos máximos, a marginalidade e a delinquência, mas que será sempre preterido. «*(...) pra mim repetir o ano, melhor do que recativar, querer sair lá com conhecimento vasto*» e a oscilação mantem-se entre o nada ou uma coisa estranha (conhecimento vasto). O que ele fala, é que não percebe nada das coisas e este sentimento em termos de menção identitária, de não ter nada, e depois começa a projetar. Digamos que é como que um negociar com ele próprio. Este movimento, em que começa por dizer, eu “lá” tinha coisas, vim para aqui, fiquei sem nada, mas depois começa a dizer que de

facto de “cá” para “lá”, eu ainda tenho valor, “lá” tenho valor *«hoje em dia [estala os dedos] tenho(...)colaboro com alguns média(...)lá da Guiné de desporto(...) queu gosto muito, escrevo de vez em quando. Tenho um canal no youtube»*, mas o seu psiquismo dificulta o mentalizar e acentua-se no seu dispersar, o sentimento de ficar em sítio nenhum. Por outro lado a cor da pele é um assunto complicado, pois traduz uma posição de dominante (o outro) e de não dominante (ele), o que nos remete para a temática da colonização. Acima, quando refiro a dinâmica elástica, João valoriza o grupo que tem *«já entrevistei vários jogadores guineenses da 1ª liga enviava pra lá»* mas de seguida volta à tona o ser diminuído *«Sei que vou lá, vão acabar por rir. Era ar ou qualquer coisa, ler sem respeitar vírgula, nem sabia quase ou algo mais, pausa e assim, lia mal»*. Por outro lado, é curioso que não introduza ninguém da família dele *«Não tive acompanhamento, não tive acompanhamento não, não tive aaa... bases que eles tinham, não sou culpado»*, parece falar de um percurso solitário, onde a família não participa. Percebe-se que o João vai pelo caminho mais difícil, não escolhendo o mais simples *«Mas eu que se calhar nem pensaram que ia chegar onde ia chegar, porta duma faculdade! Hoje tou lá labutando graças a Deus. Espero acabar aquilo, né? Mas dar muita dificuldade. Principalmente a física e a programação me tem dado cabo»*, há aqui uma questão pertinente, onde ele a dada altura diz que “lá” está bem e “cá” é um caos, mas afinal não foi tão mau assim *«pá aceitei sem querer. O meu pai dizia, obrigou-me a voltar! Obrigou-me a voltar atrás! Pessoas que saíam de Guiné pra qui, conseguiam logo integrar, são pessoa que acabavam o 11º ano lá (...)Estudas lá na Guiné tiras um superior não és respeitado(...)Só quem estuda fora, chega lá(...) tem que estar abaixo dele. Então todos querem estudar fora (...) Hoje todos também querem ter filho aqui. Portugal dá carta, tem mais condições e tudo mais (...) pertenci à associação de estudantes (...)uma coisa que nós temos lutado mesmo pra ver se aquilo muda o sistema lá (...) aqui é, não senti mesmo dificuldade na escola (...)*. O João está em permanência num “cá” e “lá”, “cá” ele está bem, tem todas as possibilidades, mas “lá” também está, e de novo voltamos a encontrar a mesma característica: “cá” e “lá” é mais ou menos o mesmo *«aqui tô mai chateado cabeça, é pá, vou mudar de escola, vou mudar de escola (...)dificuldade que eu apresentei aqui, é o mesmo que vou apresentar lá... tou pá, vou fechar-me aqui, tenho que tirar isso... e consegui e entrei pra faculdade e como digo tou ainda lá a dar o máximo, né? 1º ano chumbei porque chumbei, não tava preparado mas depois chumbei uns dois anos assim(...) devia ter acabado já (...)chumbei dois anos por causa de problemas familiares (...) vim aqui, não tive assim grande dificuldade. Tinha aqui um pai, tinha mãe, tinha toda a família. Não passei dificuldade. Maior dificuldade era na rua, tinha duas sociedade praticamente (...)aqui sou*

crioulo, na escola sou português». O que se percebe é que “cá” corre tudo bem, tem imensas vantagens “cá”, e depois corre tudo mal e “lá” é onde ele se enaltece, não no sentido do Zidane “cá”, mas no sentido de participar nas coisas de “lá” (Associação de Estudantes). O que aparece também é, ele não está “lá”, mas ele vive “lá” (blog/canal no youtube), mas na realidade ele não vive “lá”, vive “cá”. Há aqui uma espécie de continuidade que ele tenta viver do “lá” “cá”, mas ele não vive “lá”, ele vive “cá” e a condição dele é: “lá” exigem pouco mas eu não dou, “cá” exigem muito e ele não dá, e fica mais ou menos igual, quer se exija muito, quer se exige pouco «coisa que eu mai sei fazer é estudar, nem sequer estudava. Co coisa era pouca e chamadas oral e chamadas escrita e essas coisa era praticamente muito frágil. Hoje ir lá, tirava 20. Qum já tenho adquiri outro conhecimento», no entanto se ele for de “cá” para “lá”, aí ele vai ascender. Mas é “cá” que ele se vai construir, é “cá” que ele tem os recursos (pensamento mágico como sintoma de imaturidade) e os recursos que auferi “cá” é para usar “lá”, para ter de facto uma ascensão (é pouco ambicioso). Ele lê mal, é limitado mas faz uma reflexão de que dentro dos que vêm e que são delinquentes, ele está na fronteira, estando sempre a assemelhar-se aos maus, e por outro lado ele é o chefe dos maus, o mais importante dos maus. O João está convencido da sua condição subalterna onde encontra um grau superior estando em constante comparação, destacando no que acha mau, ele é bom, dentro do mau, ele é bom «(...) eu quando atendi ahh tás em casa? não foste às aulas? Tá de greve. Greve outra vez? Vê lá se arranja uma escola privada... começa a pagar... mandar mais dinheiro pra lá... aceitei e... fui, mas não senti integrado, eram pessoa praticamente vivia de luxo(...)ali pessoas que vinha pa qui de férias voltavam lá a estudar. Os pais não deixavam eles aqui por entrar na má vida não tinha acompanhamento, estudava lá melhor escola, vinham cá só passar fêria. Eu cheguei lá, repeti uma roupa dois três vez, eles todo dia mudavam. Tinham telemóvel, tinham de tudo. Ó pá, eu vi que aquilo não era o meu ambiente habitual que costume tar inserido, vou voltar pa... mas e... foi mal pensado, pensando agora, foi mal pensado, porquê que eu tou a viver por causa de droga ou algo, bairro onde eu tava ali, ninguém ia pra escola na altura». Faz uma breve alusão à poligamia na Guiné, onde “lá” é certo, e “cá” é encoberto « (...) é estúpido mas o meu pai sempre teve uma mulher desde desde sempre, só a minha mãe sempre a minha mãe. Houve aquela influência pá de de familiares, é pá tens que arranjar noiva, dize noiva nova, tens que arranjar uma mulher nova(...) Até aqui eu vejo, vejo famílias a fazer isso ma ninguém sabe». O João faz uma diferenciação entre a linhagem materna e a paterna. Dá ideia que há uma maior valorização da linhagem materna face à linhagem paterna «minha mãe de de da... cidade, de familia vá por assim dizer, tem um primeiro ministro na familia temos... parte da minha mãe... deputados

irmão, temos empresários mas ali de alto nível mêmo (...) da parte do meu pai somos praticamente... ninguém nos conhece (...) família [xxx], mas parte da minha mãe que é [xxx] é pessoa já... temos muitas pessoas formada, União Soviética, Cuba em vários sitio (...) parte do meu pai é praticamente ele (...) Nasci na cidade, o meu pai nasceu no interior, a minha mãe na cidade. A minha mãe tem uma família enorme na cidade. Parte do meu pai, temos pouco, até aqui em Portugal temos muito pouco... muito pouco... parte da minha mãe é outra coisa, até... tenho no Brasil, tenho em vários sitio de França (...) Da parte da minha mãe temos mais. da parte do meu pai somos muito muito, pouco conhecido por assim dizer (...) menos conhecido (...) tenho um tio da parte da minha mãe que é advogado ». Quando o questiono se ele deseja voltar para a Guiné, o que ele me diz, é que tem de adquirir mais conhecimentos. No entanto ele não consegue adquirir esses conhecimentos. Há um sentimento de constante impasse. Ele aqui não está a dar, mas tem que estar aqui para se preparar para ir para “lá”, mas como “cá” não está bem, ele não pode ir para “lá”. « logo se vê... aquilo... futuro só Deus pertence. Eu pensei... como nôn estudei muito inglês, aqui o meu curso precisa ter base... de inglês e sou muito péssimo a inglês digo, sou péssimo (...) há coisa que eu consigo ler... livro que precisas... [estala os dedos] ... de consultar tá tudo em inglês... tudo. Tenho estado a esforçar pa saber o que tem aí e nôn tem (...)eu percebo alguma coisa mas eu digo sou... nível zero praticamente a inglês (...)rebaixar-me um pouco... mas... entretanto quando acabar o curso, seja Inglaterra, seja Estados Unidos da América ainda tenho um padrinho lá (...)adquirir mais conhecimento, mêmo quando eu tiver preparado vou pra Guiné dar contribuiçôn mas... é uma coisa de futuro... nôn sei. Aqui posso trabalhar com o curso». Esta senda é tão marcante que nos leva a pensar que terá de fazer os doze trabalhos de Hércules para conseguir chegar “lá”«(...) posso trabalhar à vontade, à vontade. Agora nôn sei. Eu pensava que... via pro exemplo (...) canal francês e tudo mais, e como temos ali na Guiné... tamos ali na costa Ocidental da Africa cheio de francófonos há muita influência... eu via coisa de canal francês, via o negros data do jornal... via negros na selecção de França, eu pensava «pá, é daquela...» ficava a pensar «aqui não há muito porquê? Porquê? Porquê que não nos dá oportunidade aqui?». O que diz é que só «nós os pretos», é que não temos possibilidades, só todos os outros que não são africanos têm, e que os portugueses não valorizam os africanos. O João é generoso com o outro. Ele diz que os pretos não têm direito a nada, mas faz referência a um colega Cabo-verdiano que obteve bons resultados. Ele está sempre a sustentar a ideia de que é negligenciado, ou que não o aproveitam, mas depois desliza sempre dizendo que não é bem assim, porque está “lá” um que também é preto e faz diferente «Preto nasce, veio de Cabo Verde, eu cheguei aqui primeiro que ele já tá dar aulas.

Eu digo, é questão de esforçar pra lá chegar. Não precisa termos sempre a dar desculpa (...)ele é melhor aluno!...quando(...) nosso primeiro ano ganhou melhor aluno do primeiro ano de [xxx], abreviatura do nosso curso [xxx] no segundo ano, ganhou melhor nota de transição de primeiro pra segundo... e ganhou melhor aluno do primeiro, do ano anterior (...) terceiro a mesma coisa (...)ano passado ganhou melhor nota de candidatura pró mestrado(...)e ganhou melhor aluno de... último ano de licenciatura». De qualquer forma, eles fazem uma diferenciação entre uns e outros, por e.g. os Cabo-Verdianos que dizem não ser africanos, mas inversa para os outros. Num determinado momento, João tem um lapso ao verbalizar «ignorância» em vez de «ignorar». Mais uma formação de compromisso, entre a intenção consciente e o recalcado «Uma coisa que aprendi mesmo a utilizar aqui a ferramenta ignorância, mesmo bruto assim dizer. Falas falas mas nem ligo porque eu... basta tentar responder, ia dizer asneira».

5.2 Participante B – Gabriela, 27 anos

A Gabriela começa por fazer referência ao antigo regime em Portugal deste modo, «*O meu pai vem comigo e depois na altura era muito ... era muito complicado os africanos adaptarem cá aqueles anos, né? Os anos de Salazar acho*». Isto pode remeter para esta representação que se tem do outro país, que independentemente das mudanças que ouviu, ela ainda conota com o Salazar, ao colonialismo. «*então o meu pai... não me lembro de nada porque tinha três anos... na altura não sei de nada... então meu pai preferiu ficar cá ele a sofrer do que ver a mim piquenina de três anos que não sabe nada, sofrer, ou seja, voltei acabei por voltar pra Guiné*», a Gabriela fala que está doente, o pai vem com ela, entrega-a a alguém para cuidar dela, e depois o pai manda-a de volta para a Guiné. E para a poupar de quê? A forma como conta é algo estranha, uma vez que remete para a questão de qual é a representação que ela tem deste sacrifício que o pai teve de fazer, e qual é a relação que isto tem com ela. O irmão também fala desta questão, de o pai ter ficado cá e eles estarem lá.

Temos aqui um lapso «*a língua é completamente deferente, nós podemos dizer a língua oficial da guiné é crioulo mas não é a mesma coisa... é muito defrente... é muito defrente mesmo*», pois não é crioulo mas sim português. Tal como o irmão, outro sofredor «*sempre fui a mais velha da turma*». Aparece, tal como na entrevista do irmão, a questão da lógica de valores que evidencia uma certa distorção, i.e., aqui é que é bom (diz o pai), no entanto só os manda para “cá” após a guerra de 1998 «*pronto e houve também muitos anos que os professores também... professores não não receberam o ano ... o ano foi nulo... então eu disse: olha, aconteceu muito isto na minha vida, mas eu nunca fiz isso como um obstáculo*

na minha, eu sempre luto por aquilo que eu quero, não é? Pelo menos sempre vou andando, encontro uma pedra, tropeço caio mas levanto sempre continuo a seguir em frente então isso é um pouco o lema da minha vida(...) não vou caindo e logo logo não não querer seguir assim [aqui não faz pausa] eu fui e depois os professores pediram a meu pai que me pusessem num curso profissional, eu ainda não, no inicio [faz pausa] tive a decência de curso profissional NUNCA [com tom vincado] porque quando vai pra curso profissional a base que tem, a base que tem depois é muito complicado adaptar à faculdade, porque curso profissional eles ... alunos são especificamente pra ir pró mercado de trabalho, não é? Não são para para ir para seguir pa faculdade ». Eles vêm porque o pai diz que é bom, mas este pai vive na rua, o que mostra que ele realmente não tem condições aqui, mas eles não falam dessa condição. Eles vêm porque o pai diz que isto é bom, que aqui é melhor. Parece que o que eles introduzem aqui é justamente esta ideia de que aquilo que o pai disse que é bom eles não encontram, mas fazem todos de conta que é verdade. Portanto fazem de conta que é verdade, mesmo no conflito com a escola, eles continuam a achar que estão ali, porque ali é que é bom. Sugere uma distorção da realidade, pois a Gabriela vai dizendo que é péssimo, que aqui é bom, está na escola mas é mal tratada, que há racismo. Portanto a distorção que é introduzida é aqui, ou seja, é tudo descrito como fantástico e toda a descrição é um horror. O pai fez o caminho, mas há algo introduzido nesta lei paterna. Eles ficam inscritos numa lei paterna, que os leva até a produzir alterações no sentido do real. A lei paterna costuma funcionar de outra forma, introduzindo o real. E aqui parece que acontece o contrário, distorce o real e coloca-se em questão qual será a noção do real do próprio pai. A Gabriela aqui mudou de lugar «fiz o nono ano e depois fui pra Casa Pia». Ela faz um percurso alternativo regular «me ajudou imenso foi o grupo de jovem aqui na Igreja... ajudou-me imensooooo imenso imenso», o que acontece também com o irmão, o que sugere que ambos têm o mesmo funcionamento. Neste sentido, ela fala desse percurso académico, que fez na Casa Pia, como se fosse uma coisa extraordinária. Arrasta-se também e penosamente (está a fazer cadeiras do 2º ano), tal como o irmão. No que toca a esta condição com que eles vêm, trata-se muitas das vezes de um alibi para uma emigração. Eles vêm, acompanhados pelo pai ou pela mãe, supostamente com uma criança doente, e depois cá fixados, muitos deles não voltam «não sei muito bem mas eles dizerem que eu tinha um problema de vagina, não conseguir fazer xi-xi bem então era por causa disso mas também o problema da Guiné é falta de condição médica... às vezes são coisas muito simples que eles conseguem fazer lá mas... por causa que não há materiais, não há como fazer exames para saber exatamente o que é que tens especificamente e depois acabaram por vir cá, quando eu vim cá por acaso os médicos, tive

internada no hospital de Estefânia disseram depois que não era preciso porque aquilo era uma coisa natural que depois acontecia porque disseram que a minha vagina tava fechada então não conseguia fazer xi-xi mas depois acabou por acontecer naturalmente depois o meu pai ficou cá e depois fui-me embora (...) foi mais ou menos sacrificar, porque ele sabia que se ficasse cá a trabalhava e conseguir arranjar dinheiro para nos mandar lá, tinha melhor condição para nos dar cá». No caso do irmão, é mais claro: ele só poderá vir se de facto puder ter uma ascensão “lá”. No caso da Gabriela, ela faz tudo “cá”, depois irá, mas não sabe muito bem como. Outra diferença nos dois, é que ele quer ganhar estatuto “lá” e a irmã quer ir ajudar.«(...) esse respeito não são nos dado a nós... nós aqui somos tratados com indiferença... como se fosse... como se fosse... não fossemos nada», isto são categorias claras sobre como ela fala do racismo e do colonialismo, porque aliás, já o tinha mencionado antes. Parece que os brancos, são os Deuses. Talvez também se inscreva aqui a questão, do aqui, ser o sítio de todas as possibilidades. Nota-se que a Gabriela não conecta esta condição de desvantagem «os nossos pais saem de manhã só volta a casa de madrugada (...)ás vezes os nossos pais africanos têm três quatro trabalhos (...)só pra nos dar melhor condição de vida e nós em vez de esforçar-nos nós não esforçamos», não conecta o facto de eles trabalharem mais, porque são mal pagos, colocando isto noutra dimensão. Ela não faz a ligação com a desvantagem em que eles efetivamente se encontram. E diz, que eles têm que fazer isso porque é um sacrifício «têm que se sacrificar para nos darem». Os brancos não precisam de ter três empregos e portanto, há uma condição desfavorável que ela não identifica. Eles de facto trabalham muito porque têm de sustentar a família, aparecendo assim estas pequenas distorções da representação da realidade. Outro aspeto é esta condição em relação ao desvalor «(...) e há pais das pessoas que não concordavam que eu fosse animadora... é isso... é isso que me deixa triste», que a Gabriela dá ao “lá”, carregando-o consigo:”lá” não presta, as coisas são más, são difíceis, “cá” é que são boas, mas o desvalor que ela vive “lá”, as más condições, ela transporta para o desvalor que lhe dão “cá”. Neste sentido, a condição de ser guineense é que é uma condição, ela não tem esta pertença orgulhosa a uma cultura e a um país, porque “lá” não presta, e “cá” eles são mal tratados e desvalorizados e até desrespeitados como pessoas «(...)é ridículo e não é nem mito nem nada... porque as pessoas vão na Igreja e rezem e depois quando saem na rua fazem mesma coisa e depois viram-te a cara e tu cumprimentas, ninguém te cumprimenta, mas as pessoas convivem contigo na Igreja todos os dias... eu às vezes digo: eu agora não vou sempre porque eu digo: mêmo não vou como eu ia com tanta regularidade porque as coisa ca mim revoltam-me». Isto é uma marca que se encontra com muita frequência «Associação de Estudantes Guineenses... que eu sei que vou

ajudar as pessoas que querem ser ajudadas... por isso quando entrei nesse projeto Associação de Estudantes, eu tou... há coisas da Guiné que eu tinha desligado imenso por causa da questão política (...) e não sei quê e agora voltei (...)», portanto, ela tentou inscrever-se aqui, nas lógicas daqui, com as pessoas daqui, e encontrou sempre adversidades, e isto é típico, pois as questões relativas a um melhor bem-estar refletem-se no facto de eles se apoiarem nos locais, neste caso, Guineenses. Ela vai à Igreja, onde vão os brancos, vai à escola onde estudam os brancos, tenta fazer as coisas com os brancos, até que finalmente, ela encontra um lugar. Ela faz este encontro com o país e com as pessoas do país. Mas percebe-se que a Gabriela tem movimentos muito mais flexíveis do que o irmão. Ele parecia estar numa condição de embotamento (na casa de [xxx], era o grupo dos marginais). Até aqui, a Gabriela mentaliza que este é o sítio das oportunidades, o lugar onde as coisas podem acontecer, e vai criando sucessivamente movimentos, mas a terra das oportunidades faz com que se depare com contrariedades, e continua a fazer movimentos tentando uma integração, mas sente sempre que é impedida de. Esta condição de desvalor, sugere que eles a carregam neles mesmos, quando se referem ao de “lá”. E coloca-se a questão, de qual poderá ser o impacto disto, na forma como eles sentem as coisas “cá”. Porém eles acham que “lá” é mau, e isto é resultado de movimentos projetivos onde esta marca de desvalor sugere que eles estão contaminados à partida e que tudo aquilo que lhes acontece é em função disto. Eles, em princípio, vêm com menos valia, são menos valia e isto contamina, como tal deve haver aqui uma marca projetiva clara, e deve haver igualmente uma relação. Se ela se vê mal, acha que os outros a vêm mal, e ela não tem recursos para dizer: Não! Mas eu presto! A Gabriela não tem este recurso. Aqui passa para um registo de aproximação à Guiné «(...) *sabemos mesmo imensa coisa sobre o meu país então a adorar completamente tar na Associação de Estudantes (...) como diz o meu pai tu meteste em tudo e mais alguma coisa*», mas ela volta ao mesmo movimento, demonstrado o mesmo caminho em relação a isso « *porque sempre que alguma coisa acontecia vinham-nos dizer a nós, porque eu dizia então porquê vocês tão dizer isso porque nós somos os únicos africanos?*». Outro aspeto é este sinal de percorrer o racismo, ir com os colonialistas, recebendo-os bem «*pessoas adoravam adoravam... as pessoas saiam das suas casas às seis da manhã*». Levanta-se outra questão de o branco ser bem recebido “lá” e o preto ser mal recebido “cá” «*acolhimento exatamente é isso que nos falta (...) eu única coisa eu antes dizia minha mãe as coisas que me fazia mais falta... porque... na Guiné tu conheces toda a gente... vinha vizinhança de casa conhecia... tu andavas na rua ou ias pra casa deste... isso é que falta um pouco aqui... aqui não há, não há este acolhimento, não há! falta um pouco isso então são essas coisas que sinto que*

falta(...)», estranhamente parece fazer parte da ordem natural das coisas. Na Associação e na Igreja não correu bem, e mudou-se para ali, tentando-se sempre juntar aos brancos, mas sem funcionar. No fundo, esse é o tema que aparece sempre, apesar do racismo e das dificuldades, eles acham que aqui se vive melhor do que “lá”, nas condições de vida, no acesso ao trabalho «(...) *porque as casas... aqui as casa são diferentes... aqui temos a água dentro da nossa casa, enquanto que na Guiné tens que ir buscar a agua ainda na poço... tens que ir buscar... quem tiver condição, claro na minha casa agora também já tem a torneira que podes ir buscar... então são essas coisas que ainda me fazem imensa porque eu já vivi cá muitos anos, já estou habituada... então são coisas também que me faz um pouco pensar em voltar, mas eu quero... quero dar alguma coisa pa Guiné-Bissau*». E não sai deste registo «(...) *quando nós começamos ver aquilo que a pessoa é sem ser o tom de pele, aí o mundo seria outra coisa... isso são coisas mesmo que deixa-me mesmo triste... deixa-me revoltada*». As questões da Gabriela aqui são sobre as oportunidades pois acha que lhe retiram oportunidades e possibilidades. É um discurso que não remete tanto para as questões identitárias enquanto tal. É mais um discurso de um certo vazio. Aliás, este elemento pode até explicar a dificuldade em reconhecer o facto deles (João e Gabriela) se arrastarem a fazer cursos, anos a fio, sem conseguirem perceber que aquilo não está a funcionar. Estão presos a estes conceitos de oportunidades e possibilidades, estando em luta contra eles. O irmão, mesmo assim, tinha vários movimentos, daqui para ali e dali para acolá, enquanto ela não, pois é mais repetitiva e rigidificada. Gabriela entra neste discurso de procurar a todo o custo igualizar-se «*Eu tou a trabalhar, a pagar a faculdade como qualquer um, como um filho... como qualquer português que não tem, não tem(...)*não tem direito a bolsa(...) *então, por isso, eu costumo dizer: estou a pagar como qualquer um*», o que também parece ser uma característica própria. Tenta igualizar tudo outra vez e depois desigualiza, o que, apesar de rigidificado, este movimento é muito intenso. «*eu lá na faculdade também não ando com muitos pretos (...)*tenho mania que sou branca», esta dupla valência do somos iguais, temos de ser iguais, esta questão do igual ao mesmo tempo que constata em permanência a diferença, é uma coisa assustadora. Quer dizer: temos de ser iguais, e constata que não somos, temos de ser iguais e a luta dela é sempre para ir procurar a tal igualização, que é ela ir atrás dos outros, mas de facto, ela está presa: somos iguais para constatar outra vez que somos diferentes. Este movimento de Gabriela é uma forma de aumentar o sentimento de ser diferente (quando foi para a Guiné com os brancos, ela era a única preta). Ela desliza para este cenário: somos todos iguais, não é? Mas ela está sempre em desvantagem. Eles estão sempre em desvantagem. Entre choques. «*eu não faço trabalho com os pretos [ri] porque eu quero alguma... alguém que me ajude a*

aperfeiçoar o meu português, ajuda a melhorar o meu português», esta sequência de luta pela igualização, constatando sempre a diferença, mas depois também aparece, esta linha, em que se apresenta sempre como menos capacitada, com menos recursos no país, e portanto isto é um beco sem saída. Aqui, são eles que se autossegregam *«acho que isso é que falta um pouco em nós, isso também falta, falta mesmo muito nos africanos, os africanos juntam-se imenso»*. O argumento é, que eles se autossegregam, e são eles que têm culpa de não se mostrar. De quando em vez a Gabriela não se acha preta *«eu às vezes também fico, se ver um grupo de rapazes só preto também fico com receio de passar lá e o que que vai acontecer»*.

Ela está sempre com este constrangimento, repetindo o ciclo: somos iguais! Depois passa para somos diferentes, somos discriminados, e anda neste movimento de cá, para lá, apresentando o argumento, de que a culpa é deles (pretos), que não se apresentam, não se integram. Mas ela própria faz esse movimento. O grande problema é que ela podia fazer esse movimento, mas não acusando os outros. Portanto, sugere que a culpa do racismo é dos pretos. Passa o tempo a enaltecer-se a si e ao seu modo *«Como eu costume dizer, nós, o meu pai nunca deveu, nunca deveu a renda, sempre tentou pagar tudo... mas as confusões que tão criar com isso tudo»*, mas há várias distorções. O João levava isto ao exagero, mas Gabriela também tem muito disso: eles são ótimos, são pessoas de bem, está sempre a enaltecer isto. Faz movimentos deste sempre enaltecer, enaltecendo o facto de ser quase portuguesa e não destacando nada de “lá”, ou de ser africana. O que a Gabriela diz é: ou dás em troca, se não dás em troca, não és nada. Depois vai dizendo que não é nada, mas depois, não! Sou, porque eu pago e vai andando nesta roda, mas aquilo não serve. Eu faço tudo para ser portuguesa. Sem ser com moeda de troca, não dá.

5.3 Análise dos Grandes Temas: João 28 Anos

5.3.1 Identidade

Quem sou eu neste processo? O João começa por anunciar como que um destino já traçado a priori, o que determina um sentimento de «desenraizamento» das suas origens, ameaçando deste modo o «sentir-se a si mesmo» na sucessão de mudanças que conferem a base da experiência de identidade *«(...) desde que conheci minha pessoa (...) sei que um dia quer não quer, a gente vinha cá viver»*.

Não é por acaso que introduz quase de imediato a questão do racismo, o que reenvia para a existência de um sentimento de alteridade marcado entre o Eu e o(s) Outro(s), conferindo deste modo um conflito interno *«não tive dificuldade (...) em termos de racismo (...) até hoje (...)»*. Refere igualmente que na escola secundária estava bem, mas depois aos

poucos vai mostrando o que não estava tão bem, que não se sentia preparado nem estava ao nível dos outros, mostrando uma condição que revela e que esconde em simultâneo a dificuldade. Desta forma vai fazendo enunciados opostos. Reconhece uma dimensão que considera como sendo uma condição «*viram a dificuldade que eu tinha (...) eu senti mal (...) fui para o décimo ano*». Não é suficiente. Há um reconhecimento desse desvalor e de não reconhecimento por parte do(s) Outro(s) que ameaçam o sentimento de identidade «*(...) entrar nesse curso, não vou sair tão cedo de lá*» mas em determinado momento percebe-se que não há valor nem desvalor «*disseram vai à noite (...) mais fácil (...) estatuto trabalhador estudante (...) mas encontrei mais dificuldade à noite que de dia*». Há como que um contra investimento que reforça um sentimento de desvalor e que mostra a intensidade das faltas sentidas de forma muito invasiva. Neste processo de contra investimento faz emergir atividades defensivas do ego, suscetíveis de impedirem o acesso à consciência e à motilidade das representações e desejos inconscientes. Esta visão da realidade mostra a dificuldade sentida pelo João em fazer essa compensação interior. O João enuncia o seu pensamento de um modo que é o oposto do que sente: «*(...) seja moral (...) respeitamos tudo (...) na minha Igreja não se podia beber, fumar, até hoje não faço (...) dizem que estou bebendo às escondidas (...) e que fumo algo, mas não (...) sei que vai demorar, mas um dia (...) vou descansar de tanto sacrifício* », mentaliza que é respeitando o interdito que não se desvia. O sacrifício é obedecer e que será compensado por tanto obedecer. No entanto, este anúncio de obediência não é como o coloca em termos de vontade «*chegou um tempo que eu queria sair de casa*», introduzindo aqui um desejo de transgredir. Se antes era o desvalor e as questões relacionadas com a cor da pele, agora o que se destaca é a possibilidade de transgredir ou não, embora com pouca energia psíquica. Deixou tudo na Guiné e aqui ficou completamente desvalorizado, obediente e sem fala. O João procura um equilíbrio comparando-se com os outros, procura uma identificação e encontro de semelhanças com o *self* nos objetos externos «*(...) muitos colegas (...) chegaram aqui (...) nova cultura e não conseguiram acompanhar (...) acabam por ter aquele conflito com os pais sai e vão lá (...)*». Na sua fantasia com os amigos é uma pessoa integrada, que não seguiu o «*mau caminho*», mas nivelando-se sempre por baixo com os pares de “*cá*”. Faz uma compensação como modo de garantir um equilíbrio entre as suas características em termos de qualidades e insuficiências, i.e., os de “*lá*” como ele, mas não sendo como os de “*lá*” e sendo como os de “*cá*”. Precisa de desnivelar com o desvalor de “*lá*” para poder afirmar que «*é o melhor*» num referencial de bandidos onde ele se eleva e se diferencia estando acima dos outros, os de “*lá*” e abaixo dos de “*cá*”. Neste intercâmbio intersubjetivo procura de modo incessante subir do desvalor, reconhece que não

tem valor, e neste sentido, o João está «sem pertença», pois não é nem de “cá” nem é de “lá”, fragilizando assim o sentimento da própria identidade. Neste lugar intermédio que o João cria e onde fica em suspenso, porque não tem lugar, não tem pertença, percebe-se que não é de uns nem de outros, não é de ninguém. Procura inscrever-se, mas de facto não sabe o que é que não sabe. Num momento enaltece o desvalor para de seguida tentar uma igualização «(...) *vou trabalhar como um preto que eu sou, amanhã quero viver como um branco*». As suas projeções em termos identitários sugerem um negociar consigo próprio. Exprime mais uma dificuldade, que enuncia do seguinte modo «*maior dificuldade era na rua, tinha duas sociedades (...) aqui sou crioulo, na escola sou português*». A condição do João é simplesmente esta, a de que “lá” exigem pouco mas ele não dá, “cá” exigem muito e ele não dá, ficando numa posição mais ou menos igual, quer se exija muito, quer se exija pouco, introduzindo esta reflexão «*coisa que eu mai sei fazer é estudar, nem sequer estudava que coisa era pouca chamadas oral chamadas escrita era frágil. Hoje ir lá, tirava 20. Quem já tenho adquirir outro conhecimento*». Apesar de admitir que lê mal e que é limitado, mostra que dentro dos que vêm de “lá” e que são delinquentes, ele encontra-se na fronteira, assemelhando-se aos maus, sendo o chefe e o mais importante dos maus. Convencido da sua condição subalterna, ele encontra um grau superior fazendo movimentos constantes de comparação, destacando-se daquilo que lhe parece mau, ele é o bom, e dentro do mau, ele é o melhor. Expressa sentimentos de uma marcada revolta e raiva «*via negros no jornal na seleção de França ficava a pensar aqui não há muito porquê? Porquê? porquê que não nos dá oportunidade aqui?*» e o que nos diz é que aos mulatos não lhes são dadas oportunidades, só aos outros que não africanos. Mostra que os portugueses não valorizam os africanos e que a questão da cor da pele é relevante pois é sentida como uma impossibilidade, acentuando deste modo uma identificação projetiva que sendo uma forma de comunicação inconsciente danifica uma contenção bem-sucedida dos objetos externos entre o bom e o mau objeto, causando ansiedade. O João sustenta a ideia de que é negligenciado, ou que não o aproveitam, mas logo desliza, dizendo que não é bem assim, ao referir-se a um colega «*preto nasce, veio de Cabo Verde, eu cheguei aqui primeiro que ele já tá dar aulas. Eu digo é questão de esforçar pra lá chegar. Não precisa termos sempre a dar desculpa ele é melhor aluno! nosso primeiro ano ganhou melhor aluno melhor nota de transição terceiro a mesma coisa melhor nota de candidatura pró mestrado*» e aqui o João mostra na sua singularidade o quanto é generoso com o outro.

5.3.2 Referências ao “cá” e ao “lá”

Do modo como fala percebe-se uma idealização quando alude ao “cá” como sendo o melhor lugar para se estudar «*o ensino aqui é que chamou mais atenção*» e igualmente descrito como terra nutriente «*chegamos cá praticamente também nada nos faltou*». O João faz movimentos “cá” que mobilizam para uma possível integração. Coordenou no [xxx] como voluntário mas coloca a par e passo tudo o que não funciona “cá”. Na escola não funciona mas valoriza esta posição como coordenador, para de seguida desvalorizar enunciando a desvantagem que sente por ter vindo de “lá” e enaltecendo o coordenar “cá”. Anda num “cá” para “lá” numa ordem de qualificar e desqualificar mobilizando para uma procura de «reconhecimento» que não acontece. Esta desvantagem de ter vindo de “lá”, porque na Guiné houve a guerra e “lá” ele não aprendeu, “cá” não consegue acompanhar, remetendo para um desvalor que imputa às condições. A distância entre o “cá” e o “lá” revela-se tão grande que não «dá» para voltar para trás nem para seguir em frente. Percebe-se que perdeu uma pertença (a de origem) e que não adquire outra (a do país de acolhimento) conferindo deste modo ausência de «significação» e «identidade» singular. Em iguais circunstâncias no “cá”, o branco vai primeiro «*vai fazer candidato com pessoa também de cor branca vais ficar de fora, aquele branco é que vai*». Projeta-se neste desvalor discriminatório e preconceituoso que Portugal dá àquele de cor diferente, ao que é mulato. Esta questão da cor da pele é um assunto sério, pois introduz uma posição dominante (o outro) e uma posição de não dominante (o João), que sugere remeter para a colonização, ainda muito presente e longe de ser resolvida, pelo menos nas próximas décadas. A dada altura o João diz que “lá” está bem e “cá” é um caos, para depois se contradizer «*aceitei sem querer o meu pai obrigou-me voltar atrás pessoas que saíam da Guiné pra qui, conseguiam logo integrar, são pessoas que acabavam o 11º ano lá estudas lá na Guiné tiras um curso superior não és respeitado só quem estuda fora chega lá tem que estar abaixo dele. Então todos querem estudar fora todos querem ter filho aqui. Portugal dá carta, tem mais condições(...)pertenci à Associação de Estudantes temos lutado pra ver se aquilo muda o sistema lá aqui não senti mesmo dificuldade na escola*». Encontramos quase sempre estes enunciados de opostos. Se por um lado parece tudo correr bem “cá”, existem imensas vantagens “cá”, por outro sublinha que corre tudo mal e é “lá” onde se enaltece, não em grau do Zidane “cá”, mas no participar nas coisas de “lá” (AE). Parece igualmente que ele não está “lá”, mas que vive “lá” ao ter um *blog* e um canal no *youtube* como forma de auto preservação, agarrando-se a elementos que o liguem ao “lá”, mas na verdade ele não vive “lá”, vive “cá”. Tais movimentos sugerem uma continuidade e um

criar de «pontes» que tenta viver do “lá” estando “cá”. Parece assemelhar-se a uma ligação quase umbilical onde há uma idealização a um recurso simbólico, que se for de “cá” para “lá”, aí irá ascender. Mentaliza que é “cá” que se vai constituir porque é “cá” que tem os recursos e os recursos que adquire “cá” é para usar “lá”, para assim conseguir ascender.

5.3.3 A Dimensão Filiativa/Afiliativa

Na construção identitária são fundamentais as dimensões filiativas e afiliativas, intrinsecamente ligadas à necessidade de pertença e reconhecimento dos sujeitos. Neste sentido, o João começa a sua história precisamente neste anúncio de vir atrás do pai «*a gente vinha cá viver. Dependia dele*». Foi o pai que o trouxe e o tentou integrar «*cheguei por causa do meu pai, acabei por integrar, apresentou-me várias pessoas*». Ao mesmo tempo que descreve tudo como horrível, enuncia que «*se não fosse o meu pai*». Parece transmitir a existência de uma dimensão filiativa mas num quadro afiliativo em que nada funciona, e o que funciona é devido ao suporte familiar do pai e do tio. Por outro lado, enuncia conflitos com o pai quando esteve quase para «*sair de casa*», que remete para um conflito interno numa clivagem entre o mundo de fora e o mundo de dentro. A figura paterna procurou inscrevê-lo, fez de tudo para isso, propiciou a integração «*por influência do meu pai, entrar num curso*», no entanto ele não conseguiu inscrever-se colocando considerações racistas pelo facto de ser mulato «*uma pessoa branca com nota inferior conseguem e tu não consegues*» denunciando mais uma vez o sentimento de não pertença a lugar nenhum, de que não tem condição, não se inscreve e não tem como se inscrever apesar de o pai ter tentado inscrevê-lo. Por vezes parece não introduzir ninguém da família «*não tive acompanhamento não tive bases que eles tinham (...) não sou culpado*» é como se falasse de um percurso solitário onde a família não participa.. No discurso do João é possível aceder a uma expressão completamente conectada à figura paterna mas que se configura numa figura difusa. Esta inscrição do paterno em que tudo parece ser ordenado por este pai, numa ausência de referências à mãe, define que o João está preso a esta filiação com um pai que ele nunca conseguiu compreender se era de “cá” se era de “lá” e que culmina num chegar a lugar nenhum.

5.3.4 O Processo de Adaptação e Integração

Os movimentos que faz de adaptação e de integração são anunciados pelo João de um modo quase ambivalente, num discurso que segue uma lógica de opostos, uma coisa e o seu contrário. O primeiro anúncio em que comunica uma percepção de que se adaptou bem «*nunca senti assim por dizer discriminado ou algo assim. Sempre (...) integrei-me bem*» no entanto

percebe que não estava preparado nem ao nível dos colegas no secundário «(...) *não tive preparação, eles vinham com bases suficientes enquanto eu (...) o ensino lá, a partir de 98 foi muito fragilizado* » ou seja, o João imputa a culpa à guerra civil de 1998 na Guiné-Bissau.

No seu discurso sinaliza movimentos de procura «*Já trabalhei e par tinha uma empresa com o meu tio*» mas constata-se uma dificuldade, uma desvalorização severa, as faltas e as falhas. Procura sempre mas percebe-se que o ciclo se repete e não chega a lugar nenhum. É como se o “cá” e o “lá” fossem a mesma coisa «*a Igreja onde andei (...) a católica diz catequese, nós é a escola dominical, era praticamente a mesma coisa*». No sucesso, insucesso e integração não há diferenciação, sugerindo uma coisa e o seu contrário. Tenta criar uma condição, um movimento para se integrar, e é estudando que se integrará. Na sua fantasia acredita que se deve preparar previamente para o curso «*tínhamos uma cadeira arquitetura de computadores primeira vez que eu entrei na aulas não sei porquê não pesquisei não li isso bem até fiquei ali bloqueado*» não conseguindo compreender a verdadeira noção de integração. Nesta dimensão encontra um novo modo de dizer que não se inscreve, i.e., chega ao lugar e apercebe-se que não sabe o que é que não sabe, achando que o que lhe acontece é porque não leva de trás. Surgem então duas hipóteses: a primeira porque não sabe estar e integrar-se nas situações, a segunda relaciona-se com aquilo que ele traz de trás, do lugar de origem, que não lhe serve de nada, e é esta a grande dificuldade, é esta dupla inscrição, porque aquilo que ele não tem por ser de “lá”, mobiliza para isto mesmo. E justamente por isso, o João movimenta-se numa lógica de ir e desistir «*segundo semestre não apareci na escola*» porque mentaliza que vai lá, mas não está preparado, e como não percebe o que está lá, acaba por não ir, por ser portador de um *deficit* que contribui para não estar. Como não coloca uma terceira hipótese vai-se embora, transformando esta vivência num círculo fechado. O que sobressai são estes movimentos de esticar ao máximo, para o máximo dos máximos, a marginalidade e a delinquência, mas com o sentimento de que será sempre preterido. Outro movimento interessante é quando o João diz que “lá” tinha coisas e que ao vir para “cá” ficou sem nada, mas depois diz que de “cá” para “lá” ainda tem valor, inscrevendo este movimento de ligação às origens «*colaboro com alguns média lá da Guiné de desporto (...) escrevo de vez em quando (...) tenho um canal no youtube (...) já entrevistei vários jogadores Guineenses da 1ª liga enviava pra lá* » para depois voltar à superfície o ser diminuído « *sei que vou lá, vão acabar por rir, ler sem virgula (...) lia mal* ». Nos movimentos para encontrar uma adaptação e uma integração, o João vai explicando que é o pai que o ajuda mas que no fim não acontece nada.

5.4 Análise dos Grandes Temas: Gabriela 27 anos

5.4.1 Identidade

Apesar das vicissitudes que diz ter passado, a Gabriela anuncia uma certa resiliência quando se refere às dificuldades que atravessou, mas que inspira um sentimento de sofredora *«aconteceu muito isto na minha vida, mas eu nunca fiz isso como obstáculo eu sempre luto por aquilo que eu quero encontro uma pedra, tropeço caio mas levanto sempre continuo a seguir em frente, isso é o lema da minha vida»*. O tema do racismo é também mencionado com alguma frequência, o que dá conta do preconceito presente, evidenciando que se sente desrespeitada relativamente à cor da sua pele *«somos tratados com indiferença (...) não fossemos nada »* conferindo deste modo um conflito interno. Por outro lado, também não conecta a condição de desvantagem e não reconhecimento *«os nossos pais saem de manhã só volta a casa de madrugada (...) os nossos pais africanos têm três quatro trabalhos (...)»* e coloca noutra dimensão *«só para nos dar melhor condição de vida (...)»* ou seja, a Gabriela não identifica a desvantagem em que realmente se encontram, o facto de trabalharem mais por serem mal pagos. Mentaliza que trabalham muito porque têm de sustentar a família, emergindo assim estas pequenas distorções do real. Outro aspeto relaciona-se com esta condição de desvalor, de não reconhecimento por parte do(s) Outro(s) quando refere que foi animadora e responsável de um grupo da Igreja *« há pais das pessoas que não concordavam que eu fosse animadora (...) isso que me deixa triste »*. Ao longo do discurso, a Gabriela vai fazendo referências de que “lá” não presta, as coisas são más, são difíceis e “cá” é que são boas, mas o desvalor que ela vive “lá”, as más condições no “lá”, acaba por transportá-las para o desvalor que lhe dão “cá”. Neste sentido, a condição de ser guineense é que é uma condição. A Gabriela não tem esta pertença orgulhosa a uma cultura e a um país, porque “lá” não presta, e “cá” eles são mal tratados e desvalorizados e até desrespeitados como pessoas *« é ridículo e não é mito (...) pessoas vão na Igreja e rezem (...) saem na rua (...) viram-te a cara (...) tu cumprimentas, ninguém te cumprimenta (...) revoltam-me »*. Ela vai à Igreja onde vão os brancos, vai à escola onde estudam os brancos, tenta fazer as coisas como os brancos numa lógica de igualização, mas não é valorizada, até que finalmente encontra o lugar, na Associação de Estudantes Guineenses que propicia o encontro com o país e com as pessoas da terra de origem, numa tentativa de manter a experiência de *«sentir-se a si mesmo»*. Apresenta movimentos muito mais flexíveis do que o irmão, que aparenta estar numa condição de embotamento. Esta condição de desvalor sugere que ambos a carregam neles mesmos quando se referem ao “lá” e surge a dúvida de como poderá ser o impacto disso na forma como eles

sentem as coisas “cá”. Porém a percepção de que “lá” é mau é o resultado de movimentos projetivos onde esta marca de desvalor sugere que eles estão contaminados à partida e que tudo aquilo que lhes acontece é em função disso. Eles vêm com menos valia, são menos valia, o que reenvia para esta contaminação num modo projetivo que é correlativo. A Gabriela parece ver-se mal, logo os outros vêm-na mal e ela não tem recursos para dizer: Não! Mas eu presto! E surge de novo o mesmo registo de um certo vazio relativo às oportunidades, pois acha que lhe retiram oportunidades e possibilidades «*quando nós começamos ver aquilo que a pessoa é sem ser o tom de pele, aí o mundo seria outra coisa (...) deixa-me mesmo triste (...) deixa-me revoltada*». A Gabriela procura uma igualização que parece ser uma característica própria «*tou pagar a faculdade como qualquer português lá na faculdade também não ando com muitos pretos (...) tenho a mania que sou branca*». Esta dupla valência do «somos iguais», temos de ser iguais, esta questão do igual ao mesmo tempo, acaba por constatar em permanência a diferença que realmente existe remetendo para a existência de um conflito interno intenso e assustador mas é também uma forma de aumentar o sentimento de ser diferente, como por e.g. quando foi para a Guiné com os brancos, ela era a única preta. A Gabriela desliza sempre para este cenário do somos todos iguais mas ela está sempre em desvantagem e entre choques «*não faço trabalhos com pretos porque quero alguém que me ajude a aperfeiçoar o meu português*». Nesta sequência de luta pela igualização mas sempre constatando a diferença, emerge esta linha em que se apresenta como menor, com menos recursos, movimentando-se para um beco sem saída. Encontramos também uma dificuldade em reconhecer o facto de se arrastar a fazer cursos, anos a fio, sem conseguir perceber que o processo não está a funcionar. O irmão encontra-se igualmente neste registo. Estão presos a conceitos de oportunidades e possibilidades, numa luta constante contra eles. A Gabriela enaltecer-se a si e ao seu modo «*meu pai nunca deveu renda, sempre tentou pagar tudo (...) mas as confusões que tão a criar com isso tudo*». No entanto há várias distorções, embora não tão extremadas como as verbalizações do irmão, mas que estão muito presentes no seu discurso e que se prendem com as referências a eles, que são ótimos, são pessoas de bem. Ao enaltecer estas dimensões e ao fazer tais movimentos deste sempre enaltecer, vai revelando a noção de ser quase portuguesa, e em simultâneo não destacando nada de “lá” ou o facto de ser africana. Está presa ao que não é, ao que não é suposto ser, mas constata que é, lutando contra essas evidências para depois acentuar uma leitura catastrófica da realidade. É neste vai e vem que imprime um movimento de «eu consegui fazer isto. Obtive!», mas depois o que se verifica nos detalhes é muito pouco.

5.4.2 Referências ao “cá” e ao “lá”

A Gabriela inicia a sua história ligando o “cá” ao antigo regime, o que sugere ainda uma conotação ao colonialismo. Por outro lado evidencia-se uma distorção da lógica de valores em que o pai diz que “cá” é que é bom, no entanto só os manda vir após a guerra civil. Fala da precariedade e dificuldades no “lá” ao nível da educação *«professores não receberam o ano (...) o ano foi nulo (...)»*. Eles vêm para “cá” porque o pai diz que é bom, é melhor do que “lá” *«ele dizia nós aqui tínhamos melhor condição de vida então nós acabamos por vir cá»* no entanto esta ideia de que tudo o que o pai diz ser bom, eles de facto não encontram, mas fazem de conta que é verdade. A Gabriela vai dizendo que “lá” é péssimo, que “cá” é que é bom, mas na escola é mal tratada, há racismo *«professor virou pra mim olha pah já estou farto de vocês os pretos carne já não aguento mais pah de vos ver»*, apesar de tudo ser descrito como fantástico. O facto de haver um sentido positivo na descrição, mas que contraria os factos que são realmente descritos, reforça a ideia de haver uma distorção da realidade. Diz que fará tudo “cá” para depois ir para “lá” ajudar, mas não sabe muito bem como. Outro aspeto é este sinal de percorrer o racismo que se verifica quando a Gabriela vai numa missão com os colonialistas “lá” onde estes são bem recebidos e que estranhamente parece fazer parte da ordem natural das coisas *«pessoas adoraram saíam das suas casas às seis da manhã»* que levanta outra questão de o branco ser bem recebido “lá” e o preto ser mal recebido “cá” *«na Guiné tu conheces toda a gente vinha vizinhança de casa conhecia isso é que falta um pouco aqui não há este acolhimento são essas coisas queu sinto falta»*. O que sobressai nestes movimentos de quase aproximação, de quase se envolver é o sentimento presente de que é sempre prejudicada.

5.4.3 A Dimensão Filiativa/Afiliativa

Gabriela começa por se referir à figura paterna como aquele que veio para Portugal acompanhá-la quando esteve doente, com apenas três anos de idade. Introduce uma conotação de sacrifício e sofrimento ao facto deste pai ter ficado “cá” e ela ter voltado para a Guiné *«meu pai preferiu ficar cá ele a sofrer»*. A representação deste pai que se sacrificou é estranha, pois não se consegue perceber bem qual a relação que isto tem com ela, mas a dada altura do seu discurso parece que este pai vivia na rua, o que mostra que ele realmente não tinha condições. No entanto, estes irmãos não falam dessa condição. O pai fez o caminho mas eles ficam inscritos numa lei paterna que os leva a produzir alterações no sentido do real, pois a lei paterna costuma funcionar doutra forma, introduzindo o real e aqui parece acontecer o

contrário. A Gabriela parece não estar ligada a coisa nenhuma, procura uma filiação e não consegue. A cultura do “lá” resume-se ao traje que veste nas festas da Igreja “cá”.

5.4.4 O Processo de Adaptação e Integração

O primeiro movimento de adaptação e integração narra-o através da sua veemente recusa em ir para um curso profissional, por considera-lo menor e isento de bases *«professores pediram a meu pai que me pusessem num curso profissional (...) tive a decência de curso profissional NUNCA! a base que tem depois é muito complicado adaptar à faculdade porque curso profissional alunos são pró mercado de trabalho não são para ir para seguir pa faculdade »*. Entretanto a Gabriela muda de lugar académico, que considera como extraordinário, indo então para a Casa Pia. De seguida vai para a faculdade e tal como o irmão arrasta-se penosamente (está a fazer cadeiras do 2º ano). Faz igualmente um movimento alternativo ao qual dá muita importância *«grupo de jovem aqui na Igreja ajudou-me imenso»*. Também passa a pertencer à Associação de Estudantes Guineenses, numa tentativa de regresso às origens e isto é uma marca que se encontra com alguma frequência *«sei que vou ajudar as pessoas que querem ser ajudadas há coisas na Guiné que eu tinha desligado por causa da questão politica e agora voltei»* o que significa que a Gabriela tentou inscrever-se nas lógicas daqui, com as pessoas daqui e como encontrou sempre adversidades movimentar-se para encontrar o apoio naqueles iguais a ela, os Guineenses. Até aqui a Gabriela mentaliza que este “cá” é o lugar das oportunidades, o lugar onde as coisas podem acontecer e vai criando sucessivos movimentos, mas este lugar de oportunidades configura contrariedades. Apesar disso continua a investir em movimentos para tentar uma integração mas sente sempre que é impedida. Há movimentos na tentativa de se juntar aos brancos, mas que não funciona e é este o tema que emerge continuamente. Apesar do racismo e das dificuldades, mesmo assim percebem que aqui se vive melhor do que “lá”, quer nas condições de vida quer no acesso ao trabalho *«aqui as casas são diferentes temos a água dentro da nossa casa já estou habituada são coisas me faz pensar um pouco em voltar (...) quero dar alguma coisa pa Guiné-Bissau»*. Introduce crítica relativamente à cor da pele, i.e. são eles que se autosegregam *«acho que é isso é que falta um pouco a nós falta mesmo muito nos africanos, os africanos juntam-se menos»* e são eles que têm a culpa de não se mostrar “cá”. No seu discurso vai enunciando o não se achar preta *«(...) se ver um grupo de rapazes só preto também fico com receio de passar lá e o quê que vai acontecer »*. A Gabriela está envolta neste constrangimento de repetição do ciclo, ou seja, somos iguais! Depois, somos diferentes, somos discriminados e anda neste movimento de lá para cá, argumentando que a culpa é

deles (pretos) que não se apresentam e que não se integram. Por outro lado surge aqui uma problemática, ela podia fazer este movimento, mas sem acusar os outros. Sugere assim que a culpa do racismo é então dos pretos. A Gabriela parece não estar ligada a coisa nenhuma, parece até que repudia. O que sobressai são estes movimentos de quase aproximação, de se envolver e de sentir que é sempre prejudicada. Ela procura manifestar-se ou como africana ou como portuguesa, faz vários movimentos para se dirigir para, mas depois chega e não é bem aquilo que queria, e fica mais uma vez sem lugar porque “cá” não dá e “lá” também não, porque é pouco para ser “cá” e ainda não é suficiente para ser “lá”.

6. Discussão

Neste quem sou eu, com toda a minha cultura e história, fizeram-se notar nas duas narrativas quatro temáticas que, embora comuns, são expressas de forma diferente por cada um dos participantes. Nas questões ligadas à identidade o João não se fixa em lado nenhum. É uma identidade flutuante, volátil, que não se fixa, mas por outro lado parece estar preso, que não tem lugar. Sendo oscilante, parece ser um processo estável. Está subordinado a uma lógica em que vai valorizando e desvalorizando, assemelhando-se a uma segunda pele, inscrito sobretudo a um carácter repetitivo que atinge uma forma muito invasora. Em alturas diferentes do seu discurso parece haver um «vai e vem» onde se qualifica e parece que ele é bom, mas depois surge a continuação que ele é incapaz de formar. Há como que uma circularidade de qualificar as oportunidades e possibilidades pois quer “cá” quer “lá” procura qualificar, dar valor, encontrar um lugar, mas realmente é porque o João não tem este lugar. Nas referências ao “cá” e ao “lá”, nomeia o desvalor das coisas de “lá”, como a escola ser má e aprender-se mal. Há uma ausência de referências culturais e tradicionais. Quer transmitir que “cá” há uma impossibilidade de se fixar num lugar, num espaço e num tempo onde possa ter de facto uma existência, porque quando coloca tudo no espaço envolvente, nas pessoas, que é bom ou mau, que tem ou não tem, o João retira dele, e ao retirar dele, nada é dele. O João não se sabe, não sabe porque vem, porque não vem e porquê que está naquele curso. É como se fosse em simultâneo os *Zidanes* e os delinquentes, aqueles que não estudam, aqueles que têm grande sucesso, ele é tudo e não é nada. Mantem-se numa constante contradição entre o ser bom ou mau “cá” e “lá”. O problema é que o João não tem sossego, o que é angustiante, pois como é que ele pode estar num lugar, se esse lugar não existe? Relativamente à dimensão filiativa o João é muito vago nas questões maternas, e ao paterno faz poucas referências à sua história, em que só nomeia o ter ido estudar e o conflito que criou com a família. Portanto, ele não integrou a noção de pai e de mãe. O que é bom o João não integra. No processo de

adaptação e integração, salienta tudo o que termina mal, como se a noção de sucesso, em que ele a dada altura parece fixá-lo «ali», vai de facto reaparecer «ali» como insucesso. O João nos bons, é o menos bom e nos maus, é o menos mau. A Gabriela nos seus movimentos identitários, está presa no que não é e no que é suposto ser, mas constatando que é, luta contra as evidências, assente numa leitura catastrófica que faz da realidade, andando neste «vai e vem». Mentaliza que conseguiu fazer e obteve, mas depois nos detalhes aquilo que a Gabriela reconhece é muito pouco. Parece que os seus movimentos são sempre em vão e quando entra mais fundo é para destacar que não tem nada. Quando fala do “lá”, anuncia as desgraças da guerra, dos pobres e que não tem água, não havendo referências culturais e tradicionais. A cultura africana para ela é o traje. Na dimensão filiativa é muito vaga. No processo de adaptação e integração a Gabriela vai para os trabalhos da faculdade, mas constata que assim não pode ser, apesar de se manter nesta condição; paga a renda, mas continua preta. Ambos convergem ao não fazerem referências culturais e tradicionais da Guiné e nos movimentos de adaptação, pois há como que uma impossível adaptação pela forma como se colocam nas situações. Não podem viver “cá” nem ir para “lá”, porque “cá” não dá e “lá” também não. O paradoxo é que têm de ser brancos à força, sendo pretos e vivendo mal a condição de pretos. Divergem no sentido em que não se conhecem as glórias da Gabriela enquanto no João se sabem, mas este desvaloriza quando não correm bem. Por outro lado a Gabriela tem movimentos muito mais contestatários enquanto o João vai indo e vai-se enrolando.

O João demonstra um sentimento de «desenraizamento» das suas origens, ameaçando deste modo o «sentir-se a si mesmo» na sucessão de mudanças que conferem a base da experiência de identidade onde expressa um sentimento de alteridade marcado num reconhecimento de desvalor e de não reconhecimento por parte do(s) Outro(s), conferindo deste modo um conflito interno. Vai mostrando uma condição que revela e que esconde em simultâneo uma dificuldade, com a enunciação de opostos que conferem contradições no seu discurso. A intensidade das falhas são sentidas de forma muito invasiva pois esta visão da realidade mostra a dificuldade sentida pelo João em fazer compensação interior. Mentaliza que o sacrifício é obedecer e que será compensado por isso. Destaca-se, embora com pouca energia psíquica, a possibilidade de transgredir ou não. Há uma procura de um equilíbrio comparando-se com os outros, uma procura de identificação e encontro de semelhanças com o *self* nos objetos externos, mas nivelando-se sempre por baixo. Neste intercâmbio intersubjetivo procura de modo incessante subir do desvalor. O João está «sem pertença», não é de “cá” nem de “lá”, o que fragiliza o sentimento da própria identidade.

A experiência migrante é um fenômeno representativo de problemáticas pessoais (Calvo, 1977). Na sequência de investigações efetuadas sobre os aspetos psicológicos da «emigrabilidade», Menges (1959) define este conceito como a capacidade potencial do emigrante para adquirir no novo lugar, de forma gradual e relativamente rápida, uma determinada dimensão de equilíbrio interno. Klein (1963) fala do «sentimento de solidão» inscrito numa vivência de incompletude que deriva do fracasso de uma plena integração pessoal em que o sujeito está convicto de que determinadas partes dissociadas nunca serão recuperadas, o que contribui para que o indivíduo não se sinta na inteira posse de si mesmo, nem se sentir como pertencente a uma pessoa ou a um grupo. O sentimento de pertença é condição *sine qua non* para uma integração satisfatória num novo país e para manter o sentimento da própria identidade (Grinberg & Grinberg, 1999). Contribui para isso se o sujeito tiver um intenso sentimento de solidão, no sentido em que acentuam durante um espaço de tempo a vivência de «não pertença», i.e., «já não se pertence ao lugar que se deixa» e «ainda não se pertence ao lugar que se chega». Através da análise das narrativas foi possível perceber este tipo de sentimento em ambos os participantes, como relatado acima, pois apesar de reconhecerem que as condições “cá” são melhores do que “lá”, não se sentem partes integrantes do novo meio. O sentimento de continuidade da identidade depende da interação de três vínculos de integração. O vínculo de integração espacial considera a relação das diferentes partes do *self* entre si, incluindo *self* corporal, permitindo assim ao sujeito manter a sua coesão interna bem como o sentimento de «individuação», comparando-se e diferenciando-se dos outros objetos e que tende para uma diferenciação do *self*-*não-self*. Quanto ao vínculo de integração temporal, reúne as diversas representações do *self* no tempo, estabelecendo assim uma continuidade entre elas, assegurando a base do sentimento de «mesmidade» que permite ao sujeito continuar a sentir-se o mesmo para além das transformações temporais. No vínculo de integração social, engloba-se as relações que se estabelecem entre *self* e os objetos através de mecanismos de identificação projetiva e introjetiva, conferindo ao sujeito o sentimento de «pertença». Estes vínculos podem ser perturbados, onde o sujeito pode experienciar estados de desorganização recativando ansiedades muito primitivas, na fantasia de ser «devorado» ou «despedaçado» pela nova cultura. O João mostra uma desorganização acentuada por apresentar no seu discurso contradições constantes entre o “cá” e o “lá”, o bom e o mau, considerar-se suficiente para o novo meio mas simultaneamente denegrindo o seu estatuto, sentindo-se aceite e rejeitado, não encontrando assim o seu lugar na nova cultura, mas também já não pertencendo à sua cultura de origem, mostrando deste modo um conflito interno. Estes estados misturam-se no desejo

de se ou confundir com os outros para não se sentir excluído ou se diferenciar dos outros para continuar a ser ele mesmo. O vínculo temporal poderá confundir o sujeito entre o passado e o presente, pois o passado pode invadir o sujeito de forma intensa, o que incapacita o processo de integração (Dias, 2004). Toda a crise implica uma ideia de «rutura», separação ou desenraizamento (Kaés, 1979). A herança cultural é a expressão do «espaço potencial» entre o indivíduo e o espaço envolvente, não se configurando por si só como condição para não experienciar a «rutura» e o sentimento de continuidade da existência (Winnicott, 1971). Deste modo, providencia a formação de um «espaço entre nós», entre o Eu e o não Eu, entre o «dentro» (grupo de pertença) e o «fora» (grupo de receção), entre passado e futuro. A pessoa que migra necessita de um «espaço potencial» que lhe sirva de «lugar de transição» e de «tempo de transição», entre o país objeto materno e o novo mundo externo. Este «espaço potencial» deve conceder a possibilidade de viver a migração como um «jogo». Quando se fracassa na criação deste «espaço potencial» produz-se a rutura na relação de continuidade do meio e do *self*. Tal rutura implica a perda da capacidade de simbolização, conferindo uma necessidade de recorrer a defesas primitivas como o mecanismo de identificação projetiva num apelo ao Outro (Bion, 1970). Um migrante carente que sofra a perda prolongada de objetos confiáveis sofrerá uma diminuição da sua capacidade criativa, pelo que a recuperação das suas habilidades dependerá das suas condições de elaborar e superar a carência. Se o elaborar for bem-sucedido, a crise, a desorganização, assumirá uma qualidade de renascimento com o desenvolvimento do seu potencial criativo. O sentimento de desamparo sentido na experiência traumática (Rank, 1961) corresponde à experiência de perda do «objeto continente» na teoria de Bion (1970) ligado à desintegração e dissolução egóica com perda dos limites do Eu. Na experiência migrante a capacidade do indivíduo continuar a «sentir-se o mesmo» é a base da identidade que muitas das vezes não acontece pela instabilidade causada. Neste sentido, a consolidação do sentimento de identidade depende da internalização de relações de objeto assimiladas pelo Eu pela ação de identificações introjetivas autênticas e não pelo uso de identificações projetivas que originam um falso *self*, convertendo a experiência migrante em dinâmicas impulsoras de ameaça ao sentimento de identidade. O adulto na luta de autopreservação deve repetir constantemente a experiência de «encontrar-se a si mesmo» e de «sentir-se a si mesmo» (Tausk, 2000). Neste contexto o sujeito deve «sonhar» com aspetos do seu país de origem. Exemplo disso é o facto de o João ter um canal no *youtube* e um *blog*, e a Gabriela estar integrada na Associação de Estudantes Guineenses, como forma de manterem a experiência de “sentir-se a si mesmo». Porém, a experiência migrante pode desencadear ameaças ao sentimento de identidade na relação do indivíduo com a sociedade

expressas a um nível pré-consciente e consciente, numa série de fantasias inconscientes que integradas constituem uma «fantasia inconsciente do *self*», dando lugar a perturbações de identidade. Seguindo esta lógica, o João e a Gabriela convergem numa identidade rígida e pouco plástica. No pensamento de Klein citado por Hollway (2009), para a psicanálise, o encontro com realidades diferentes provocam conflitos entre mundo interno e mundo externo, provocando a formação e a reformulação da identidade. Há a criação de um terceiro elemento (Ogden, 1994) a partir da subjetividade e da intersubjetividade criado por estes dois mas que também os cria. Este terceiro elemento é o movimento dialético da subjetividade e intersubjetividade quando dois indivíduos se conhecem a um nível psíquico, ou seja, existem dois indivíduos em termos de separação física e isto coexiste numa tensão dinâmica com a unidade Eu-Outro. As pessoas não aceitam totalmente a realidade mas têm que relacionar as forças internas e externas (o seu mundo interno e a realidade). Nesta dinâmica há a existência de uma tensão entre esses dois mundos que só poderá ser aliviada por uma área intermédia de experiência, contribuindo para tal os «objetos transacionais». Deste modo a realidade em termos de dinâmicas do mundo interno, não é percebida como unidade individual, mas sim como estando sempre em conflito com o mundo exterior. Em ambos os discursos verifica-se este permanente conflito entre os participantes e o novo meio, a realidade externa. Este conflito é acentuado pela ideia fixa, também transmitida pelo pai, de sucesso, que consiste em tirar um curso na faculdade. Neste «caminho de vida que leva ao sucesso» verifica-se uma grande rigidez e falta de flexibilidade que aumenta ainda mais o conflito entre o interno e a nova realidade externa. O facto de eles não estarem a conseguir acabar esta etapa mas não saírem dela devido a essa ideia fixa de sucesso, prejudica ainda mais o seu processo de integração e o sentimento de harmonia com a nova realidade. Enquanto os seus pares evoluem na vida, eles continuam «presos» a uma etapa que podiam moldar às suas próprias circunstâncias, mas que não acontece. Lidar com a realidade externa inscreve uma vivência de tensão contínua, uma vez que esta não está de acordo com os nossos desejos e encontra-se fora da nossa área de onnipotência. É nesta dinâmica e nesta perceção de que não se tem controlo, que tem lugar os «objetos transacionais» e experienciados no «espaço transacional». Neste sentido só assim é possível experienciar o *self*, constituindo-se na subjetividade individual e singular, numa dinâmica entre o desejo (ligado ao interior) e o limite (ligado ao exterior). A identificação é um laço emocional (Hollway, 2009) que providencia o *insight* na «relacionalidade» onde as fronteiras do *self* são permeáveis e que o aparente objeto isolado está sempre a assimilar o que está no exterior, i.e., o ego não é realmente independente mas feito de objetos que vai assimilando (Benjamim, 1998). Deste modo, a identificação

relaciona-se com o processo de encontrar semelhanças com o *self* em objetos externos mas também em perceber que esses objetos são separados da identidade. Por exemplo, a Gabriela não é capaz desta diferenciação, procurando intensamente igualizar-se no seu desejo de ser «branca». Deste modo a dimensão interna e externa está implícita quando os sujeitos se movimentam de um lugar, o “lá”, para outro lugar, o “cá”, em que operam fantasias inconscientes de procura de um lugar repleto de possibilidades e oportunidades. O João e a Gabriela entendem que o “cá” tem essas possibilidades e oportunidades, no entanto, nas suas narrativas, o chegar “cá” anuncia vivências dramáticas representativas de problemáticas pessoais que colocam em causa o sentimento de identidade. É exaltada uma sensação de ficar «suspenso» entre dois lugares, numa «dupla ausência» de identificações, traduzindo-se num sentimento de «não pertença» nem ao “cá” nem ao “lá” e numa «vivência de incompletude que deriva do fracasso de uma plena integração pessoal» (Klein, 1963), dando lugar a uma convicção de que partes dissociadas e projetadas jamais serão recuperadas, contribuindo para um sentimento de «não se sentir a si mesmo» e «não pertencer» a lugar nenhum.

Quando o Eu de quem migra é severamente afetado por vivências dramáticas, será difícil ao sujeito recuperar do estado de desorganização psíquica a que chegou, evoluindo então para um sentimento de «desamparo». Deste modo, e uma vez que tanto o João como a Gabriela migraram para Portugal em 2005, na sua adolescência, tal momento propicia a formação de uma atmosfera particular que leva ao estabelecimento de uma «barreira de contacto» entre os objetos, entre o dentro e o fora, entre inconsciente e o consciente (Marques, 1999), que ao invés de ser promotora de transformações pela ação e atividade de ligação, de comunicação das realidades internas e externas, que levam à realização de novas experiências gerando novas relações continente-conteúdo (identificações projetivas) e de novas significações, compromete a função interna de conter e simbolizar que permite a (re)construção de objetos no espaço interno e a criação de sentires e sentidos, de sujeito e de objeto renovados. Sendo a relação Eu-Outro, numa aceção dinâmica, uma relação «continente-conteúdo», que envolve invariavelmente movimentos de desintegração e integração, onde opera a função α como transformadora dos elementos sensoriais (elementos β) em elementos que podem ser pensados, no João e na Gabriela esta função é vivida como frustrante e sentida por uma ausência da «capacidade de *rêverie*» que Bion explicou, citado por Zimmerman (1995), como sendo a capacidade de sonhar o outro através da reciprocidade e da ressonância emocional, que possibilita tanto o pensar pensamentos como a introjeção do bom objeto fundamental para adquirir segurança e autorregulação. Isto não acontece com o João e com a Gabriela, uma vez que não é por eles percebida nem sentida

essa ressonância por parte do Outro, pois o Outro, para eles, não tem a sensibilidade nem a capacidade de conter e compreender o «objeto continente», nem é capaz de suportar as projeções deles, recebê-las, discriminá-las e devolve-las de forma adequada, ou seja, tanto o João como a Gabriela sentem-se «abandonados», aumentando o seu sentimento de «não pertença». É latente o conflito interno em ambos e para fazer face às angústias e aos conflitos determinados pela experiência que enfrentam utilizam os opostos como mecanismos de defesa. No João, se num primeiro momento narra que tudo corre bem e que se integrou, num segundo momento anuncia que tudo está mal, a cor de pele é uma marca negativa e que não se integra. Na Gabriela, também se vê este traço em que tudo corre bem mas depois é vítima de *bullying*, a cor da pele é um fator que vê como negativo e que impede a sua integração. Os seus movimentos remetem, e isso é manifesto na sua narrativa de forma muito intensa, ao desejo de ser branca. A idealização ocupa um lugar predominante com características regressivas, centrando-se principalmente, embora por vezes de forma ténue, em investimentos que de certo modo os ligam às origens. Emerge o recalco como mecanismo de defesa a um sofrimento e angústia relativamente à cor da pele, mas este recalco não resolve a dificuldade. Ela está presente e permanece. Deste modo, as angústias persecutórias colocam-se no mundo externo, nas dificuldades reais contra as quais lutam ativamente, o que pode remeter para um luto adiado, um luto do «transplante» que não foi elaborado por parte do pai visto por eles como objeto idealizado. Dado que é operativo, este trabalho de luto implica uma diminuição de interesse no mundo externo, dificultando a ação, o que sugere que este luto por ser tão adiado acaba por ser delegado na segunda geração. O conceito de «dupla ausência» do sociólogo e filósofo francês Abdelmalek Sayad citado por Pussetti (2010), pressupõe um carácter traumático para aqueles que experienciam movimentos migratórios nos quais se realça uma «divisão identitária» e uma «dupla consciência». Como se pode verificar, estes conceitos estão presentes e resumem o transmitido pelos dois participantes.

7. Conclusões

O objetivo particular deste estudo foi aceder à subjetividade do sujeito psicológico enquanto migrante e que se movimenta do “lá”, o seu país de origem, para o “cá”, país de acolhimento, nomeadamente explorar as problemáticas relativas à identidade. Para isto, foi utilizado o Estudo de Caso, na medida em que a epistemologia qualitativa defende o carácter construtivo e interpretativo do sujeito psicológico, de forma a aceder à sua subjetividade única e singular. Recorreu-se ao modelo de investigação qualitativo de livre associação designado de FANI (*Free Association Narrative Interview*). Foram efetuadas duas entrevistas a dois

sujeitos Guineenses e procurou-se nas duas narrativas perceber e interpretar nos seus movimentos, a intersubjetividade em contexto migratório. Nesta dinâmica emergiram dimensões representativas de um mundo interno e de um mundo externo em permanente conflito, que compromete o sentimento de identidade e acentuam o sentimento de «não pertença» nem ao “cá” nem ao “lá” e de não reconhecimento mútuo que regule a relação Eu-Outro(s).

Pode-se concluir que os participantes ainda estão a passar por movimentos que mobilizam para uma não inscrição ao “cá” por serem de “lá”, inscritos numa noção que configura uma «dupla ausência», uma «dupla identidade» e uma «dupla consciência» sem lugar. O processo migratório fez emergir problemáticas ao nível da identidade num Eu «ameaçado» onde os sujeitos estão em conflito com eles mesmos, inscrito num sentimento de «não pertença» nem ao “cá” nem ao “lá”.

Este estudo sugere que a Psicologia Clínica deve ter uma maior proximidade com o sujeito migrante, para que haja um melhor entendimento/interpretação do sujeito psicológico, recorrendo-se mais amiúde aos métodos qualitativos, nomeadamente à produção de narrativas de livre associação como forma de aceder à produção de conhecimento e a concepções de teorias sobre a realidade da subjetividade individual e singular dos sujeitos que experienciam a vivência migrante.

Para trabalhos futuros sugere-se que se faça investigação ligada a uma intervenção mais cuidada na Psicologia Clínica em geral considerando as problemáticas que o processo migratório inscreve nos sujeitos que a experienciam, nomeadamente em sujeitos africanos pelo preconceito e estigmatização de que são alvo relativamente à cor da pele.

Finalizo esta minha viagem pelos caminhos do inconsciente com o sentimento de dever cumprido mas convicta de que muito tenho ainda a aprender.

E assim realizei o meu sonho sonhado desde o meu adolescer!

«A liberdade é a possibilidade do
isolamento. Se te é impossível viver só,
nasceste escravo.»

Fernando Pessoa

Referências Bibliográficas

- Benjamim, J. (1998). *Shadow of the other: Intersubjectivity and gender in psychoanalysis*. New York: Routledge.
- Bion, W. (1961). Uma Teoria do pensar. In E.B.Spillius (Ed.), *Melanie Klein hoje (Vol.1)*, pp. 185-193). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Bion, W. (1970). *Attention and Interpretation*. Londres: Tavistock Publications.
- Calvo, F. (1977). *Que es ser emigrante*. Barcelona: Editorial La Gaya Ciencia.
- Devereux, G. (1977). *Essais d'ethnopsychiatrie générale*. France: Gallimard.
- Devereux, G. (1985). *Ethnopsychanalyse Complémentariste*. Paris: Flammarion.
- Dias, C. A. (2004). Prefácio à edição portuguesa. In *Migração e exílio estudo psicanalítico* (pp. 11-12). Lisboa: Climepsi Editores.
- Godoy, A. (Março/Abril de 1995). Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), pp. 57-63.
- Gracia, L., & Quek, F. (1997). Qualitative research in information systems: Time to be subjective? In A. Lee, J. Liebenau, & J. Degross (Eds.), *Informations systems and qualitative research* (pp. 444-465). London: Chapman & Hall.
- Grinberg, L., & Grinberg, R. (1996). *Migração e exílio estudo psicanalítico*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Grinberg, L., & Grinberg, R. (1999). *Identidade e mudança*. Lisboa: Climepsi.
- Henriques, J., Hollway, W., Urwin, C., Venn, C., & Walkerdine, V. (1984/1998). *Changing the subject*. London: Methuen.
- Hinshelwood, R. D. (1991). *Dictionary of Kleinian thought*. London: Free Association Books.
- Hollway, W. (2009). Relationality: The Intersubjective foundations of Identity. In *The Sage Handbook Of Identities (Chap. 11)*, pp. 216-232). M. Wetherell.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently*. London: SAGE Publications.

- Jelloun, B. (1977). *La plus haute des solitudes*. Paris: Seuil.
- Kaés, R. (1979). *Crise, rupture et dépassement*. Paris: Dunod.
- Klein, M. (1963). On the sense of Loneliness. In *The envy and gratitude and other works, 1946-1963* (pp. 300-313). Londres: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis.
- Klein, M. (1963). On the sense of Loneliness. In *The envy and gratitude and other works, 1946-1963* (pp. 300-313). Londres: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis.
- Kreutz, L. (Julho de 1999). Identidade étnica e processo escolar. *Cadernos de Pesquisa*, nº107, pp. 79-96.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1985). *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores.
- Mackenzie, C., & Stoljar, N. (2000). *Relational autonomy: Feminist perspectives on autonomy, agency and the social self*. New York and Oxford: Oxford University Press.
- Marques, M. E. (1999). *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Menges, L. (1959). «*Geschiktheid voor emigratic. Een onderzock naar enkele psychologische aspecten der emigrabiliteit*». Gravenhage: Diss. Univ. Leiden.
- Mesmin, C., & Myriam, B. (1995). Psychothérapies des enfants de migrants. In C. Mesmi, & S. Guillard, *La langue maternelle comme outil thérapeutique dans* (pp. 21-40). Grenoble: La Pensée Sauvage.
- Moro, M. R. (1998). *Psychothérapie transculturelle de l'enfant et de l'adolescent*. Paris: Dunod.
- Moro, M. R. (2015). Psicoterapia transcultural da migração. In *Psicologia USP*, 26 (2) (pp. 186-192). doi.10.1590/0103-6564D20140017.
- Moses, R. (1978). Adult psychic trauma. The question of early predisposition and some detailed mechanisms. *International of Psycho-Analysis*, 59, 2-3.
- Nathan, T. (1986). *La folie des autres. Traité d'ethnopsychiatrie clinique*. Paris: Dunod.
- Ogden, T. (1994). Subject of Analysis. In S. Mitchell, & L. Aron, *Relational Psychoanalysis: The emergence of a tradition* (pp. 59-60). Hillsdale, NJ: The Analytic Press London: Karnac Books.

- Ogden, T. (1994). The analytic third: working with intersubjective clinical facts. In S. Mitchell, & L. Aron, *Relational Psychoanalysis: The emergence of a tradition* (pp. 459-592). Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Ogden, T. (2001). *Conversations at the frontier of dreaming*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Paduart, P. (2008). De Freud à Devereux naissance de l'ethnopsychanalyse, 52. pp. 83-101.
- Pussetti, C. (2010). Identidades em crise: Imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal. *Saúde e Sociedade, 19*, pp. 94-113.
- Rank, O. (1961). *El trauma de nacimiento*. Buenos Aires: Paidós.
- Roheim, G. (1972/1943). *Origine et fonction de la culture*. Paris: Gallimard (Trabalho original publicado em 1943).
- Scheffler, H. (1985). Filiation and affiliation. *Man, 20(1)*, pp. 1-21.
- Schneider, D. (1967). Descent and filiation as cultural constructs. *Southwestern Journal of Anthropology, 23(1)*.
- Tausk, V. (2000). Euvres psychanalytiques. In V. Tausk (Ed.), *De la genèse de "l'appareil à influencer" au cours de la schizophrénie* (pp. 177-217). Paris: Payot & Rivages (Trabalho original publicado em 1919).
- Thom, R. (1976). Crise et catastrophe. *Communication, 25*, 34-38.
- Venn, C. (2006). *The postcolonial challenge towards. Alternatine worlds*. London: Sage.
- Walkerdine, V. (1997). *Daddy's Girl*. London: Macmillan.
- Winnicott, D. (1958/1965). The capacity to be alone. In *The maturational processes and the facilitating environment: Studies in the theory of emotional development* (pp. 28-35). Londres: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis.
- Winnicott, D. (1971). *Playing and reality*. Londres: Tavistock Publications.
- Yin, R. K. (2001b). *Estudo de Caso. Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Zempléni, A. (1985). La "maladie" et ses "causes" (Introduction). *Le'Ethnographie, 81(2)*, pp. 13-44.
- Zimerman, D. (1995). *Bion, da teoria a prática. Uma leitura didática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Anexos

Anexo A: Carta de Consentimento Informado para os Participantes

«Carta» de consentimento informado para os participantes

Numa investigação existem questões de ética que devemos ter em conta, como: riscos (físicos, psicológicos e danos sociais), consentimento informado, privacidade, confidencialidade, decepção e debriefing.

Este estudo psicanalítico não apresenta risco superior ou risco mínimo, assim não há riscos físicos nem psicológicos. As gravações de áudio são confidenciais, ou seja, toda a informação que identifique o participante é removida, de forma a eliminar possíveis riscos ou danos sociais. O participante, ao colaborar no estudo, está assegurado de que este é confidencial.

Considera-se não existir decepção nem debriefing. Considera-se não existir decepção, visto que toda a informação será dada ao participante e nada lhe será omissa. Como não existe decepção, não existe debriefing. Só existe debriefing quando é utilizada decepção e depois é informada e justificada pelo investigador, de forma a remover quaisquer efeitos prejudiciais da decepção.

Tomei conhecimento que Paula Figueiredo Miranda, aluna do 5º ano de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica no ISPA-Instituto Universitário, está a desenvolver um estudo sobre o Processo Migratório com participantes provenientes da Guiné-Bissau. Neste sentido, foi solicitada a minha colaboração para colaborar.

Fui informado de que o auto-relato será anónimo, confidencial, e será gravado apenas em áudio, para facilitar a sua análise, sendo o seu registo destruído após o final da investigação. A minha identificação nunca será divulgada e a minha colaboração tem carácter voluntário.

Aceitei colaborar neste estudo e assino onde indicado,

Assinatura _____

Investigador _____

Anexo B: Transcrição Completa da Entrevista com o Participante A

A entrevista com o João foi realizada a 21 de Dezembro de 2015 pelas 14h e teve uma duração de 1h45'48''

É um jovem com 28 anos de idade, guineense de etnia Balanta Mané, nasceu em Bissau, é evangélico e migrou para Portugal em 2005.

Eu -Antes de mais quero agradecer a tua disponibilidade em colaborares. Como te disse ontem, a entrevista é confidencial, o teu nome não vai ser mencionado, vou arranjar outro nome, e vai ser gravada por duas razões: porque eu depois tenho que a transcrever e a outra razão é que eu não consigo reter tudo o que me vais dizer

Participante - eu sei eu sei

Eu - e tudo o que me disseres é importante, percebes? Queria que me contasses a tua história sobre a migração A tua experiência de migração para Portugal.

Participante - nesse caso vai tar a fazer pergunta e vou responder, certo?

Eu - vais falando sobre o que tu quiseres, estás à vontade, aquilo que te vier à cabeça.

Participante – ahh... pensei que iria ser mais perguntas da sua parte, nesse caso eu ia respondendo assim eu desenvolvia mais. Eu se calhar vou ficar bloqueado. Não saber que tenho que falar ou não tenho que falar

Eu -estás à vontade é o que tu quiseres

Participante - pois não sei se consigo desenvolver assim. Se fosse mais perguntas da sua parte se calhar conseguia mais dar respostas ou desenvolver mais nesse caso

Eu - mas consegues, consegues

Participante - [ri] ... não sei não sei... então por onde é que eu começo, já agora? Hummm entretanto da emigração pra qui, né?

Eu - sim, como é que tu sentiste o facto de virem para Portugal

Participante - hum hum... bem desde que eu conheci a minha pessoa sei que o meu pai vivia cá, nesse caso. Sei que um dia quer não quer, a gente vinha cá viver. Dependia dele. Tinha um bom trabalho cá. Acabou por vir cá, a minha irmã estava doente na altura, veio juntamente. Ele simplesmente veio acompanhar a minha irmã. Acabou por ficar. A intenção não era para ele ficar cá. Ele tinha um bom trabalho. Era professor e coordenador de biologia numa escola

secundária e tinha um outro trabalho no Ministério de recursos naturais. Trabalhava, nada nos faltava.

Eu - claro

Participante - exato. Entretanto ele, a minha irmã esteve doente ... aaa aaa... anda sempre aqui na Igreja. Teve doente. A minha mãe não estava a fim de o acompanhar pra qui. O meu pai teve de deixar tudo. Isto é, fez um pedido lá no emprego que ele tinha de fazer dois empregos, deram licença e veio pra qui. A intenção era só a minha irmã tá bem e voltava, mas chegou cá viu, muitos colegas... aaa... aaa... de formar e de segurar tão aqui aaa...aaa... na faculdade e tudo mais e ele acabou por ficar aí. A minha irmã voltou voltou pra Guiné. Entretanto ele foi lá umas poucas vezes praticamente e depois achou que aqui era melhor né? porque depois no 98 na Guiné era instabilidade atrás de instabilidade, questão politica, golpe de estado atrás de golpe de estado e o ensino aqui é que chamou mais atenção a ele professor deu aulas e tudo mais porque era melhor a gente vir cá estar. Ele trabalhava aqui, nada nos faltava lá. Chegamos cá praticamente também nada nos faltou, nunca senti assim por dizer discriminado ou algo assim. Sempre integrei integrei-me bem. Cheguei entrei numa associação que que, a onde vi, até trabalhei lá, fiz voluntariado dois anos aí

Eu -hum hum

Participante - fiz também no IPJ- estudo português da juventude, coordenei quase três anos. Cheguei por causa do meu pai, se calhar já tinha conhecimento acabei por integrar, apresentou-me várias pessoas

Eu - claro

Participante - não tive dificuldade praticamente em termos de racismo ali lá [faz som com a boca] para ser sincero não senti nada até hoje ainda junto-me com os colegas do secundário que já acabaram o curso, eu por algumas questões... aaa... aaa... seja financeira ou algo mais, não entrei segue e não tive preparação também em relação aos alunos que estudaram aqui desde, já vinham com bases suficientes em quanto eu, o ensino lá, quer dizer, a partir de 98 foi muito fragilizado. Eles tiveram um sistema que era muito antigo quase setenta e tal com o novo desenvolvimento no ensino lá, aquilo era muito péssimo. As pessoas saem de lá com o secundário feito chegam aqui têm que voltar atrás, foi o que aconteceu no meu caso... aaa.. foi aqui no Liceu, Padre Alberto,

Eu -hum hum

Participante - viram a dificuldade que eu tinha, sabe? e me diziam... aaa... bom aluno podes ser, mas, o que esses traziam atrás, não tens, ma aconselharam, eu senti mal

Eu - claro

Participante - na altura, atrasei-me um pouco, fui para o décimo ano mas já tinha décimo primeiro feito, feito na Guiné

Eu -isso

Participante - exato. Ma aconselharam, vá pró curso, vá pró curso, meu pai sempre recusou. Fiquei também vários anos parado, a tirar cursos a dias e tal, e acabei por ingressar na faculdade. A minha irmã também tá. Dissidimos, é pá vamos tirar. Trabalhei a coordenar em quê? Três anos, quatro anos, só no verão

Eu - hum hum

Participante - um projeto de voluntariado, através do IPJ... aaa... fazíamos vários trabalhos aí, vários trabalhos. No verão a gente vigiava florestas por causa disso

Eu - que giro

Participante - recebíamos formação dos bombeiros, de coordenadores superiores de curso e fui coordenei e fui, coordenei na altura tinha português em atraso, mas a maioria das pessoas que coordenei já távam no segundo, terceiro ano da faculdade

Eu -hum hum

Participantes - respeitavam-me. Cada coisa que eu dizia eles tinham que fazer. Ó pá ouve, senti-me valorizado. Na sociedade onde fui me inserir ou co-inseri ao longo dos anos aqui, fui sempre bem acolhido. Colegas do secundário até hoje, de vez em quando vêm com o carro até qui em baixo, me apanham

Eu - hum hum

Participante -saímos à noite, depois voltamos sem problema. Outros infelizmente já tão na mestrado doutoramento, ainda estou na licenciatura. Perdi dois anos, assim no ano passado não fiz exame por causa do meu pai, que faleceu

Eu - claro

Participante - infelizmente exato. Houve um ano também que eu perdi, não fiz nenhum exame. Os meus colegas com quem entrei no faculdade já tão praticamente a fazer mestrado. Ainda estou no segundo ano do curso. Estou a tirar engenharia e telecomunicações

Eu - hum hum

Participante - logo ao princípio sai, entrar nesse curso, não vou sair tão cedo de lá. Eu percebi já tava meio mentalizado antes de entrar no curso. Não tinha física no secundário

Eu - hum hum

Participante - exato. Porque para tirar o decimo segundo ano, não digo que tentaram facilitar, mas estudei à noite por módulos e era eu dizia depois no fim que era mais difícil até que o pessoal da manhã

Eu -claro

Participante - disseram vai à noite, é mais fácil, podes ter estatuto de trabalhador estudante não sei quê, mas encontrei mais dificuldade à noite que de dia

Eu -hum hum

Participante - exato. Eu tinha uma cadeira que ficava com preguiça de ir até às aulas. Fiquei com o português praticamente dois anos

Eu - claro

Participante - só o português, ó pá saía, tinha só 45' minutos de aula ou 90' ó quê que era pá de vez em quanto sentava aí em casa, era jovem, ficava com preguiça de ir às aulas, deixava as coisas acumular, vou deixar esses módulos, vou pa exame nacional. Era 6, era 7, era até 5 que o meu pai faz chateava «tu não queres estudar», «mas eu quero!» problema era que não tinha cadeiras suficiente que me ficava ali na escola um bom tempo. Era só por causa de 45' o que é que eu vou fazer lá? Aquilo que eles deram, já dei ano passado, sou repetido. Foi ali que eu repeti quase três vezes, por falta de... sei lá... motivação não tinha cadeiras e exactamente

Eu -exactamente, motivação

Participante - exato. Eu fiz exame nacional, nunca me deitei logo, quer dizer, não fui acionar aquelas coisas habituais para entrar, porque me disseram que eu podia entrar via embaixada

Eu - hum

Participante - era uma colaboração que a embaixada da Guine tinha com... hum... que tem até... com... aaa... com o Ministério de Educação qui

Eu -hum

Participante - os alunos vindos de africa, não tinham que fazer exame nacional

Eu -hum hum

Participante - entravam mas tinham que fazer 12º ano aqui. Entretanto fiz logo, entrei por essa via, mas né que num tinha feito exame nacional para entrar normal. Eu fiz porque até fui mal informado na embaixada, pensei que era a bolsa

Eu - aaa

Participante - entretanto perdi um ano, parado mais uma vez. Quatro ano que devia ter entrado no faculdade não nãoooo entrei. Perdi mais um ano à espera da tal bolsa que afinal das conta quando entrei não era bolsa

Eu -hum

Participante - exato depois entrei e ali tá, vou correr atrás

Eu -hum hum

Participante - pagam-me quando consigo algo. Já trabalhei também muitos anos e paro paro. Agora tinha uma empresa com o meu tio criou no meu nome

Eu -sim

Participante - de construção civil. Eu era socio da empresa

Eu -sim

Participante - e tavamos, eu tava à espera, não trabalhei lá diretamente. Táva à espera que aquilo desse qualquer coisa assim que é para poder ingressar mais. Pagavam-me, descontavam que era irmão da minha mãe

Eu -claro

Participante - exato entretanto criou empresa, meteu lá como se fosse sócio, quase nove meses, ia lá só ver porque qualquer coisa inspeção podiam perguntar «és sócio você não aparece aqui»

Eu - claro

Participante - mas eu tava à espera que aquilo desse qualquer coisa de bom ia lá trabalhar. E pá, os superiores dele nesse caso, tavam fugir a uma responsabilidade, isto é, qualquer acidente que acontecer na empresa, tinha que ser o meu tio a pagar porque é uma pessoa muito experiente na área

Eu -claro

Participante - que já trabalha na área muitos anos e... é muito requisitado... aaa... a minha empresa ficouuuu... altivo praticamente dez meses, acabou por ir abaixo

Eu -pois

Participante - foi abaixo, fechamos tudo, agora tou no fundo já desde Fevereiro, mas não me pagavam. Agora mandaram carta a dizer que vou, vão começar a pagar não sei, uma carta

Eu -claro

Participante - exato

Eu - claro, claro

Participantes - iam pagar. Mas em termo de integração aqui, eu simplesmente, eu acho também que vinha com uma base já suficiente por isso não entrei... aaa... noutras vidas por assim dizer, né? Eu cresci na Igreja como tinha dito. Eu acho que ainda até hoje aaa... reflete na minha educação

Eu - hum hum

Participante - isto é, a Igreja onde andei... a católica diz catequese, nós é a escola dominical, era praticamente a mesma coisa

Eu -hum hum

Participante - recebíamos a educação praticamente

Eu -hum hum

Participante - seja moral, seja o que for. Respeitávamos tudo. Na minha Igreja não se podia beber, fumar, até hoje não faço, nem entrei, ninguém acredita! Saímos à noite, dizem que estou bebendo às escondidas e tudo mais e que fumo algo, mas não. Cheguei aqui também encontrei jovens que eu digo não conseguiram integrar, escolheram outro caminho. Eu tive com um pé praticamente em dois caminhos por assim dizer. Escolhi esse, ou metia pé aqui aqui caía no meio da água, por assim dizer

Eu -hum hum

Participante - exato. Ó pá escolhi... se calhar por influência dos meus pais... com as bases que eu tinha, escolhi outra via. Sei que vai demorar, mas um dia, lá tá, vou descansar de tanto sacrifício, né? Tinha colegas que depois iam cada tipo de coisas e tudo mais. Sempre que vinham aqui a... a casa, colegas, seja com rastas o que for, dão uma imagem logo de bandido e tudo mais. O meu pai chamava-me reunião logo a seguir. Aquilo me atrapalhava. Chegou um tempo que eu queria sair de casa e tudo mais, juntar colegas

Eu - hum hum

Participante - tinha uma casa em Massamá que... há muitos colegas que... chegaram aqui era nova cultura e não conseguiram acompanhar aquilo, acabam por ter aquele conflito com os pais, sai e vão lá

Eu - claro

Participante - e quando juntam, cada um ali como quem diz, são vários galos em casa, todos querem chatear e tudo mais

Eu - exato

Participante - ali cada um quer mostrar que é chefe que é quilo... vai buscar na rua, buscar duma outra manêra, trazem pra casa e eu que sou homem é que faço, sentem mas são jovens praticamente... 17/18 anos a gente tinha chegado aqui... 18/19

Eu - claro

Participante - íamos para casa lá duns miúdos também que eram praticamente de nós, qus pai iam emigrar, sair de Portugal, e eles decidiram que iam ficar aqui, tão casa foi logo, casa de povo, assim, toda a gente ia lá

Eu - hum hum

Participante - não tinha regra nenhuma. Eu cheguei a ir lá duas vezes visitar colegas que saiam de casa, fugiam porque era conflito qus pais

Eu - pois

Participante - não cumpriam as coisas básicas que os pais gostavam, ou o caminho que os pais queriam que eles seguissem, entretanto fugiam para lá. Lá era tudo [faz som com a os lábios] tipo mêmoo para não dizer, droga, era tudo, álcool

Eu - claro

Participante -mas já tive lá, a mim ninguém me influencia até hoje, até amanhã, sinto isso.

Eu - hum hum

Participante - mas eu aceitei pessoas a fumar, vêm com... já vi pistola ou algo assim colegas, mas nunca entrei naquilo

Eu - hum hum

Participante - é o que eu digo mêmoo... nunca vou entrar, não entrei na Guiné, que é, digo mais fácil as pessoas entrarem na má vida... pouco controlo... pouco... policiamento...aaa... policia na rua

Eu -hum hum

Participante - era mais fácil entrar nessa vida, em quanto tudo aqui... aaa... o que eu gostei mais é a escola. Aprendi muita coisa

Eu -hum hum

Participante - e tudo mais. Eu diz pá: vou estudar!

Eu -claro

Participante - vou estudar! tou aqui a sacrificar, podia entrar sei lá ter filho algo assim ou... os meus colegas não tão naquela mas chega um tempo que... porque são segurança hoje ou são aquilo, amanhã com a nova tecnologia, podem tar no desemprego, algo ou então no Continente hoje com tantas máquinas que tão aí

Eu -hum

Participante - mandam menos qualificado embora, queles ficam

Eu -hum hum

Participante - o meu pai falou comigo umas várias vezes: escolhes um curso assim sociologia ou algo e vai ver, há muitos portugueses aqui, filhos da terra, por assim dizer... com esse curso e com melhores nota e vais entrar nesse curso sociologia, serviço social, psicologia vais acabar com eles ou pior até, porque... aaa ... eles são de cá... vou dizer mêmoo...aaa... pele é diferente pra já... eu... uma parte negativa que agente tem... aaa... vais ali

Eu - hum

Participante - nesse curso mesmo com 18/19, se calhar apresentas a tua candidatura a um emprego... uma pessoa branca ... aaa.... com nota até inferior, catorze dois vezes... ó [som de estalar com a língua] com 2/3 valores menos que a tua nota de diploma... aaa...

conseguem e tu não consegues. Então, pá, pensei duas vezes... até... aaa... a minha área, eu vinha numa área sócio-económica

Eu -hum hum

Participante - me preparei para entrar na economia ou algo assim

Eu -sim

Participante -por influência do meu pai, entrar num curso que amanhã pode depender de ti ou algo assim... pá... andei a procurar cursos na área de reparação de computadores algo assim, na faculdade

Eu -hum hum

Participante -não encontrei. Engenheiro de informática, uma coisa que eu já gostava...aaa... mexia muito. Depois apareceu...aaa... vi no [xxx] onde eu estou agora a tirar curso

Eu -hum hum

Participante - curso de engenharia de informática e telecomunicação, acabo por entrar nesse curso

Eu -hum

Participante - mas desde sempre mentalizei-me não sei o quê que eu vou lá encontrar. Consultei, foi um ano de espera

Eu - a sério?

Participante - para entrar nesse curso. Pá, tentava sacar da net matéria que eles davam, era tudo chinês pra mim, principalmente ...aaa... física. Hoje estamos a dar eletromagnetismo entre outras coisas, mas foi coisa que não tinha base

Eu -sim sim

Participante - pessoas tão lá um ano, eu tou lá dois anos por exemplo

Eu - hum hum

Participante - porque não tinha bases, não trazia bases de física. O meu curso é feito praticamente de física, matemática. Matemática nunca passei dificuldade

Eu -hum hum

Participante - digo sempre, não tirei com boas notas. Temos a matemática 1, 2, tivemos a álgebra. Nunca... passei aquilo mesmo assim, não com grande nota, mas passei.

Eu -claro

Participante - é o que eu digo sempre: um mais um, na Guiné ou Angola é dois. Aqui também a mesma coisa

Eu -claro

Participante - ou coisa, por exemplo, tínhamos uma cadeira arquitetura de computadores... aaa... primeira vez que eu entrei na aulas, não sei porquê que não pesquisei sobre aquilo, então tavam a falar no binário, explicaram, não li isso bem, então não sei como preparar as aulas antes de ir... é a nova realidade, até fiquei ali bloqueado. O meu primeiro ano só tirei uma cadeira

Eu -hum

Participante - segundo semestre não apareci na escola

Eu -hum

Participante - que era um choque praticamente. O nível era outra coisa. Pensei que era igual ao secundário algo assim.... cheguei ali fiquei fiquei bloqueado. Uma vez na aulas de arquitetura de computadores, meteram lá no quadro 1+1, vi e então é isto que dão aqui? Meti lá 2! Era um número binário, são dois bites

Eu - ah

Participante – yá, e o prof... aaa... não disse, não dirigiu a mim. Ele viu, foi lá no quadro, viu não disse nada, voltou para o quadro, estava a escrever: pá: 1+1 em binário não é 2! Fiquei com aquilo até hoje na cabeça, mas uma vez encontrei com ele e disse, não sei se se lembra e contei e ele não se lembra daquilo, tanto que eu gostei mais daqui é a escola. Pessoas da sociedade onde eu vivo, tou inserido, acolhem bem, gozam comigo, gozo com eles, brincadeira, saímos à noite quando for necessário

Eu -hum

Participante - pá num saí... pessoas que passaram dificuldade, já ouvi muitos relatos... de pessoas que... aaa... num tavam ali a acompanhar na escola, acabam por... por entrar sempre na... acabam por sair daí porque não sentem bem-vindo

Eu - claro

Participante - não sentem bem-vindo mas... não é pra nós que o prof dirigia aquilo... de vez em quando ele vinha de casa com *stress*, mandava uma boca qualquer, nós como... a gente sempre sente inferior já pensamos logo: esse está a ser dirigido pra mim!... há pessoas delinquentes, há ok ok ... nós africanos que tamos ali, pensamos logo coisas negativas, somos nós! Pá aqueles profs estúpido [tom de voz alto] que não gosta de pretos não sei quê

Eu -claro

Participante - pensamos sempre coisa mas de vez em quando é dirigido a nós

Eu -exato

Participante - com... tive sociologia, o meu prof de sociologia também mora aqui... já não me vê tá uns bons anos, gostava muito de mim [diz com um tom de voz mais baixo]... ele dizia que, há bom pessoas de etnia cigana, há má pessoas, há bom pessoas... na raça negra...

Eu -hum hum

Participante - há piores. Branco é mesma coisa

Eu - claro

Participante - então foi coisa alí que fui aprendendo ao longo dos anos, ler também alí lá... lembro de cada coisa que eu acho sempre positivo eu pego reflicto sempre... com um jogador... gosto muito de futebol, tenho um blog que escrevia de futebol e tudo mais

Eu - hum

Participante - dizia que.... aaa... o Samuel então dizia ... aaa... «Vou trabalhar como um preto que eu sou, amanhã quero vier como um branco» que o gajo tem feito ao longo dos anos... dar dar no duro mesmo... trabalhar... amanhã viver bem

Eu -exato

Participante - nós temos esse hábito, sou branco! mas não somos de pele mas quero viver como um branco, mas é a imaginação ali, vamos viver bem e tudo mais. É quando a gente tá na sua sociedade alí fechado, mas ninguém admite isso na frente de um branco

Eu -pois

Participante - exato. Dizem querem viver como um branco! Lembro sempre dessa... do jogador. Hoje que é rico e milionário disse: «eu sempre trabalhei como preto que eu sou... amanhã para viver como um branco» [diz com um tom de voz vincado como que para ficar bem vincado especialmente «como um branco»]

Eu -hum

Participante - exato. Lembrei-me também palavra do Zidane... um francês, ele é filho de emigrante. Eu não sinto emigrante aqui. Cheguei aqui tinha pai e mãe, irmãos e tudo. Mas o Zidane dizia que... aaa... que o pai lhe dizia: ó pá você é filho de emigrante, tens que trabalhar dobro das pessoas que vivem lá

Eu -sim

Participante - filhos da casa e tudo mais. Têm que trabalhar dobro pra ser conhecido. Quer dizer, trabalhas 50% tal como os filhos da casa ou pessoas da terra, num vai ser conhecido. Isto é a mesma coisa que eu referi há pouco atrás em termo de candidatura de emprego tiver 10 na naaa ...no [estala os dedos] na siu diploma nesse caso vai fazer candidato com uma pessoa também de cor branca... provavelmente isso é inevitável vais ficar fora, aquele branco é que vai... aaa... como é que eu hei-de dizer, ser contratado

Eu -à frente

Participante - exatamente. Tu fiques, tou naquela qum gajo tem de lutar, apesar de ter entrado num curso que ali era [faz som com a boca] num tinha base praticamente metade, num sabia nada. Tive que aprender aí na faculdade. Há cadeiras que até podia... aaa... por assim dizer aldrabar, cábula e passar, mas eu sei que vou sair sem conhecimento. Já repeti umas cadeiras porque não sabia nada

Eu -claro

Participante - mas tenho um colega cabo-verdiano que é o melhor aluno do nosso curso. Sentava comigo explicava, eu sentar ao pé dele copiar. Até me perguntou porque não faz isso? Vou fazer isso com que base que vou sair daqui?

Eu -exatamente

Participante - sei que... tive a falar com um colega há dias que... foi a uma entrevista de emprego, é santomense, disseram que: é pá vocês vêm sempre com o curso superior depois não sabem nada

Eu -hum

Participante - numa empresa, chegas lá pessoas que já aprendem aquilo sem ter ido... sem ter tirado um curso superior e tá lá sente logo o lugar em perigo, começam a te encostar

Eu -pois

Participante - e tudo mais. Portanto, é muito difícil. Já vi muitas pessoas mesmo também a relacionar isso. Diziam : pá , eu tenho curso superior não sei o quê não sei que mais... mas num contexto ali, num dialogo tu és mesmo muita coisa ali que pá: como é que esse tirou o curso superior?

Eu -hum

Participante - de onde é que veio esse curso superior?

Eu -hum hum

Participante - qum gajo... mais por causa disso, pra mim repetir o ano, melhor do que recativar, querer sair lá com conhecimento vasto

Eu -exato

Participante - pra futuro nesse caso

Eu -claro

Participante - passei muito dificuldade. Porque eu cheguei, fui logo para o 12º ano. Viram meu dificuldade, a dificuldade que eu tinha voltaram-me para 10º ano

Eu -pois

Participante - no ano seguinte pá. Não táva qum cabeça. Mas como é que um gajo sai com 11º ano feito, chega aqui mandam-me para 10º? sabendo que aqui tinha que estudar 12º ano. Sim estudei [ênfase com tom de voz elevado]. Não mostrei aquilo que eu aprendi desde o 1º ano até ... até 11º ano na Guiné. Acho que cheguei num sabia apresentar, não sabia praticamente nada porque em 100% de matéria que a gente deve ter lá, nós demos, eu digo mesmo, 10%

Eu -pois

Participante - não demos praticamente nada. Muitas coisas aqui que eu venho conhecer. Em termos de escrita, eu tinha uma dificuldade enorme, enorme, enorme, enorme

Eu -hum

Participante - hoje em dia [estala os dedos] tenho aaa... colaboro com alguns média... lá da Guiné de desporto

Eu -ah

Participante - queu gosto muito, escrevo de vez em quando. Tenho um canal no youtube

Eu -há que giro

Participante - [ri] entrevisto vários jogadores até treinadores hoje estão na 1ª divisão que já foram selecionadores na Guiné

Eu -sim

Participante - já entrevistei vários jogadores guineenses da 1ª liga enviava pra lá. Tenho um canal, tenho um blog, tenho uma página na... na internet de... futebol também no facebook

Eu -han han

Participante - qué muito conhecido, até já tenho amigo que passa

Eu -que giro

Participante - pá e trabalho qum futebol também ali mas é hobby, não tou ainda pensar ganhar dinheiro com aquilo

Eu -sim sim

Participante - uma vez na escola, mas eu acho que aquilo queriam-me a testar quem era, cheguei lá, os amigos já acompanhar desde 10º ano quando escolheram uma área

Eu -sim

Participante - entraram e já se conheciam. Eu cheguei lá...aaa... queriam ver se eu táva a nível deles, mandavam-me sempre a ler

Eu -hum hum

Participante - um gajo ali à frente a gaguejar [um género de sorrir] e tudo mais, a tremer, passei um dificuldade enorme. Mas aquele tempo tive que meter assentar bem pa não ir no

chão, senão não saia dali. Parecia humilhação [sobe o tom de voz] queriam-me testar, queriam-me ver!!!

Eu -pois

Participante - se eu táva preparado pra quilo.

Eu -exatamente

Participante - Pá mas insistiam, mandou-me ler. Já vi miúdos tugas, mandam pra ler: «á professora não tou com cabeça hoje». Eu podia ter tido também aquele comportamento ali mai, é o que eu digo tem pessoas bom em cada

Eu -hum hum

Participante - exato. Eu podia ter aquele tipo de comportamento. Sei que vou lá, vão acabar por rir. Era ar ou qualquer coisa, ler sem respeitar vírgula, nem sabia quase ou algo mais, pausa e assim, lia mal...a prof sempre que nos marca, né? Uma senhora na disciplina de saúde, vinha sempre com ... de português vinha sempre com uma t-shirt de cara Fernando Pessoa

Eu -hum hum

Participante - exato. Ela me fez... hoje... pá, eu não gostava [tom de voz muito alto] até saí de lá depois com o tempo venho a refletir e ajudou-me muito, mas criticava-me que [com ar irónico]: «eu acho que tuuuu nem pra 9º que devias voltar, era pa sétimo, oitavo. Tens grande dificuldade!!!» não sei quê não sei que mais... porque eu não conseguia acompanhar as coisas que eles davam. Mas eu sentia ofendido na altura, podia... praticamente que táva me mandar embora daí

Eu -claro

Participante - podia sentir-me em baixo...

Eu -exato

Participante - fui insistir, fui insistir ali mêmo quando... conseguir acabar o curso, vou tentar entrar em contacto com aquela professora!!! [tom de voz assertivo] se calhar pra estar presente para me dar ... e receber diploma [ri]

Eu -exato

Participante - pra ver que já tá aí um homenzinho por assim dizer [ri]

Não tive acompanhamento, não tive acompanhamento não, não tive aaa... bases que eles tinham, não sou culpado

Eu -claro

Participante - e tal, mas lutei e hoje tou na faculdade e há algumas pessoas com quem estudei, eu vejo de vez em quando na caixa, no Continente, mas eram bons alunos, não sei o que aconteceu, não sei nem quero saber

Eu -pois pois

Participante - não conseguiram entrar pra faculdade se calhar um fator aí. Mas eu que se calhar nem pensaram que ia chegar onde ia chegar, porta duma faculdade! Hoje tou lá labutando graças a Deus. Espero acabar aquilo, né? Mas dar muita dificuldade. Principalmente a física e a programação me tem dado cabo... más... de mim

Eu -sim

Participante - pá, vou ... espero que ele (pai) um dia apareça aí quando tiver a receber. Uma vez meteu numa aula, não li nada bem. Depois no final da aula: «podes ficar aí e depois a gente fala! Pá, eu acho que tens mesmo que mudar de... vai para o 10º ano pelo menos. Vê se consegues apanhar» [com um tom de voz baixo e meigo] porque essas pessoas já vinham-me a acompanhar desde do 10º ano. Escolhem a área e eram acompanhados até 12º ano

Eu - han han

Participante - pá aceitei... sem querer. O meu pai dizia, obrigou-me a voltar! Obrigou-me a voltar atrás! Pessoas que saiam de Guiné pra qui, conseguiam logo integrar, são pessoa que acabavam o 11º ano lá

Eu -hum hum

Participante - e... entravam pra uma escola aa.... técnica...

Eu -hum hum

Participante - já vinham com base porque a maioria dos profs aí são estudantes de Cuba, Rússia, União Soviética, tenho muitos familiares a estudar aí

Eu -sim

Participante - e vão lá também, tão a trabalhar mas arranjam sempre um tempinho pra aulas

Eu -hum hum

Participante - eu quando saio dessa escola pelo menos dois anos, já chegas aqui chegas integrado

Eu -claro

Participante - hoje tem dificuldade na mão, mas não dificuldade que... quem sai logo do 11º ano lá, sem ter feito um curso ali porque

Eu -hum hum

Participante - nós acabamos o curso lá, a maioria... ehh... não tem bolsa, não tem nada. Estudas lá na Guiné tiras um superior não és respeitado.

Eu -exato

Participante - Só quem estuda fora, chega lá... tem que estar abaixo dele. Então todos querem estudar fora

Eu -hum hum

Participante -vão todos, querem estudar fora. Hoje todos também querem ter filho aqui. Portugal dá carta, tem mais condições e tudo mais. Ninguém agora faz nada praticamente aí

Eu -pois

Participante - a mesma coisa que o jovem, pertenci à associação de estudantes. Em vários sítios que eu estou inserir agora estão a chatear pra eu voltar lá

Eu -há há

Participante - já não vou lá há algum tempo. Uma coisa que nós temos lutado mesmo pra ver se aquilo muda o sistema lá ... pá... em relação se calhar tou a fugir um pouco do assunto que é a emigraçõn aqui

Eu - não, não não

Participante - são aqui

Eu -estás à vontade, estás à vontade

Participante - aqui é, não senti mesmo dificuldade na escola eu digo que senti até falava isso

Eu -exato

Participante - aqui tô mai chateado cabeça, é pá, vou mudar de escola, vou mudar de escola... vou... dificuldade que eu apresentei aqui, é o mesmo que vou apresentar lá... tou pá, vou fechar-me aqui, tenho que tirar isso... e consegui e entrei pra faculdade e como digo tou ainda lá... a ... dar o máximo, né? 1º ano chumbei porque chumbei, não tava preparado mas depois chumbei uns dois anos assim... devia ter acabado já

Eu -sim

Participante - chumbei dois anos por causa de problemas familiares e...

Eu -pois

Participante - e tudo mais... num... nem sequer apraci nos exames... mesmo na frequência devia ter ido, não... não fui...

Eu -claro, claro

Participante - exato

Participante - mas em termo de de de ... emigração aqui, eu praticamente quando cheguei aqui era muito novo

Eu -tinhas que

Participante - tinha pai, mãe... 18 anos

Eu -dezoito

Participante - tinha completado... quase... vim aqui, não tive assim grande dificuldade. Tinha aqui um pai, tinha mãe, tinha toda a família. Não passei dificuldade. Maior dificuldade era na rua, tinha duas sociedade praticamente. Um que alguns colega a gente encontrou, aqui sou crioulo, na escola sou português. O meu pai chateava-me «tens que ter domínio de português»

Eu -sim

Participante - aaa.... na disciplina de saúde que estava a referir ... aaa... mandava-me sempre ler.. pá, vou-te dar um tpc... pensei... «tás a ver o jornal, o Disták? Oferecem num... tens que pegar sempre aquele jornal, leva pra casa, lê em voz alto [eleva o tom de voz], num tenhas medo, mesmo que teu pai tua mãe te chamem de maluco, vá ler». Eu fiz isso, mas era trancado no meu quarto, sozinho

Eu -hum hum

Participante - e perguntou, faz isso? Eu diz: faço! Mas à frente dos meus pais... eu menti assim, mas era fechado no meu quarto, ter domínio em termo da leitura e tudo mais

Eu -sim sim

Participante - ensinavam cada coisa que eu achava muito estúpido. Como é que ele num faz isso com outras pessoas aí? Só a mim. Estavam tentar me ajudar mas eu acho que foi duma maneira um pouco mais rigorosa... um pouco arrogante, sei lá... pá, mas eu hoje em dia digo mesmo, porque já escreves, escreve uma coisa enorme e elogiam, num sei... [ri] ... mas é... tinha dificuldade enorme nas coisas que... raramente a gente escrevia... na Guiné o nosso ensino é muito fraco, é preciso tar a pressionar ali ... a gente em vez dar 100% do matéria demos 100 porque o prof chegava, num tínhamos como tirar cópia em cada coisa ler, então chegava passava tudo no quadro em quanto vocês estavam a passar no caderno... imagina 9 meses, só uma folha assim... cabava aulas ele passava essa semana uma, folha assim cheia, a gente passava no caderno, pois... próxima aula ele explicava metade daquilo, depois dava outro matéria só explicava nos aulas a seguir. Passavas aquilo

Eu -hum

Participante - não percebias nada (...) ... vai ler em casa depois eu explicar amanhã. Era só passar! [voz alta]

Eu -sim

Participante - [ri] passava aquilo tudo limpinho. Professores até pediu-me caderno emprestado pra ir passar em casa

Eu -hã

Participante - coisa que eu mai sei fazer é estudar, nem sequer estudava. Co coisa era pouca e... chamadas oral e...chamadas escrita e essas coisa era praticamente muito frágil. Hoje ir lá, tirava 20. Qum já tenho adquiri outro conhecimento

Eu -claro

Participante - quatro perguntas por exemplo pergunta: o qué ciência naturais?

Eu -hã hã

Participante - assim. uma coisa tão fácil na tua cabeça, sai num é preciso ler aquilo

Eu -exato

Participante - qual a importância da água na natureza? Não sei quê num sei que mais

Eu -sim sim

Participante - eu acho aquilo... são coisas já muitos antigo... desde setenta e tal [estala os dedos] sistema de ensino que a gente tinha

Eu -pois

Participante - até hoje ainda temos aquele sistema de ensino. Eles têm mudado. Hoje já abriu muitas escola privada

Eu -hum hum

Participante - muitas escola privada... ministros entra sempre sempre em colaboração com pessoas aí... quem estudar agora atualmente na escola privada, sai de lá mais preparado. Na maioria são todos licenciados, mínimo licenciados

Eu -sim sim

Participante - aqui na europa Cuba, antiga união soviética... vários sítios

Eu -sim

Participante - exato. Hoje já sai lá alunos preparado. Mas eu nunca... quer dizer, já tive numa escola privada, que era de mulher do antigo presidente. Era só ali em redor das pessoa que tão em cima que fazem escola

Eu -sim

Participante - estudei lá praticamente uma semana

Eu -uma semana?

Participante - uma semana [risos] porque escola privada... aaa... a nossa escola que é publica normal, tá sempre em greve... os prof não eram pago, faziam greve... pá, meu pai ligou, então estás em casa porquê tínhamos telefone em casa, tínhamos... nada faltava, luz, televisão e tudo... os vizinho em redores quase ninguém tinha

Eu -exato

Participante - ninguém tinha. Entretanto ligou... eu quando atendi ah tá em casa? não foste às aulas? Tá de greve. Greve outra vez? Vê lá se arranja uma escola privada... começa a pagar... mandar mais dinheiro pra lá... aceitei e... fui, mas não senti integrado, eram pessoa praticamente vivia de luxo

Eu -hum hum

Participante - ali pessoas que vinha pa qui de férias voltavam lá a estudar. Os pais não deixavam eles aqui por entrar na má vida não tinha acompanhamento, estudava lá melhor escola, vinham cá só passar férias. Eu cheguei lá, repeti uma roupa dois três vez, eles todo dia mudavam. Tinham telemóvel, tinham de tudo. Ó pá, eu vi que aquilo não era o meu ambiente habitual que costume tar inserido, vou voltar pa... mas e... foi mal pensado, pensando agora, foi mal pensado, porquê que eu tou a viver por causa de droga ou algo, bairro onde eu tava ali, ninguém ia pra escola na altura

Eu -hum hum

Participante - são todos mesmo da pública, escola pública

Eu -sim

Participante - então eu só naquele grupo de sete colegas por aí...aaa... távamos sentado ali a jogar... matrêco ô baralho ou algo assim, carta essas coisas ... eu era a única pessoa que sai daí pra ir às aulas. Uma semana, vinha táxi me apanhar em casa, que era do meu primo, levava... pensei... num num vou continuar nessa escola, não gostei nada. A minha mãe criticou-me na altura.. o meu pai disse... eu disse meu pai «aqui em casa ninguém vai escolher, eu sozinho». Eu tava lá com os meus primo porque... a minha mãe de de da... cidade, de família vá por assim dizer, tem um primeiro ministro na família temos... parte da minha mãe... deputados irmão, temos empresários mas ali de alto nível mêmo [ri]

Eu -sim

Participante - lá na nossa sociedade

Eu -sim

Participante - e parte do meu pai, o meu pai é de família já de lá de interior

Eu - sim

Participante - exato. Ele é o único filho que saiu... por causa da escola, né? aaa... época colonial

Eu -han han

Participante - exato. Ele estudou dos mais que mais destacou tiraram lá de interior, fazer o curso médio depois superior lá

Eu -exato

Participante - táva a dar aulas lá... da parte do meu pai somos praticamente... ninguém nos conhece

Eu -hum hum

Participante - família Coserê, mas parte da minha mãe que é [xxx] é pessoa já... temos muitas pessoas formada, União Soviética, Cuba em vários sítio

Eu -sim

Participante - parte do meu pai é praticamente ele

Eu -exato

Participante - entretanto ele... tentava fazer isso também com os filhos dos irmãos que tavam lá, um agricultor criador de gado

Eu -hum

Participante - pegava um filho do irmão lá, trazia também pra levar pra cidade estudar. Então nossa casa, praticamente cheia tal como aqui

Eu -hum hum

Participante - aaa tinha muitas pessoas. Já tou habituado. Mas era os meus primo e tudo mais. nada nos faltou em casa, fêria de vez em quando, íamos passar no interior, como aqui os meu colega da faculdade

Eu -hum hum

Participante - vão sempre pra Algarve ou outro sitio... sítios onde estão os pais. Então era assim lá na Guiné... todos vinham lá por causa pra estudar

Eu -sim sim

Participante - mas também lá no interior nada nos faltava, tinha arroz, tinha milho, tinha tudo um pouco

Eu -pois

Participante - tinham tudo... tudo um pouco... eu até tinha nojo de ir lá... por causa de muitas coisas... mas depois habituei-me. Nasci na cidade, o meu pai nasceu no interior, a minha mãe na cidade. A minha mãe tem uma família enorme na cidade. Parte do meu pai, temos pouco, até aqui em Portugal temos muito pouco... muito pouco... parte da minha mãe é outra coisa, até... tenho no Brasil, tenho em vários sítio de França

Eu -é grande, não é?

Participante - é, a maioria. É muito grande, família [xxx]. O meu tio foi deputado vários anos. Um outro meu tio que está aqui é subempreiteiro tinha uma empresa com eu em conjunto

Eu -sim

Participante - é muito conhecido nessa área. Tem empresa em Angola, tem em vários sítios lá. Da parte da minha mãe temos temos mais. da parte do meu pai somos muito muito, pouco conhecido por assim dizer

Eu -exato

Participante - menos conhecido. Entretanto em casa tava cheio, eu era única pessoa ia pa uma escola privada

Eu -hum hum

Participante - que é em homenagem ao antigo presidente de França, Jacques Chirac escola

Eu -sim sim

Participante - era Jacques Chirac e mulher Nino Vieira... é mulher bastardo como diz aqui [ri] mulher bastardo... mulher... como é que hei-de dizer... aaa... aaa... a gente costuma usar, não sei se como é que hei-de dizer ...aaa... é dizem lá «Casa Luz» tipo

Eu -Casa Luz?

Participante - mulher em casa ma tinha um outra mulher fora

Eu - ah duas mulheres?

Participante - duas mulheres, exatamente

Eu -para um homem?

Participante - para um homem [risos]

Eu - ah ok

Participante - há pessoas que têm essa cultura

Eu -exato

Participante - até hoje na Africa do Sul tu vêes o presidente, o Zuma tem várias mulheres. Divorciou agora dum que é, também tem conhecimento tal como ele, é formada, num gostou daquela cultura. É nossa cultura, num vamos fugir daquilo

Eu -sim

Participante - há pessoas que têm. Irmãos dos meus pais... aaa... têm vários. O meu como já tem outra cultura

Eu -hum

Participante - só teve a minha mãe, não teve mais ninguém. Casou-se fez... cumpriu aquelas coisas por assim dizer, né... da colónia

Eu -sim

Participante - mas os meus tio... tem três, quatro mulheres

Eu - han hna

Participante - mas até moram na mesma casa, né... é a cultura [ri]

Eu -pois

Participante - é a cultura, é estúpido mas olha [ri]

Eu -ahaha

Participante - é estúpido mas o meu pai sempre teve uma mulher desde desde sempre, só a minha mãe

Eu - hum hum

Participante - sempre a minha mãe. Houve aquela influência pá de de familiares, é pá tens que arranjar noiva, dize noiva nova, tens que arranjar uma mulher nova. Portanto tenho um tio parte de minha mãe tem vários... [estala os dedos] filhas também. Pá pessoas aceitam aquilo lá. E a minha irmã pergunta «mas porquê há pessoas que aceitam?» Porque ela adquiriu uma nova cultura, uma nova realidade e fica a perguntar «porquê que eles aceitam?» se vivesse na Guiné, também acho que aceitavas isso com natureza

Eu -claro

Participante - pois. Até aqui eu vejo, vejo famílias a fazer isso ma ninguém sabe

Eu -é às escondidas

Participante - é às escondidas, exatamente. Minha casa sempre teve várias pessoas, em casa, familiar. acolhemos sempre familiares, seja primos, seja... lá em casa parecem irmõns

Eu -han han

Participante - em minha casa é sempre... há casas mêmo familiares queu conheço só tem pai, mãe e filho, não tem mais ninguém... só familiar, tem isso

Eu -han han

Participante - mas eu acho qué... que a minha família sempre foi assim parte do meu pai, sempre temos muitas pessoas em casa

Eu - hum hum

Participante - muitas pessoas. São primos... pá não têm onde ficar? então vai ficar aqui em casa, vamos desenrascar aqui sempre. Mas tenho familiar, irmão da minha mãe, são... moram com os filhos e a esposa, não tem mais ninguém. diz é pá, não tenho onde ficar... não... mas hoje pá, num sei, parte... dizem que é da parte do meu pai

Eu -sim

Participante - acolhe qualquer qualquer pessoa, e têm casa

Eu -amigo do amigo. Não é?

Participante - é isso, exatamente.

Eu -que giro

Participante - em relação aqui mesmo, ó pá num num... se era... se tivesse a fazer essa entrevista um cinco, seis anos atrás

Eu -sim

Participante - acho que eu tinha mais crítica, mas hoje já não... num tenho num tenho criticas assim, de vez em quando eu quando sinto uma qualquer coisa ofendido, vou dirijo-me à pessoa e digo, falo. Posso falar contigo sim «é pá aquilo que fizeste nôn nôn gostei!», quilo chamo a tenção. Se continuar tenho que tomar atitude... a ver o qué que eu posso fazer. A arma que eu utilizo mais quando uma pessoa tá mais chateada, encosto sempre. Deixo lá no teu cantinho, eu tou no meu... não vou... escolher outro caminho violência ou algo assim. eu deixo, encosto sempre a pessoa. Não vou falar contigo se continuar assim, num falo, num falo

Eu -o que é que te fez mudar de atitude?

Participante - nôn nôn... secalhar é a sociedade também onde tou inserido, né? aaa... pessoas mudam... aaa... eu diria como tomar remédio... tás doente, tomas remédio né queela hora que faz efeito, ao longo do tempo é que começa a fazer efeito... entretanto aaa... a sociedade onde tou inserido, tenho aprendido com as pessoas que lá tão. Ao longo do tempo... e e tenho mudado [tom de voz bastante baixo e calmo, lento]... eu nessa altura como dizia com 28 anos vou tar a viver na casa dos meus pais?...aaa... sem fazer minha vida? Mas eu digo com tou a estudar... aaa... num vou ter que pagar casa, vou tentar tar dar o máximo fechar aqui antes dos 30 ano e sair daqui e fazer minha vida. Mas se for antes, acho que já tinha arranjado um trabalho 400, 300, 500€... sentir um homem, arranjar uma casa, arranjar uma pessoa e juntar... e tar a fazer minha vida. Mas hoje penso doutra maneira, vou dar o máximo, acabar esse curso

Eu -hum hum

Participante - se voltar pra Guiné que num tou a pensar tipo sair ainda, adquirir conhecimento vou voltar pra Guiné. Se for pra voltar se calhar com quarenta e tal ano não sei ainda. É futuro, nem vou dizer que vou voltar, eu não vou, pergunto eu digo «pá, futuro só a Deus pertence». Nôn nôn sei. Mas se for antes, eu já tinha saído daqui, ameaçava na altura sair de casa, conseguia trabalhar, consegui arranjar trabalho. Já trabalhei no telemarketing, já trabalhei na fábrica, já trabalhei em vários sítio

Eu -hum hum

Participante - trabalhei aqui num... associação olgive, ajudava lá inserir... era era voluntariado mas dava uma bolsa 12€ por dia

Eu -hum hum

Participante - aaa... inserir algumas dados aí numa base de dados

Eu -sim

Participante - trabalhei aqui um tempinho depois sai de lá porque aquilo já tinham acabado, não renovaram

Eu -hum hum

Participante - eu tive várias propostas até, agora... tinha um rádio on line que... queriam que eu tivesse... falar da minha escola... mas eles iam-me dar quarenta minutos por dia, escolhia tema, falava da Guiné, do futebol que eu gosto mais

Eu -sim

Participante - um pouco da politica...nônn ... eu nônn gosto... muito assim. de vez em quando falo mas não é uma coisa ali que me chame muito atençôn... hum... num gosto, num gosto... mudam só ali de cara... mas são mesmo coisa sempre

Eu -pois

Participante - num gosto. Mêmo aqui politica em português acompanho porque se tou inserido aqui... pessoas que tão ali a falar de Sócrates aquilo do outro... aaa... acabo sempre... por ... porque nônn vou ficar indiferente aí e não comentar, no entanto acho que hoje tenho mais... sei mais de politica aqui do que de Guiné. Porque na Guiné também era muito difícil... conhecer os ministro... só tar a passar «ah aquele que é i qué o ministro»

Eu -hum hum

Participante - pessoas vêm televisão um pouco, são menos informados

Eu -pois

Participante - e tudo mais. Aqui todos dias tamos a ver PS, PSD e tudo mais, a gente já conhece toda gente, sabemos qué politico... caro nova candidato PS e não sei quê... com ferramenta que existe hoje... o Google, vou logo saber quem é essa pessoa

Eu -hum hum

Participante - já sei onde é que ele estudou e tudo, mais essas coisa

Eu -hum

Participante - mas lá era diferente. Só tá ali a passar de carro... «é ministro de agricultura», tudo gente sai a correr pa ver. Sei que aquilo agora mudou, provavelmente ca gora nô nô é assim, toda gente tem agora ali facebook... tenho colegas que tão ali... estudaram mesmo lá, tão no ministério da educacôn, estão junto deles... e até me perguntam «então porquê que não acabaste ainda?»

Eu -hum hum

Participante - pá, escolhi uma área deferente e tou ali... caí alí... pá, mas eu chegar com meu curso lá... digo «sou chefe!», mêmo aqui no nosso último ano, tem sempre proposta

Eu -hum hum

Participante - tem sempre proposta do trabalho, começa sempre por mil e tal euros, consoante a produção e desempenho da pessoa podes ganhar mais

Eu -hum

Participante - entrei nesse curso por influência do... do... do meu pai. Sempre chateou-me nessa área. Cheguei aqui, como ele era da área de biologia, dizer «é pá, vá pra biologia ou tira enfermagem» não sei que mais. mas a dificuldade que eu trazia, nos primeiros tempos não tinha capacidade pra aquilo. Afinal não é capacidade... tinha menos preparação

Eu -exactamente

Participante - tão fugi dessa área... tenho um tio da parte da minha mãe que é advogado... também houve muita influência pra tirar advocacia e direito essas coisas... mas fui ali sempre pensar «é pá ser electricista? ou ser aquilo?»... mas a área de electricista é área que eu conheço, gosto! Pegar numa televisão abrir, ver o que tem

Eu -hum

Participante - mas é mais curiosidade. Hoje já estou a trabalhar com umas máquinas na faculdade laboratório, parece coisa que já vinha... antes o gosto que eu tinha. O meu pai via qualquer telemóvel que tinha problema, queria deitar fora, eu pegava... não sei que que eu arranjei aquilo

Eu -hum hum

Participante - abria, tentava ver o que que ali não tava a fazer aquilo e arranjava sem explicar! sem... conseguir saber como é que se fez aquilo

Eu -sim sim

Participante - exato. então ele via aquilo diz ... foi... ele foi quase... como no 9º ano aqui, tens de fazer aquele teste... já não me lembro como é que se chama... para vê qual a sua área... qual

Eu -sim

Participante - exato. ele foi isso praticamente pra mim. Viu-me avaliou-me diz «pá, vai pra área técnica, engenharia de informática»... comunicação ou algo. Depois comecei a correr atrás de... dessa área, né.

Eu -és uma pessoa muito ativa

Participante - eu acho que sim

Eu -parece-me que sim também

Participante - eu acho que sim

Eu -e contas mesmo voltar à Guiné?

Participante - pá, é o que eu tinha referido pouco atrás ... aaa... nôn sei... nôn sei...aaaa... logo se vê... aquilo... futuro só Deus pertence. Eu pensei... como nôn estudei muito inglês, aqui o meu curso precisa ter base... de inglês e sou muito péssimo a inglês digo, sou péssimo
Eu -sim

Participante - há coisa queu consigo ler... livro que precisas... [estala os dedos]... de consultar tá tudo em inglês... tudo. Tenho estado a esforçar pa saber o que tem aí e nôn tem
Eu -hum

Participante - eu percebo alguma coisa mas eu digo sou... nível zero praticamente a inglês
Eu -hum hum

Participante - rebaixar-me um pouco... mas... entretanto quando acabar o curso, seja Inglaterra, seja Estados Unidos da América ainda tenho um padrinho lá... aaa... adquirir mais conhecimento, mêmo quando eu tiver preparado vou pra Guiné dar contribuiçôn mas... é uma coisa de futuro... nôn sei. Aqui posso trabalhar com o curso...

Eu -claro

Participante - posso trabalhar à vontade, à vontade. Agora nôn sei. Eu pensava que... via pro exemplo aaaa... canal francês e tudo mais, e como temos ali na Guiné... tamos ali na costa Ocidental da Africa cheio de francófonos há muita influência... eu via coisa de canal francês, via o negros data do jornal... via negros na selecção de França, eu pensava «pá, é daquela...«ficava a pensar...aqui não há muito porquê? Porquê?». Porquê que não nos dá oportunidade aqui?

Eu -hum hum

Participante - faziam-me apensar a voltar mas na minha faculdade tem lá muitos profs estrangeiro

Eu -hum hum

Participante - temos os ucraniano que são os melhor, ganham cada prémios [estala os dedos]. Uma professora que me ajudou muito é romena

Eu -hum hum

Participante - é melhor lá na análise matemática. Só essa aí, ele tá a dar aulas aqui...aaa... engenharia de telecomunicação... uma outra professora portuguesa tá a dar... as pessoa saem daqui como é a mesma cadeira, tinha muitos alunos, sai daqui vão todos pra qui... mas a esses dão oportunidade por acaso... ao estrangeiro... quem não conhece é que fala... a maioria dos prof... temos indiano lá

Eu -hum hum

Participante - temos vários. Eu não sabia se não tivesse entrado pra faculdade tá no meio, ficar com aquela coisa «ah, os gajo não dão oportunidade». Mas quem sabe, eles dão. Melhor aluno do meu curso, quase três, quatro ano, tá receber prémio sempre, uma bolsa

Eu -ah

Participante - de mil euros, todos anos, ele já tá dar aulas. Tá a fazer mestrado, segundo ano.

Eu -hum hum

Participante - tá é professor auxiliar lá

Eu -sim

Participante - ma tá acabar inda mestrado, esse é último ano

Eu -sim

Participante - mas é um pessoa muito desleixado por assim dizer. Temos sempre a dizer, a gozar com ele... aaaa.... vou de vez em quando no carro dele... já tem dois filho, é praticamente da minha idade mas já tá a dar aulas

Eu -sim

Participante - eu no princípio, quando vi uns jovens aí...aaa... a dar apoio no laboratório... eles sempre dão nome no laboratório pa ajudar... são alunos de vinte, dezoito e tudo mais, e eu perguntava a mim mesmo, nunca dirigi isso mas sem nunca confiança pra ele... eu pensei «mas esse gajo por tar a vestir assim se calhar é que não lhe arranjam mais bem, não é por causa disso». Chega um tempo que o chamaram. Ele agora está a dar sistemas operativo... convidaram pra dar análise matemática

Eu -hum hum

Participante - e não tem tempo

Eu -hum hum

Participante - Preto nasce, veio de Cabo Verde, eu cheguei aqui primeiro que ele

Eu -claro

Participante - já tá dar aulas. Eu digo, é questão de esforçar pra lá chegar. Não precisa termos sempre a dar desculpa

Eu - exatamente

Participante - ele é melhor aluno!...quando... aaa... nosso primeiro ano ganhou melhor aluno do primeiro ano de ETI (Engenharia de Telecomunicações e Informática), abreviatura do nosso curso ETI... aaa... no segundo ano, ganhou...aaa... melhor nota de transição de primeiro pra segundo... e ganhou melhor aluno do primeiro, do ano anterior

Eu -sim

Participante - terceiro a mesma coisa... aaa... ano passado ganhou melhor nota de candidatura
pró mestrado

Eu -sim

Participante - e ganhou melhor aluno de... último ano de licenciatura

Eu -han han

Participante - já tá dar aulas

Eu - claro

Participante - [ri] eu nunca... pá não sei... ele ainda também não sabe, a namorada tava a
tentar que ele fosse pra Canadá

Eu - sim

Participante - fazer doutoramento... porque ele tem... todos profs queriam quele fizesse
doutoramento ou acompanhamento. Ele está a ser muito disputado aí então é uma pessoa que
me fez ganhar muita moral também a lutar. Pensar que não chego nem sequer metade da nota
quele tira. Um aluno que tira dezasseis inda vai fazer melhoria, eu digo «você é egoísta, cara.
Sê é muito egoísmo...» [risos]. Mas é uma pessoa que... pá, tá aqui trezentos quatrocentos
aluno divididos... tem um preto (diz com convicção) ou negro...aaa... negro como melhor
aluno de curso. O nosso curso é dos mais difícil daquela faculdade

Eu -sim

Participante - enorme, que tem várias área, várias escola, melhor aluno e segundo melhor da
faculdade

Eu -exato

Participante - só um gajo de... de... jovem de economia que está à frente dele, com dezanove
vírgula qualquer coisa, tá com dezoito vírgula cinco ó qué que é... média dele

Eu -sim

Participante - lá tá porque nosso curso não compara ele

Eu -pois

Participante - toda gente diz mesmo «Tu quéis melhor aluno dessa faculdade!» mas uma pessoa
desleixado. Vês ele no comboio «aaa saiu agora de obra!» Digo mesmo, a pensar que saiu aqui
mesmo de obra agora

Eu -hum hum

Participante - mas é o melhor dos alunos que existem mesmo aí

Eu -hum hum

Participante - já tá a trabalhar, a fazer projeto aí... alguém já tá o convencer pa ir... pra tirar
na técnica o doutoramento

Eu -hum hum

Participante – qué ça pessoa mêmo queria que ele continuasse aí a tirar o mestrado. São profs que são da técnica, malucos. São todos malucos mesmo aí... que... tiram cursos da técnica e vão lá dar aulas... são todos melhores alunos quando quando estudavam. E o gajo tem, tem aprendido muito muito muito com eles

Eu -han han

Participante - exato. Em termo de voltar pa Guiné, num sei, sei que aqui, se trabalhar no duro, eles vão-me dar o que eu mereço. Se não trabalhar também não dão, agora não vão tar a tirar a desculpa...aaa... que são aquilo, são outro e tudo mais. Aquilo já mudou

Eu -hum hum

Participante - já já. Já mudou. Soubemos mesmo agora que política atual de Portugal... [ri] ... um cigano, uma senhóra nascida em Angola, ou próprio sei lá, ser descendente de indianos que é Costa... pá eu acho que as coisas tão a mudar, ou já mudou, só que... faltava ali aquele mais alto já, mas coisas já mudaram... e tão a mudar. Eu nunca senti mêmo assim... digo mêmo no secundário pensava isso. Se fosse um cinco, seis ano atrás eu acho ca minha... o meu discurso seria diferente. Era um rancor, uma raiva

Eu - sim

Participante - pah nôn nos deram oportunidade

Eu - exato

Participante - porque o meu professor não vai passar a tempo a ensinar-te o abecedário em quanto os outros já tão a escrever uma poesia

Eu - pois

Participante - uma coisa ali... não vai voltar. A maioria é que vence politicamente. Ele não parou pa me fazer aprender, sabendo cos outro ali todos já aprenderam. Ele dava-me só sempre tpc. É pá, deu uma imagem, faz descrição dessa imagem. Eu entregava aquilo, corrigia-me aquilo na primeira, estava cheio de borrões, riscava a caneta vermelha. A tal professora da disciplina da saúde [ri] tava sempre com t-shirt de cara Fernando Pessoa... ficar hoje com muitos (tlm da professora tocou) poema de Fernando Pessoa queu tenho hoje de cor, tipo Mar Salgado não sei quê. Tenho muitas coisas na cabeça mêmo de cór do início ao fim à pála dessa sôra. Chateava-me o cabeça mas dava-me raiva, digo mêmo muita raiva, mas hoje em dia é completamente dif

Eu - diferente

Participante - diferente, exato.

Eu - esses sentimentos que tu sentias, eram uns sentimentos mais de raiva... o que é que tu sentias exatamente?

Participante - pá é assim, eu resumindo e concluindo é praticamente raiva só que uma pessoa quando tá com a raiva vai pegar numas coisa que não tem nada a ver: Não gostam de pretos!... nã sei quê nã sei que mais, mas simplesmente eu que não táva a corresponder aquilo que eles traziam... ele não ia fazer magia dum... dum nove meses... fazer-me saber escrever ou ter base dumas coisas que já outros já traziam de primária

Eu - hum

Participante - fazer magia. Simplesmente, no ano seguinte ele depois passado um tempo ele viu-me: «Tás muitooooo diferente! Tás muito diferente!»

Eu - houve

Participante - pois... muita coisa eu, porque eu, o mal também custava porque da mesma maneira quis aluno...aaa... falavam dos prof também queles falavam do... dos alunos. Alunos falavam dos prof e eles também falavam... o... eu cheguei a mudar de... porque... comecei a fazer um trabalho, tava a trabalhar ficava cansado. Eu mudei! [esta afirmação é dita com um tom de voz doce]. E essa professora pensar queu táva a fugir dela

Eu - sim

Participante - eramos três que mudou, porque não tinha aulas, em vez tar a ter aulas aquele quarta-feira, pedi mudei ter terça, era só uma cadeira queu tinha

Eu - sim

Participante - mudei pá, chegamos e prof, tipo três pessoas chamou-me logo: você qué João?
Eu: qué que se passa aqui? Já tou feito!

Eu - sim

Participante - meu nome já vinha anteriormente andava e... professora qualquer coisa mandava-me ler...aaa... mandava-me fazer as coisas... eu já tive uma nota por exemplo, de treze matemática uma vez, pá a prof disse «Parabéns» uma outra professora qualquer... «Parabéns, mas essa nota tens que a provar isso logo no próximo teste». Mandou-me sentar à frente, não tirei negativa mas também não não tive... uma boa nota, tive dez.

Eu -sim

Participante - chegou lá, todos tiraram treze, catorze, quinze, eu com dez , deu -me parabéns.

Eu nã sei explicar porquê [ri]

Eu -o que é que sentiste?

Participante - pá, senti-me bem mas eu acho, eu pensava caquilo é perseguição... tive treze, desconfiou da minha nota... mandou-me sentar à frente no próximo teste

Eu -pois

Participante - aaa...tive dez deu parabéns. Porquê que não deu parabéns pessoas que tiraram quinze? Co não sei explicar aquilo. Eu ficava porque eu...aaa... se dirigir a palavra, ele ia dizer-me palavão ali e eu qualquer coisa que ele não ia gostar, corria risco de ser suspenso ou algo assim... então eles falavam e eu ignorava. Uma coisa que aprendi mesmo a utilizar aqui a ferramenta ignorância, mesmo bruto assim dizer. Falas falas mas nem ligo porque eu... basta tentar responder, ia dizer asneira

Eu - hum

Participante - tão calava-me no meu cantinho

Eu - e isso de dizer asneira era uma forma de tu

Participante - de me defender, ou dela não me dirigir palavra pra próxima, porque turma inteira só tão falando contigo e... dizer as suas coisa negativas... falta de escrita no meio dos pontos. Não meto não sei que não sei que mais, ou entre outras coisas, coisa negativas...eu... o que que eu esperava que eles dissessem aquilo em privado... mas diziam frente toda a gente... sentia praticamente humilhar. Então comecei a ignorar. Fazia o meu trabalho ao máximo... não ligava mas eu podia ter desistido mesmo. Conheço muitas pessoas hoje trabalham restauração e tudo mais, foram meus colegas lá

Eu - exato

Participante - mas tu ficaste ali aturar aquelas pessoas até hoje. Eu ficar lá um bom tempo ainda

Eu - sim

Participante - ficar um bom tempo. Perguntam-me sempre «ficas ali aturar ainda essas pessoas?» Nãoooo! Pra mim tinha que fazer meu trabalho e ver resultado

Eu - persistente

Participante - exato [risos] exato

Eu - tu viveste na Guiné portanto até aos dezoito. Sempre?

Participante - exato

Eu - vocês eram da Batanta?

Participante - Balanta [ri] é da etnia Balante é para quem conhece a Guiné é principalmente, da colónia Portuguesa, né? Os tropas que tiveram lá, sabem sabem... eu não vou tar a elogiar a falar dessa etnia mas qualquer pessoa da etnia balante é... temos... dizem que... da etnia que tem mais... apresenta melhor a cultura aí, das melhores

Eu - hum

Participante - não sei se lembras do antigo presidente, o Kumba Yalá? Não...

Eu - o nome não me é estranho não

Participante - exato, tinha barrete vermelho

Eu - ah sim

Participante - exato, era da etnia Balante

Eu - han han

Participante - tem uma cultura ali que chega a um determinada idade tem que fazer um determinado ritual, já passas de... de de ... digo assim de juventude pa já homem

Eu - sim

Participante - ele mete aquele barrete

Eu - é sinónimo da passagem

Participante – exato, da passagem de juventude pa já um homem, um homem grande por assim dizer, um homem grande. Temos, temos muita cultura, porque Balanta em si tá ali dividida em vários Balantas

Eu - sim

Participante - há os outra que se acham mais civilizados cos outos. Os outos que são mais indisna ainda cos outos... é maioritária ali na Guiné. Agora que os muçulmanos que se vão juntar, porque mesmo os muçulmanos na Guiné têm... várias etnias... mas são todos muçulmanos

Eu - hum hum

Participante - e tem até uns Balantas também que converteram ao Islão: Balanta Manei

Eu - Balanta?

Participante - Manei

Eu - Manei?

Participante - é Manei, exato

Eu - sim

Participantes - são de etnia Balanta, mas se calhar, se calhar não, é mesmo isso converteram ao Islão

Eu - han han

Participante - mas eles tem aqueles duas cultura praticamente

Eu - sim

Participante - vem duma família tem quem é cristão mêmto tempo tem... os muçulmanos. Tem vários sítio Balanta praticamente e eu sempre, da parte do meu pai, tenho a Igreja. Eles sempre cresceram ali ao pé de... dos portugueses por assim dizer

Eu - sim

Participante - parte de minha mãe também tem... uns familiares ainda que... lá residem na quase na... em redor da cidade

Eu - sim

Participante - exato, ao pé da cidade. Eles também por exemplo, um tio-avô

Eu - sim

Participante - tio-avô exato, da parte da minha mãe que...aaa... chamam de engenheiro, mas não é nunca, nem sabe ler

Eu - hum

Participante - trabalhou há vários anos cuns italianos... anda de trator, faz qualquer tipo de trabalho e chamam de engenheiro, engenheiro pan... de... de etnia Balanta, mas ele aprendeu simplesmente com os italianos... chegaram na altura, construíram escola, campo... a minha família não foi praticamente aquele propriamente, seja parte da minha mãe parte do meu pai principalmente, ali mesmo indisna indisna, não. Sempre cresceram em quartel de tuga ao pé da tabanca (aldeia/vila)

Eu - hum hum

Participantes - dizem lá, da aldeia do meu pai... é... é ao pé dum quartel

Eu - sim

Participantes - eles sempre conviveram com pessoas dali de perto

Eu - sim

Participante - o meu pai fez quarto ano na... na... no... região do Oio... aaa... lá prá zona de... exatamente zona do Oio

Eu - Oí?

Participante - Oio Oio

Eu - eu acho que depois vais ter que me ajudar a transcrever certas coisas que eu...

[risos]

Eu - Oio

Participante - Oio íá, exatamente [ri] zona de Mansua, a poucos quilómetros da cidade

Eu - sim sim

Participante - entretanto ele fez ali quarto ano e como não tinha o quinto ano ali tinha que... ir pa uma outra cidade, pra terminar...aaa... quinto. Sexto ano depois foi pa Guiné. Entretanto ele ia de boleia dos portugueses

Eu - hum hum

Participante - saia lá português, um que ia fazer serviço na outra cidade levava de carro

Eu - hum

Participante - depois trazia, assim sucessivamente. Mas ele...ele me contou na altura... que os pais, os tios ficavam muito chateados. Até têm trabalho pra fazer. Não. Sai, deixa tudo, os outros, e vai pra escola. «qué quêce escola vai-te servir pra manhã?». Serviu ele e tá nos servir agora! Não percebo. Meu pai me explicava isso... e me dizia: «na Guiné pá, tu hoje em dia tens tudo. Tens luz em casa, tens telefone, tem tudo na Guiné.»

Eu - exato

Participante - mas eu na altura (pai), tinha que esperar o luar pa ir estudar ou candeeiro. Eu nôn tinha um gásóleo ou gasolina pa meter naquele candeeiro que nos fazia

Eu - sim

Participante - pa estudar. Dizia «ó pá, vocês tão a passar dificuldade, nôn sei quê, tão a reclamar!» quando dizia «nãõ tenho nada, nôn sei quê» mas tinha! A gente sempre tar a reclamar mais mas ele contava-me história... ele me dizia queles pedidos que... que eu fazia. Mas agora aquilo tá tudo diferente. Mas ele diz que passou muito dificuldade

Eu - pois

Participante - passou passou muito dificuldade pra... pa terminar... o estudo. Com empenho porque, chateavam o cabeça em casa... têm que cultivar arroz, tem que se cultivar milho ou fazer colheita e tudo mais, quando tão praticamente a fazer colheita e é naquela época começa os exames. Tenho que sair pa ir

Eu -pois

Participante - então de vez em quando voltava, batiam-lhe ou deixavam um treino enorme... parte dele pra fazer e saía de escola tinha de tar ali... e pessoas chegavam mandaram boca duma maneira de humilhar

Eu - hum

Participante - «só queres é escola. Não sei onde isso vai-te levar», «o qué que vais servir? O qué que vais comer, amanhã?» [diz com um tom sarcástico]

Eu - pois

Participante - mas são pessoas já duns bons anos atrás. Ele agora... era como os irmãos que saiu foi pa cidade... cõje influência inda lá. Nós termos familiares, parte do meu pai na Guiné e dentro da cidade de Bissau, nôn temos mêmto apelido

Eu - han han

Participante - exato. Porque... quando... o que ele me explicava... faziam aquele recenseamento, tipo censo aqui

Eu - sim sim

Participante - mas é recenseamento, faziam... aaa...aaa... como é que eu hei-de dizer...aaa...
certidão relativa completa de nascimento

Eu - ah certidão

Participante - exatamente, entretanto são filhos da mesma pessoa mas só que não tá a viver lá,
então passa como outra pessoa como se fosse o pai onde ele tá a viver. Somos [xxx], [xxx]
[xxx]. Temos outra família com outro apelido mas somos irmôns ou família de sangue

Eu - hum

Participante - mas com outro apelido

Eu - exato

Participante - da parte da minha mãe já somos todos [xxx], até sei lá até onde... da parte do
pai, tenho prima de... de...aaa... do meu pai mora aqui na [xxx] ele é [xxx]

Eu - hum hum

Participante - mas é... é primo por mero, do meu pai, por mero acaso, apelido diferente

Eu - han han

Participante - [ri]

Eu - é como se costuma dizer, por afinidade, não é?

Participante - é exato

Eu - exato... que giro

Participante - exato

Eu - E que recordações e saudades é que tu sentes da Guiné ou... que não tenhas aqui alguma
coisa... sentes... o que é que tu sentes?

Participante - eu até que, se não tivesse aqui a minha mãe ou meu pai reclamava doutra coisa.
Vejo muitos meus colega a dizer, pá, já há três quatro anos, cinco ano quando eu for pra
Guiné... eu ficava assim: qué que vais lá fazer? Ah tenho mãe lá, tenho pai, tenho irmôns é
que, que não tenho lá

Eu - hum

Participante - primos tenho. Aqui minha mãe, tenho o meu pai, tenho os meus irmãos, com
quem sempre vivi...aaa... tenho aqui. Nôn sinto assim muita saudade e quando vai lá uma
pessoa e chega, começa a contar o que aconteceu lá ou deixou de acontecer... dá-me aquele
vontade de... reviver ou de aquele... faz-me aquele nostalgia de... e faz-me faz-me lembrar
umas coisas ali, querer ir lá, rever os amigos assim... mas nunca tou a pensar voltar e viver lá

Eu - hum hum

Participante - digo sempre, volto a reforçar, o futuro só a Deus pertence e num sei se vou lá
ficar ou não

Eu - hum hum

Participante - a minha irmã por exemplo tá na finanças onde já recebeu o convite pra ir lá trabalhar

Eu - hum hum

Participante - exato. Até qué bom mesmo, ela vai ganhar bem

Eu - que bom

Participante - porque ela era supostamente pra cabar este ano, só acaba já pró ano

Eu - hum

Participante - aconteceu também os coisas que não... fez exame quando meu pai faleceu e... nôn... passou pró terceiro ano, tá no segundo

Eu - han

Participante - exato. Entretanto pá, há muitas coisa em termos familiar que viveram aqui muito mais ano... por exemplo tive com ele ontem... tirou estudos africano... tá lá num projeto «Umbundo», tá lá a trabalhar e ela falou coisas boas que... [faz som com os lábios] chama atencôn, quero ir lá... lá tens um vida mais folgada, menos essa correria, vai vem, o ar próprio também é diferente entre outras coisa

Eu - exatamente

Participante - é clima. Pá, de vez em quando, sinto saudade mas nôn nôn passo assim tempo com os outros a lamentar. Ou tenho que ir lá... tenho que ir lá, não sei quê não sei que mais, vou acabar vou por lá... há dias tive a falar com um colega que tá na engenharia de informático, entramos juntos, já tá no terceiro ano se calhar tá pensando... ele teve ma dizer, eu perguntei: acabas esse ano? , ele: se Deus quiser. Então ficas aqui? É pá, se ficar aqui vou só fazer o mestrado mas vou pra lá. Então porquê que não ficas aqui? Lá tenho mais oportunidade. Cada um com o seu discurso, com sua história, com o seu passado, qué ca prendeu deixou da prender, coisas negativa positiva, coje chama atencôn mas tudo voltar pra lá. Mas aqui pelo menos nôn... nôn tenho queixa

Eu - adaptaste bem

Participante - [ri]

Eu - não é?

Participante - nôn sei, há pessoas que portaram bem, mas têm família lá principalmente

Eu - tu tens aqui a tua família

Participante - exato

Eu - o que é diferente

Participante - exato. querem querem, voltar pra lá. O meu pai dizia-me sempre: é pá, quando trabalhar, eu quando ficar velho ser reformado, eu nôn quer ir pra lar... faz-me casa pra mim, quele tem casa tem tudo, faz uma casa melhor pra mim. Ele tem uma boa casa aí [ri] também, maneira de falar, vou lá viver com os meus pequeninos, sobrinhos, netos aí, na Guiné lá tenho mais vida de tranquilo, tenho quem cuidar de mim, não é como um lar aqui. Ele sempre dizia isso. Infelizmente nôn posso fazer isso... pra ele, né?

Eu - infelizmente. Realmente

[silêncio]

Participante - pode fazer pergunta, eu falar

[risos]

Eu - olha meu querido, é assim... eu penso que tu já falaste muito, que já tenho aqui conteúdo para poder interpretar. Não sei, como é que tu sentiste o facto de estares aqui a falar da tua experiência, o que é que

Participante - pra mim, [faz som com os lábios] nôn tou a ver assim grande coisa. Já... eu quando cheguei aqui eu táva a dizer que tinha de me fazer pergunta para eu responder

[risos]

Participante - já dou pra jornalista, como disse tenho canal no youtube

Eu - sim

Participante - faço entrevista. Entretanto aprendi que entrevista desenvolve as perguntas e respostas. Eu fiquei ali bloqueado, pensei que num ia conseguir desenvolver mais

Eu - mas vês

Participante - exatamente. Por causa de pergunta, tinha que sair pergunta pra nôn tar a falar principalmente eu pensei no principio ... tou a fugir à quilo que ... que... nesse caso que me é pedido. Entretanto, mas... pra mim tou tranquilo, como disse faço entrevistas já... fiz várias coisas do género. Eu já fiz isso, como eu táva a dizer na faculdade, de vez em quando eles dão um ticket

Eu - sim

Participante - desconto pa Fnac, pra fazer três, sete minuto, mas tudo pessoal, de vez em quando entram mêmo numa aula, a pedido do prof, dão uma ficha, preenche...eles servem sempre pra qualquer coisa pra eles ali no final do curso. Tenho um colega que tá a tirar...aaa... sociologia...aaa... lá, tá fazendo mestrado, ele fez mêmo na Guiné depois, consegui bolsa tá aí a tirar mestrado. Ele falou de estudantes guineenses no [xxx]

Eu - hum hum

Participante - através de mim conseguiu o contacto de vários aí. Pá, tu conheces muita gente aqui da Guiné, ele é guineense mas como táva ali... primeiro ano não conhecia muita gente e tal... sou primeira pessoa que dou entrevista que ele também gravou

Eu - sim

Participante - por acaso falamos da integração aí

Eu - han han

Participante - porque há muitos alunos aí e não conseguem se integrar, dizem-se excluídos e através disso não conseguem produzir-se mais. O que eram na Guiné bons alunos, chegam aqui são alunos tangente

Eu - pois

Participante - exato. Mas eu acho que aquilo também reflete o ensino, a diferença do ensino

Eu - exatamente

Participante - o meu primo táva a tirar medicina nuclear aqui em Lisboa e houve uma... uma... uma miúda cabo-verdiana que era dos melhores lá em na Cabo Verde, chegou aqui e não táva acompanhar acabou por misturar medicamento e bebeu e

Eu - pois pois

Participante - acabou com a vida dela e... porque as coisas são diferentes, a cultura é outra coisa

Eu - a cultura é importante, não é?

Participante - eu acho eu acho que sim. Há pessoas que ali tão reclamam todos dias. Ah quando é trabalho de grupo eles escolhem-se entre si e ...e... excluem-te... mas se eles sabem que tu és bom, eles vão-te procurar pra juntar ao grupo

Eu - hum hum

Participante - sabem quês preguiçoso ou alguém já fez trabalho contigo vê que não produziste nada, não fizeste nada, ninguém vai querer juntar contigo. Se a pessoa não produziu, toda gente tá a fazer grupo, deixam-te de lado...aaa... é porque não... no trabalho passado não fizeste nada ou logo no princípio, no primeiro ano é porque não te conhecem

Eu - hum

Participante - mas péra na pauta, alguém vê sair boa nota pró próximo vai juntar um bom grupo. Como um colega chegou cá, é pá, entrou pra um curso médio também, voltou pró 10º ano. Hoje em dia tá a tirar gestão mas já trabalha como...aaa... electricista faz todo tipo de trabalho

Eu - hum hum

Participante - ele reclamava todos os dias porque é da minha altura, é da minha idade, pá, ele é mais velho...aaa... ele chega num obra ali grande, começa a... foi como um senhor que chefe dele, deixou lá o senhor deixou e ficou lá... desceu logo responsável de obra: «ah você que vai fazer ligação aqui?» E ele: sim. Mas você onde é que aprendeu isso? [tom de voz como que a gritar] Como é que mandam pessoas assim aqui e não sei quê

Eu - hum hum

Participante - começar a julgar a pessoa. Ele ficava muito chateado, mas uma pessoa... ele dizia que eu sou um psicólogo pra ele

Eu - hum

Participante - ele ligava-me perguntava, cheguei cá primeiro que ele. «Nôn liga, só o tempo vai-te dar razão»... «nôn liga essas coisas, bocas, principalmente de obras, eles falam à toa»... aaa... a linguagem que eles utilizam ali é... de muito baixo nível é só chit [ri]

Eu - pois

Participante - exato. Entretanto ele cada vez que vai a um sítio, por exemplo, eu digo um negro daquela estatura, ele tinha igual a mim... onde é que ele tem a capacidade pra fazer aquilo? Mas ele chega, monta e faz tudo, luz de presença, aquele luz basta um passo acende apaga

Eu - hum hum

Participante - mas ele chega e monta... só nos final qus gajo:«pá, anda cá beber uma coisa nôn sei quê» tipo um pedido de desculpa

Eu - pois

Participantes - julgam ali pela capa. Ele chega ali falam tanta coisa tanta coisa, mas ele reagia muito mal

Eu - hum hum

Participante - nôn nôn ligas isso, faz o teu trabalho com o tempo eles é que correm atrás, com eu táva a referir na escola...esse tal meu colega no fim veio-me agradecer, disse pá «tu és a única pessoa que nôn queixou assim muito dos colega» eu disse: «pá, eu nôn sou bom aluno, nem no trabalho de grupo, sou preguiçoso e então não faço nada, deixo o trabalho todo prós outros» mas quando tão apertado fico até estado sem dormir só pra não passar mal. Agora quando tou no trabalho de grupo, peço sempre: vamos dividir isso

Eu -hum hum

Participante - porque quando é pra fazer tudo, deixo sempre prós meus colega, digo sempre isso, deixo mas pra não tar a fazer isso sempre digo mêmo, vamos dividir, dividimos, fazemos. Olha, fiz isso, vocês vê lá e se alguma coisa tá mal ou assim. Portanto agora ganho

sempre colegas. Terceiro ano vamos, se Deus quiser pró próximo ano, temos muitos laboratório, tenho que preparar o demiocinamento(?) uma coisa que tem de ser feita em casa. Eu de vez em quando sento meu lugar «olha já tens grupo? anda cá sentar comigo» sempre. Os outros dizem tem dificuldade por exemplo apresentaram qualquer coisa e nem voltaram a se esforçar. Nôn sei, cada um com sua maneira de ser e... [faz som com os lábios]

Eu - e como é que tu te sentes quando te chamam?

Participante - aaa... quando me chamam pra juntar grupo?

Eu - sim

Participante - por acaso recebo aquilo com toda a natureza conheço quase, toda gente me conhece no curso...aaaa... até jovens de quê? vinte e um ano, dezoito e tudo, chamam-me de puto... a brincar aqueles jigas, então puto qué que tás aqui a fazer? Nôn vás pra aula e não sei quê

Eu - han

Participante - brincadeira, brincadeira. Até gozo com miúdo de... de... de Tomar. Ele vem aqui e dizia «o teu sonho é morar na linha de Sintra, queres ser bandido» nôn sei quê [risos]

Participante - ele é, gosta mêmo da linha de Sintra [ri] vem qui morar na linha de Sintra

Eu - ah

Participante - fica a imaginar que aqui era roubar coisas. De vez em quando perguntam lá: és donde? Linha de Sintra! É pá iii num vou praí visitar, levo facada nôn sei quê

Eu - sim

Participante - mas há pessoas que recebem isso mal

Eu - pois

Participante - nôn é só pretos que moram na linha de Sintra

Eu - claro

Participante - alguém diz isso nem ligo. Tenho um colega...aaa... abandonou curso, questõn financeira, foi pra Inglaterra, diz que vai voltar pró ano, continuar estudar. Ele primeira vez que veio cá me visitar...aaa... ele ficou com muito medo mas é africano, ele nasceu em Angola, com um ano de idade veio pra qui, já tá com vinte cinco ó quê

Eu - hum hum

Participante - exato...aaa... entretanto ele ficou com medo de vir cá. Pá, ele é de margem sul sempre viveu e cresceu com tudo

Eu - hum

Participante - então sempre ouvi ler falar mal de linha de Sintra. Primeira vez quele entrou aqui no comboio na nossa zona, vive cá vinte e três ou vinte e quatro ano, tem vinte cinco ano, acho eu

Eu - hum

Participante - ele nunca teve cá. Pegou bolsa dele quele tinha, meteu documento meteu aqui, meteu camisa pro baixo que tava vir pra linha de Sintra. Tu qué's preto ainda tás aí naquela, pá. Depois eu tive que falar com ele tentar explicar a verdade. Linha de Sintra toda zona é perigosa, mas depende da pessoa. Se tu entrar nessa de grupos aqui grupos ali, cais... na... noutras coisa, agora se viver sempre no teu cantinho, ninguém te vai arranhar, em quanto mais te empurrar, ou dar facada ou algo assim

Eu - hum

Participante - é sempre no teu cantinho. Ele agora e vez em quando vem cá me visitar... e sem problema, só cagora tá a viver em Inglaterra

Eu - hum

Participante - vem cá e sem problema. Lá dizem mêmo [tom de voz muito alto] eu podia receber aquilo... co... parecem que... eles lá... alguns miúdos: linha de Sintra você de linha de Sintra começam-te a receber com pedra na mão

Eu - é

Participante - A linha de Sintra? Ah vocês são uns bandido. Olha, com é que você chama? Houve um assalto lá agora... esses jovens aqui que entraram prós estado Islâmico, são pessoas que afinal eu conheço. Nôn tou ver cara deles. A gente jogava aí em Massamá

Eu - hum

Participante - há dias gozaram comigo à pála disso: Então nôn nôn foste pra estado Islâmico? Vi lá pessoas da «tua zonas», «eram os meus sócios! Se quiseres vou já falar com eles pra darem cabo de ti». Tudo na brincadeira também

Eu - pois

Participante - dou as minha respostas também como deve de ser. Ora agora querem me chatear a cabeça. Chamos os gaijos... [ri] . Família Costa dam cabo de vocês

Eu - exato

Participante - é como que brincadeira. Mas se for outras pessoas se calhar levam levavam a mal. São pessoas queu conheço. Eles são com raiva nôn sei com quê. Nôn sei explicar porquê queles entraram naquela

Eu - pois

Participante - cada um com sua vida ou infância... ou... porque a maioria dessas pessoas têm uma coisa por detrás co fez tomar essa decisôn. Não entraram ali por acaso. Porque uma pessoa nôn...que recrutam estado Islâmico, não chega aqui dizer: olha, queres ir pra estado Islâmico? Ninguém é criança... nem criança vai convencer tu a comeres. Eu acho queles devem ter feito um qualquer coisa de fictício pra convencer

Eu - hum

Participante - essas pessoas ou começam ta judar todos dias, amanhã falam uma coisa pra ti, tu pá, esse ma juda não vou recusar pedido dele

Eu - hum

Participante - acabam por andar naquela [estala os dedos]. Mas eu não ligo essas coisas mas nôn digo que nôn fico chateado de vez em quando com com bocas

Eu - pois

Participante - fico muito chateado de vez em quando mas a... tenho que pensar duas vezes antes...de...de... dirigir. Esses duas vezes ou também espero qualquer dia devolvo da mesma moeda

Eu - hum hum

Participante - dizem queu sou gosto muito de vingar mas nôn é vingar. Faz uma

Eu - hum

Participante - coisa vou dar umas voltas três, vou devolver da mesma moeda. Mandar boca. Nôn tenho oportunidade de responder, vou esperar. Tenho mêmo péssimo hábito. Vou mandar também. Mais nada. Nôn vás me bater, nôn vás fazer nada. Mando também minhas boca olha, calo

[risos]

Participante - lá está

Eu - pois aqui a linha de Sintra tem uma fama desgraçada

Participante - tem uma fama, mas não vejo isso não vejo isso que tanto falam, qué todos dias se fala. Vejo miúdos lá na faculdade...aaa... a ver vídeos de...de... desses rappers da linha de Sintra cantam crioulo

Eu - sim

Participante - mas miúdos do outro mundo... tem tudo

Eu - pois

Participante - mas eles ali, já vi muitos miúdos mêmo nas sala de estudo ouvir rappe crioulo

Eu - pois

Participante - mas eles têm medo de vir cá não sei quê não sei que mais, mas gostam (com ênfase). Aquele miúdo de Tomar, eu dizia: pá, tu devias ter nascido aqui na linha de Sintra. Tu és fã de linha de Sintra [ri]. Ele perguntava-me tanta coisa. Você é polícia ó quê?

[risos]

Participante - com tanta pergunta assim [ri] como é qué lá tua zona? Tenho passar lá um dia. Vês tropas? Aquele linguagem que

Eu - sim

Participante - utiliza. Tenho que vêr lá tua zona, seus tropas aí não sei quê não sei que mais [risos]

Participante - isso lá é calmo. Ele chegou uma vez disse: olha você já com essa idades já nôn tem muito medo, mas os putos ali... quêle uma vez na Tapada da Mercês viu uns miúdos assim...de... doze treze anos

Eu - sim

Participante - grupos...aaa... a tentar arranjar confusão aí na estaçôn... ele chegou, primeira pessoa quele procurou era a mim

Eu - han

Participante -vem-me explicar aqui poçaaa dereeet... aquela linguagem [ri]

Eu - sim sim

Participante - pá, fique com um ganda medo mêmo dos putos aií fogooooo quieriam bater num cota nôn sei quê nôn sei que mais. Mas ele faz mêmo já com um sotaque assim já

Eu - sim

Participante - porque ele admira mêmo essas coisa. Não sei porquê. A tentar namorar com uma uma miúda ...aaa... é mestiça, né?

eu sim

Participante - yá. Mas ele é branco e

Eu - han

Participante - gosta gosta mêmo. Ele nôn tem esse problema. Miúdo queu vejo, simpatizo muito com ele, falo muito com ele... ele vem vem falamos, brincamos acordamos um com o outro sem problema

Eu - são amigos

Participante - ele fez também fez conhecer muitas pessoas aí. Ele quando me vê, tá a andar com dois três pessoas, ele cumprimenta os outros cumprimenta-me, e passo a cumprimentar os todos praticamente

Eu - hum

Participante - tanto conheci quase muita gente através doutros amigo

Eu - exato

Participante - cumprimentam-me sempre aí. Gozam [estala os dedos] gozam

Eu - gozam?

Participante - gozam brincam, por exemplo o meu colega disse-me à dias: poças inda tás no segundo ano? Já tou a tirar mestrado inda tás aqui. Pró ano inda vais continuar no segundo, né? [ri] tipo brincadeira. Depois eu sei quem explicou que meu pai tinha falecido, ele veio ter comigo tipo: eu não sabia não sei quê, eu dirigi: por que não te respondi nesse dia... mas quele eu eu acho mal! Nôn sei quem és tu. Quele quando... de vez em quando juntamo três quatro pessoas africano, ficamos alí a falar

Eu - sim

Participante - normal... que acontece, nôn tou ver o mal de tarmos dois três a ficarmos junto e eles: fogo vocês pensa qui é Africa ó quê? Ficam a juntar-se? Arranjam dois, três branco e misturam-se aí, nôn sei qué que vocês tão a programar aí ou a fazer. Mas é estúpido, os outros levam a mal

Eu - pois

Participante - eu pra mim espero tar mêmo bem cheio. Ligo mêmo assim mêmo feio: não não tou a ver mal

Eu - claro

Participante - já já acho que acabei por levar mêmo muitas coisa de...de ... que me fazia revoltar, agora é uma brincadeira, nôn [faz som com os lábios] nôn ligo mêmo, nôn ligo muitas coisa

Eu -hum hum

Participante - nôn é quos outro nôn ficam chateados, ficam. Mas nôn [faz som com os lábios] nôn tou a ver mêmo assim. eu não passei dificuldade assim aqui. Se calhar o queu passei no escola, podia ter desistido e ... seguir outro caminho e tudo mais. Foi entrar num curso que... completamente metade era desconhecido pra mim, principalmente física... eu já tirei todas cadeira de física do primeiro ano, queu pensei quia tar lá dois, três anos a tirar, mas consegui tirar... tive que recorrer, tive que pegar manuais do decimo ano

Eu - han han

Participante - e tudo mais... utilizo mais o youtube

Eu - sim

Participante - qualquer coisa vou lá ver, tem uns vídeos parece queu... dizem, fico sentado e tou a estudar, tou estudar, tou é a ver vídeos

Eu - exato

Participante - tou a ver vídeos aí... primitivas derivadas acho que aprendi mêmo cos vídeos do brasileiro, gozo também, digo mêmo: pô, sês portuguese nôn me sabem dar nôm metem nenhum vídeo [com ar de zanga] pra um gajo aprender

Eu - exatamente

Participante - mas maioria de vídeos...aaa... encontras sempre um brasileiro aí

Eu - é?

Participante - a explicar. Melhor vídeo que eu vi português, explica mal no youtube. Explica muito bem e é português. Hoje por acaso comecei a gostar muito desse vídeo [tosse] linguagem quele utiliza é como nós usamos aqui quotidiano. Brasileiro de vez em quando, nôn percebes qué queles dizem dizem, queu digo mêmo tenho que meter sempre legenda [risos]

Participante - pa pa perceber aquilo. mas era porque nôn sabia, mandava minha boca também, toda gente manda boca por isso... poça, um gajo pesquisa aqui dum livro nôn tem nada. Precisa fazer um trabalho, preciso consultar, vais à biblioteca só vejo livro em inglês! Mas qué que se passa? Essa vossa língua nôn serve pra nada! Sais daqui de Espanha, já ninguém fala português [ri] é brincadeira também. Mandam boca, um gajo manda, nôn tenho medo de ninguém

Eu - claro

Participante - é brincadeira. As pessoas lá sabem qué brincadeira. Então dizia: porquê que não volta pra tua terra ou pára de falar português?

Eu - e tu?

Participante - eu respondo também queu quero [ri] porque é brincadeira mesmo, um gajo ninguém leva a mal

Eu - é a reinar, não é?

Participante - exato

[risos]

Eu - que giro

Participante - nôn tou a ver mal. Mas eu por acaso ferramenta que utilizo youtube pá prender qualquer matéria ou algo, vejo sempre os vídeo brasileiros

Eu - han han

Participante - quando vejo assim um colega assim com termos de intimidade: porquê não vês um vídeo português? Vocês têm que começar a fazer vídeo pá [ri] nôn sei pá... mas é brincadeira, tou aqui

Eu – han han

Participante - faço parte de Portugal... nha vida aqui é... apesar de não ter nacionalidade, ainda por acaso recusei uma vez, diz que não precisava no princípio ... mas isso vai de influência duns amigo angolano

Eu - sim

Participante - ... e ele táva, tinha completado aqui seis anos... távamos a comentar, ele disse, disseram: mas porquê não metes já a residência? É nacionalidade adquirida... nacionalidade portuguesa...aaa.... pra quê? Pa tar a pedir visto pa voltar pa Angola? Eu não! Eu querer é trabalhar aqui, estudar e ir pa Angola! O quê queu vou fazer com residência, documentos desse não sei quê? Por acaso fiquei com aquilo na cabeça, que não queria também, mas sem justificação. Pá, num princípio era estudar e voltar

Eu - pois

Participante - voltar, não tem até hoje porque não adquiri mas toda gente em casa praticamente tem

Eu - tem

Participante - tem. Agora toda a hora renovar residência por acaso já tou programar mesmo, já fui... saber, já falamos com advogado da família que pa... eu adquirir nacionalidade...portuguesa [dito de forma quase fugidia]. Assim me facilita mais nunca sabe

Eu - im sim, claro

Participante - nunca sabe, o meu pai sempre teve, a minha mãe, os meus irmão sempre teve. Meu irmão nem sequer sabe que que é residência

Eu - pois

Participante - exato. Nunca vai ser tratar documento algo assim. Eu já, não adquiri mas eu.... tinha tinha direito desde que completei dezasseis anos aqui, dezasseis ano, seis anos aqui

Eu - ah

Participante - ... lei diz que seis anos legalmente, podes adquirir ou podes adquirir dos pais que já tem ou algo assim. Eu não, não não queria. Eu ficava quando me perguntam sempre, mas porquê que não metes do que tar sempre a renovar essa treta de residência? Pedem muita coisa! É pá não quero, não quero, mas quando dizia não quero, pensava num outro colega que chegou a dizer isso

Eu - exato

Participante - nunca explicava, mas eu não quero não quero. Vou ficar com minha residência, com minha nacionalidade guineense queu gosto. Ninguém fala mal do seu país mas eu digo

tipo, Portugal é muito mais desenvolvido do que Guiné. Há quem diz pá se nôm fosse por causa do união europeia eles tavam também na...na mesma

Eu - hum hum

Participante - foram país de golpe de estado, foram país de tudo mais, hoje melhoraram graças a união europeia. Mas isso nôm interessa, vale mais tarde que nunca em quanto Guiné tá onde tá

Eu - pois

Participante - Pá nôm podemos ser comparado com país. Apesar que tudo corrupção e essas coisa, lá é... é nos olhos, é nítido, toda gente vê... aqui é mais ali escondido assim nôm sei, nôm conheço [ri]

Eu - achas que o português é mais desconfiado? É isso?

Participante - aaa... nôm sei se é bem desconfiado mas ... mas eu acho qué mais... ali nas calmas... quando fazem... pra assim dizer, uma aldrabice ou corrupção ninguém... nôm deixam rasto

Eu - humm

Participante - em quanto lá deixam mêmo e é tudo claro, é tudo nítido, é todo gente vê... toda gente vê

Eu - transparente

Participante - transparente. Pessoas chegam numa fila, pra adquirir qualquer coisa então aquele ali é filho de fulano tal, passa fila, vai lá dentro, pra entregar candidatura pa bolsa ou algo assim

Eu - pois

Participante - pessoas têm que tar ali às cinco tipo segurança social aqui, por exemplo. Pá pessoas que chegam, pessoas que tão ali na fila um bom tempo e chega: aaa esse é ministro da agricultura que mandou tal tal ministro tal é que mandou....aaa... pa falar com senhor. Passam, mas outros já tavam ali na fila [com ar de revolta] é dos mesmo que eu tou a dizer a termo de corrupção... os outro tão ali perto... os outros chegam, passam. Dormiram até às tantas em quanto pessoal ali na fila a espera. Vocês fazem um exame de de... de candidatura ou de recorrer a bolsa, tens treze, vês a tua nota ali ali na pauta saiu, ok tá à espera da entrevista, hora e tudo mais, assim do nada, aaa tirão o teu nome, passa do primeiro ou terceiro pa décimo segundo ou algo assim

Eu - ah é?

Participante - Assim, já tás fora e os outros que nem sequer fizeram exame que nome nôm táva aí passam com catorze e quinze tar ali na lista. Dizem sempre falta lista final. E metem um outro aí que nem sequer fez, co familiar tem dinheiro

Eu - hum hum

Participante - um bom labarento por assim dizer, bom dinheiro ali, por baixo luvas brancas ou envelope branco... chega lá mete ... aaa nome definitivo. Tu vê nome ali mas se fores pesquisar bem... tem um familiar que tá cheio de dinheiro ou algo assim... é corrupção. O meu colega

Eu - como é que tu te sentes com isso?

Participante - pá mal mal mas como é que vai reagir? Tenho um primo...aaa... que meu pai é como se fosse pai dele... ele tava agora é taxista... o meu pai é professor lha acompanhou sempre... ele foi um bom aluno, táva concorrer bolsa pa Cuba, conseguiu porque me pai lhe preparou, teve melhor nota aí... a par dos outros... táva entre decimo, dez milhões

Eu - hum

Participante - ele teve ma contar, táva entre dez milhões ó quê, tá ali na lista, assim do nada deram mil e uma volta e ele ficou, ficou até hoje tá lá. Pessoas antigamente lá nôm era preciso fazer décimo segundo ano

Eu - hum

Participante - decimo primeiro ano pa conseguir bolsa, quarto quinto ano vais logo integras-te aqui num colégio ...aaa...Pina Manique ou algo assim

Eu - sim sim

Participante - estudas logo, faz o secundário, ao mêmo tempo concurso, depois faz superior eles iam pra lá essas bolsa, ele conseguiu táva no sexto ano, foi lá conseguiu, só táva à espera de ir entrevista ou dizer entrega o teu passaporte pá. Assim do nada tiraram o nome dele. O meu pai era professor e trabalhava no recursos naturais aí e nôm tinha como movimentar aí um bom dinheiro, o meu primo até hoje tá lá

Eu - pois pois

Participante - tá lá, agora é taxista, parou de estudar, acho que nem sequer terminou o decimo primeiro ano

Eu - hum

Participante - nôm acho qué por causa disso, o meu pai depois emigrou, ele contava, emigrou, ele depois nôm teve aquele chateava cabeça pa completar os estudo

Eu -pois

Participante - hoje é taxista e ... e nôm digo que passa miséria maa... os colegas já tão noutra nível, trabalham, têm um bom emprego, ele tá onde tá, é taxista

Eu - hum pois

Participante - trabalho miserável e tudo mais. ele dizia sempre pá se... o meu pai tivesse lá, ele ia tar noutra nível neste momento...

Eu - considera que o teu pai, era um bom conselheiro

Participante - sim sim... aquela coisa também, nós quando predemos é que... damos valor... mas eu digo sempre... o meu irmão mais novo sempre estudou cá

Eu - hum

Participante - foi muito bom aluno mêmô

Eu - hum hum

Participante - muito bom aluno, porque adquiriu conhecimento e desde o primária e

Eu - claro

Participante - foi... representou a escola onde ele estudou, representou Seomara na matemática, foi muito bom aluno. Entretanto ele depois decidiu mêmô por futebol...aaa... foi estudar... aaa... quer dizer foi jogar o ano passado lá pra zona de Castelo Branco

Eu - hum hum

Participante - ele quando táva aí o meu pai ficou muito chateado, tive que falar com ele: pá,ele diz que quer seguir futebol e tudo mais, deixa! Eu ca inda cheguei lá, dei aquele elogio ao meu pai, costume dizer, banho no cérebro [ri]

Eu - hum

Participante - pra o convencer a deixar o meu irmão ir. Porque ele se ficar aqui ele nôm ia... ia estudar, ele queria era jogar futebol

Eu - hum hum

Participante - a minha mãe o convenceu à pouco tempo, voltou a estudar né que parou o ano passado, deixou foi de jogar

Eu - hum hum

Participante - um clube táva interessado nele, salário nôm era grande coisa, mas pode crescer e ganhar mais no futebol

Eu - hum hum

Participante - e foi pra lá, tinha que convencer o meu pai e... nôm vejo.... vejo os meus colega pá africanos, ninguém praticamente tem incentivo do pai, dos pais...aaa... a continuar estudo ou algo, ou aquilo nos transmitiste ou que nos dê, ele chegou a pagar explicaçôn de português principalmente...aaa... matemática também pagou pa fazer exame nacional... nôm

vejo ninguém, dei aquele elogio depois, foi logo assunto: ele quer ir jogar, deixa! É a área que ele escolheu. Não não, eu quero todos meus filhos fazerem um curso superior

Eu - hum hum

Participante - mas nem é preciso ter um curso superior pra ser alguém na vida! [com convicção] ...pá deixa, ele quer ir... um dia por acaso consegui convencer... eu vejo uma pessoa que incentiva muito muito no estudo. Tenho um familiar que teve cá...aaa... que sobrinho do meu pai, meu tio, quer dizer, não, é primo do meu pai, é meu tio, ele teve cá uma vez disse-me: vês o posto que eu tou hoje na Guiné, é graças a teu pai

Eu - pois

Participante - aquele é que me matriculou na escola é que fez tudo, porque os meus pais não sabiam ler, era analfabeto não sabiam nada, ele é que me meteu na escola e me acompanhou até hoje, graças a Deus venho aqui estudar para adquirir conhecimento mas é tipo informação queles vêm aqui, é graças a teu pai

Eu - hum hum

Participante - ele por acaso vem aqui nos visitar, diz que vai vir próximo ano, próximo ano

Eu - hum hum

Participante - vem cá. É família... é dos poucos que temos, parte do meu pai

Eu - claro

Participante - Ele diz... exato. ele nem sabia. Vivia com ele na Guiné, ele nunca contou-me isso até à boca disse: olha se eu estou aqui hoje é graças a teu pai, ele é que me meteu na escola, ele é que me acompanhou... fiz curso superior lá, lá na Guiné

Eu - hum hum

Participante - e trabalha também no ministério de recursos humanos, é graças a meu pai quele tá naquele trabalho. Agora está numa expedição... pediu uma coisa... dispensaram-no no estado, né? tá no privado agora. Assim que o projecto acabar, ele volta, mas não tá pá cabar assim tão breve.

Eu - claro

Participante - Tem ainda muitos anos. Ele diz que é graças ao meu pai. Uma pessoa que em termo dos estudos... o meu irmão teve sempre sempre melhor aluno. Vou tentar saber disso. Um dia ele passou, sempre foi melhor aluno, melhor aluno, melhor aluno... nós não tivemos aquilo porque não tivemos base

Eu - exatamente

Participante - não tínhamos bem preparado

Eu - exatamente

Participante - meu pai chegou aqui... trabalhou no duro... depois teve doente... e irmõn da minha mãe teve que arranjar-lhe um trabalho como segurança pra nôem se esforçar mais. mas ele dizia sempre que nôem era um sitio quele desejava estar, voltando pra Guiné conseguia dinheiro pa nos mandar aqui mas também nôem vai nos deixar aqui...aaaa.... assim solto

Eu - hum hum

Participante - vamos entrar noutra vida ou algo assim... sacrificar aqui pa... nos sustentar e... tudo mais. a pessoa que incentiva mais no estudo... nôem tem nôem tem... nôem tem... minha mãe nôem estudou lá grande coisa mas... parou estudar muito cedo mas até hoje... vejo que ela também, nem parece que parou no nível que parou... acho que parou no nono ano ó quê

Eu - hum hum

Participante - nem nem aparenta. Parece que estudou mais, apesar do ensino lá é muito fraco. Vejo pessoas que dizem terminaram lá décimo primeiro ano lá, nem sequer sabem escrever bem, quanto mais... minha mãe sabe aquilo perfeitamente

Eu - claro

Participante - nôem é por ser minha mãe ou algo assim

Eu - sim sim

Participante - eu vejo muita diferença. Eu costumo...aaa. ver as pessoas falas o quê que tu tás aí a falar mas... chego logo as minhas conclusões, seja precipitar ou não, vejo... parece que só tá a falar de boca fora, nôem sabem

Eu - exatamente

Participante - eu vejo isso, mas nôem vou tirar pra fora, de vez em quando um gajo faz julgamento... depois no fim: exato, nôem é aquilo que táva a pensar. Acontece ao ser humano

Eu - claro

Participante - nós julgamos assim. por isso nôem dou culpa a ninguém quando me julgam

Eu - han han

Participante - isso ou aquilo [ri]

Eu - tranquilo, não é?

Participante - Na boa como se custuma a dizer

[risos]

Eu - ok, João. Eu acho que sim. Que está optimo. Está cansado?

Participante - Não, eu tou de férias por isso

[risos]

Participante - tive a dormir até as tantas, nôem tou a trabalhar neste momento

Eu - ah é? ah pronto, ok!

Participante - me deito às tantas. Quer dizer, não consigo dormir, acabo sempre acordar

Eu - então?

Participante - um gajo deita, de vez em quando quando fico cansado, levanto-me logo de cama... vou passar... ver tv

Eu - exato ajuda a passar o tempo

Participante - no computador ou no telemóvel

Eu - han han

Participante - já. De vêes em quanto ligo.net pra ver o que tão a ver

Eu - é exato, é o que me acontece também a mim

[risos]

Participante - no telemóvel... tou sempre ali... de vez em quando quando referem qualquer coisa importante, paro olho, volto atrás, vejo vejo, deixo passar, não presta

Eu - han han

Participante - prefiro ver jogos do que tar a ver novela ou algo assim

Eu - han claro

Participante - raramente vejo novela. Mainha vê novela, tou aí sentado, tou a ver mas não tou a ver nada. Quando tão a rir tão a rir, do quê? Mas tudo ali à frente no televisão

[risos]

Participante - trictric no telemóvel

[risos]

Eu - ai que giro. Então olha João, agradeço-te imenso a tua colaboração. Foi ótimo e pronto olha, muito obrigado mesmo, está bem?

Participante - [ri]

Anexo C: Transcrição Completa da Entrevista com o Participante B

A entrevista com a Gabriela foi realizada a 1 de Abril de 2016, pelas 16h e teve a duração de 52'.

É uma jovem com 27 anos de idade, guineense de etnia balanta mané, nasceu em Bissau, é católica e migrou para Portugal em 2005.

Eu - como te tinha dito é similar ao teu irmão, em que gravei porque tudo o que tu disseres é importante e porque depois tenho que transcrever

Participante- eu já

Eu - já percebeste, não é?

Participante - eu já fiz umas na faculdade colegas meus também

Eu - ahh ótimo

Participante - também precisavam

Eu - então pronto ainda bem. Não é estreia.

Participante - não não

[risos]

Eu - olha minha querida, eu gostava que me contasses a tua história relativamente à migração.

Conta-me como é que foi...

Participante - adaptação e tudo?

Eu - tudo aquilo que tu quiseres...

Participante - pronto

Eu - estás á vontade

Participante - ok ok. Pronto nós chegamos cá em 2001 [lapso] e ... já estive cá quando eu tinha três anos

Eu - três?

Participante - três anos sim

Eu - ahh

Participante - porque eu tinha um problema de saúde

Eu - oh

Participante - O meu pai vem comigo e depois na altura era muito ... era muito complicado os africanos adaptarem cá aqueles anos, né? Os anos de Salazar acho

Eu - sim sim

Participante - mais ou menos era muito complicado então, ou seja, o meu pai dormia na rua, não tinha condição, porque ele depois, quis ficar cá comigo porque ele era professor na Guiné

Eu- hum hum

Participante - exatamente ele quis arriscar e ficar cá pra viver então a condição na altura não era muito... não era muito muito favorável para com emigrante porque não aceitavam alugar a casa a um emigrante ou a um preto assim pa dizer era muito complicado, então o meu pai mete-me na casa duma senhora...aaa...uma senhora... filha... um familiar... um amigos... pronto

Eu - sim

Participante - E a senhora acho que com três anos batia-me...

Eu - humm

Participante - então o meu pai... não me lembro de nada porque tinha três anos... na altura não sei de nada... então meu pai preferiu ficar cá ele a sofrer do que ver a mim piquenina de três anos que não sabe nada, sofrer, ou seja, voltei acabei por voltar pra Guiné

Eu - exacto

Participante - depois voltei, fiquei com os meus irmãos e a minha mãe, depois vim cá

Eu - humm

Participante - com dezasseis anos ... aaa... entrei nessa escola... também na altura também sofria a estudar acho qué na [xxx]... não sei se ela estudou na [xxx] ou não

Eu - não foi no[xxx]

Participante - ok

Eu - e na... esta aqui...

Participante - na [xxx]

Eu- na [xxx] exato

Participante - ahhh tá bem. Eu depois vim cá no oitavo ano, estudei na [xxx]

Eu - humm

Participante - na altura... era muito complicado

[silêncio]

Eu- era?

Participante - porque... cai cá de paraquedas, né? Com dezasseis... eu tinha lá os meus amigos, já tinha feito a minha vida toda lá e ... quer dizer, já sabia que um dia ia sair porque o meu pai táva cá... o sonho dele era que a família viesse cá toda a viver... porque ele dizia nós aqui tínhamos melhor condição de vida então nós acabamos por vir cá

Eu - hum hum

Participante - com dezasseis anos pra voltar pá escola era muito complicado ir pra escola porque eu cheguei cá em Agosto, comecei a escola em Setembro

Eu - exato

Participante - a língua é muito complicada a adaptação porque... uma vez que me fez imensa confusão é que as pessoas não ajudam, né? Até mesmo... até mesmo nós mesmos os africanos mesmo assim não pra dizer...olha: esse aqui está a precisar se calhar eu podia encaminhar, não então eu tive que cair da escola de paraquedas, aprender tudo

Eu - exato

Participante - a língua é completamente deferente, nós podemos dizer a língua oficial da guiné é crioulo mas não é a mesma coisa... é muito defrente... é muito defrente mesmo

Eu - claro

Participante - e eu chumbei nesse ano

Eu - hum hum

Participante - e depois acabei por repetir outra vez o oitavo ano depois passei pró nono. Até mesmo os professores também às vezes não facilitam, não é?

Eu - sim

Participante - porque podiam dizer ó pah acabaram de chegar, tão tentar adaptar, podiam tentar ajudar mas não, é muito complicado. Até mesmo uma situação caricata que me aconteceu, um professor virou pra mim, porque é normal quando nós fazemos uma coisa... escrever é muito deferente adaptar escrever em português porque, até mesmo os português também têm dificuldade mesmo em escrever português, quanto mais nós que saímos de um país africano... é muito mais difícil... pah vira pra nós diz: olha pah já estou farto de vocês os pretos carne já não aguento mais pah de vos ver e não sei quê, foi assim uma situação que me aconteceu e também foi muito complicado adaptar com os colegas, foi muito complicado... só no segundo ano já que consegui adaptar-me um pouco... pronto e depois fui... fui andando, nunca desisti, sempre fui a mais velha da turma, mas isso nunca foi um obstáculo pá minha vida porque eu sabia (diz com tom firme) o qué que eu queria fazer, sabia que queria ir pa faculdade, sabia que queria seguir pa faculdade então nunca foi... nunca foi um obstáculo na minha vida dizer ó pah vou ser mais... além das pessoas começarem: ó como é que tu já estás neste, ainda tás ainda tás no oitavo, eu dizia: sim, vocês têm que perceber que vocês nasceram cá começam as aulas muito cedo com seis anos, nós não, nós começamos muito tarde e depois por causa da guerra... porque eu também houve... eu táva na guiné quando houve a guerra de 97 então foi uns anos que a gente desistiu, não foi a escola

Eu - claro

Participante - pronto e houve também muitos anos que os professores também... professores não não receberam o ano ... o ano foi nulo... então eu disse: olha, aconteceu muito isto na minha vida, mas eu nunca fiz isso como um obstáculo na minha, eu sempre luto por aquilo que eu quero, não é? Pelo menos sempre vou andando, encontro uma pedra, tropeço caio mas levanto sempre continuo a seguir em frente então isso é um pouco o lema da minha vida... não... não... não vou caindo e logo logo não não querer seguir assim, [aqui não faz pausa] eu fui e depois os professores pediram a meu pai que me pusessem num curso profissional, eu ainda não, no início... (faz pausa) ... tive a decência de curso profissional NUNCA [com tom de voz vincado], porque quando vai pra curso profissional a base que tem, a base que tem depois é muito complicado adaptar à faculdade, porque curso profissional eles... alunos são especificamente pra ir pró mercado de trabalho, não é? Não são para para ir para seguir pa faculdade, e eu fui, fiz o nono ano e depois fui pra casa Pia, estudei em Casa Pia, fiz o curso de informática e gestão, fiz o décimo segundo... tive a média muito boa, com catorze, nunca desisti, os professores também sempre tiveram, tive média de quinze, os profs sempre me apoiaram nunca desiste eu depois consegui entrar pra faculdade

Eu - que bom

Participante - Exatamente, então foi mais ou menos assim. uma coisa também que me ajudou imenso foi o grupo de jovem aqui na Igreja ... ajudou-me imensooooo imenso imenso adaptar-me a integrar-me mesmo aqui e conhecer mais a cultura portuguesa e então foi mais ou menos isto assim que foi o resumo da minha história durante esses onze anos que eu tou cá e vai-me acontecendo várias coisas mas nunca nunca acaba por desistir... e não sei o qué que posso falar mais...

Eu - persistes no teu objetivo que é

Participante - que é conseguir acabar o curso

Eu - que estás em

Participante - estou em finanças e contabilidade. Este ano era supostamente ser o meu terceiro ano mas o meu pai faleceu no dia... na semana de exame... acabei por não... não ir mais à faculdade porque era muito complicado... não estava à espera que o meu pai nos deixasse assim tão cedo... eu acabei por deixar a faculdade... eu ainda tentei, né? ainda tentei ainda ir mas tive um esgotamento na faculdade acabei por desmaiar e a minha mãe disse: não, tens mesmo que parar e... e não sei quê... então pronto... agora estou a fazer as cadeiras do segundo ano... pró ano de Deus quiser vai ser o meu ultimo ano na faculdade

Eu - isso

Participante - e acabar...conseguir depois ir prá Guiné. Adorava

Eu - É o teu desejo?

Participante - É.

Eu - ótimo

Participante - Adorava adorava adorava voltar pra lá e trabalhar e ajudar. Eu não sei mas quero ganhar experiencia cá primeiro, trabalhar cá e ganhar mais experiências cá e depois ir para lá

Eu - claro

Participante - porque ainda é muito complicado, já... é muito complicado agora ir pra mestrado mas quero acabar a licenciatura primeiro e ganhar experiencia e depois ir pra Guiné quem sabe um dia possa voltar pra fazer mestrado... isto é um pouco o meu objetivo

Eu - e... diz-me uma coisa...aaa... além das dificuldades que tu sentistes, já agora naquela situação que há pouco referiste de teres estado cá quando tinhas três anos, o que é que tu tinhas exatamente

Participante - ahhh ... aaa... não sei muito bem mas eles dizerem que eu tinha um problema de vagina, não conseguir fazer xi-xi bem então era por causa disso mas também o problema da Guiné é falta de condição médica... às vezes são coisas muito simples que eles conseguem fazer lá mas... por causa que não há materiais, não há como fazer exames para saber exatamente o que é que tens especificamente e depois acabaram por vir cá, quando eu vim cá por acaso os médicos, tive internada no hospital de Estefânia disseram depois que não era preciso porque aquilo era uma coisa natural que depois acontecia porque disseram que a minha vagina tava fechada então não conseguia fazer xi-xi mas depois acabou por acontecer naturalmente depois o meu pai ficou cá e depois fui-me embora

Eu - então pronto mas quando tu... foi essa situação, o teu pai esteve cá e tu referiste que ele preferiu ficar cá a «sofrer»... aaa... esse «sofrer» foi

Participante - foi mais ou menos sacrificar, porque ele sabia que se ficasse cá a trabalhava e conseguir arranjar dinheiro para nos mandar lá, tinha melhor condição para nos dar cá. Enquanto ele aqui fazia mais sacrifixo [erro-sacrifício] mas sabia que nós lá íamos tar bem porque com 200€ ou 300€ queles mandavam lá pra nós mas nós aí tínhamos uma vida muito mais estável

Eu - humm humm

Participante - porque a vida de professor na Guiné, não era muito má., na guiné posso dizer que o salário mínimo é 100€

Eu - claro

Participante - é muito bom porque eu tive lá em 2014, o salario mínimo é muito, a vida na Guiné é muito ... é muito complicada então o meu pai o sonho dele sempre foi: [levanta o tom de voz] Vou sacrificar-me mas pelo bem dos meus filhos... isso sempre foi... foi sempre foi a vida dele, ele sempre fez isso até ao dia em que se ... sempre foi sacrificou para nos dar uma melhor condição de vida

Eu - claro

Participante - exatamente

Eu - vocês são quantos irmãos?

Participante - Somos quatro. Duas meninas e dois rapazes

Eu - dois casalinhos. Que giro

Participante - exatamente

Eu - quando tu falas da tua experiencia de vinda para cá, sentiste alguma coisa que te inquietasse... eram os professores que não ajudavam, era ... o que é que tu sentias mais para além disso...aaa...

Participante - [ri] eu acho que... é assim, quando eu... eu acho que qualquer africano quando vem cá, vem com uma lusão [erro-ilusão], não é? Nós todos quando saímos do nosso pais de origem vimos com uma lusão, né? Pensar que Portugal é isto e aquilo, vamos conseguir tudo o que nós queremos, vamos conseguir comprar roupa cara, vamos conseguir ter tudo que nós vemos na televisão, não é?

Eu - expectativas altas

Participante - Exatamente expectativas muito alta e depois quando tu chegas cá é que comesças a ver a realidade das coisas. Eu além de... além disto tudo... mas eu uma coisa... eu não passei tanto em termo familiar não tive tanta dificuldade porque o meu pai já tinha uma vida estável ... já tinha esta casa, porque o meu pai já teve cá há muito tempo, tinha esta casa já tinha a vida, mas lá fora, é muitooo mais com... é muito mais complicado a vida lá fora porque nós... quando vemos cá nós semos... desculpa dizer isso

Eu - não faz mal estás à vontade

Participante - os brancos são... porque é isso a realidade de nós os africanos, brancos são como se fossem Deuses pra nós, não é? Mas quando chegamos cá, começamos a apanhar com aquele impacto [estala os dedos] aí depois começamos a perceber que as coisas não são assim, bem com nós pensámos, né? Porque nós temos uma lusão, que eu já vi imensas vezes... eu fui pa... na minha embaixada, tou na fila mas chega um branco passa-me à frente, porque é um respeito que nós temos pelo branco, mas nós não... esse respeito não são nos dado a nós... nós aqui somos tratados com indiferença... como se fosse... como se fosse... não fossemos

nada... não é? É isso ás vezes a mim um pouco revolta queu tenho. Eu até mesmo na Igreja tenho esse revolta e digo: todos os dias porquê cas pessoas vão à Igreja, vão rezar se até na Igreja fazem racismo?

Eu - pois

Participante - é isso é que me doi. Eu deixei de dar catequese na Igreja porque muitas vezes os pais dos miúdos não confiavam em mim. Dei catequese durante três anos e deixei de dar porque eu tive de ouvir imensas vezes... e houve uma vez que um senhor... uma senhora chegou, a mãe duma criança, as crianças adoram-me, nunca me trataram com defeito, essas crianças da Igreja não tenho nada a dizer, mas páh a senhora chega e: é páh essas pessoas da vossa cor hoje assaltaram-me a loja assaltaram... eu digo: isso acontece! Tanto como brancos tanto como os pretos

Eu - claro

Participante - A minha irmã foi assaltada por um branco [silêncio] isso isso são

Eu - a serio?

Participante - Exatamente quer dizer, a minha irmã foi assaltada por um branco porque isso é ... é... são coisas que acontece, seja branco seja preto, somos todos iguais

Eu - Exatamente

Participante - eu acho que é isso que falta um pouco aqui em Portugal, quando nós começamos a ver que nós temos cinco dedos, temos todos a mesma nariz, a mesma boca se calhar vamos conseguir chegar onde é que é mas quando as pessoas começam a pensar que são... são... maiores... os pretos são inferiores... aí as coisas... por isso é que há sempre essas coisas, essas situações que acontecem. Eu também sou a primeira pessoa a criticar os africanos pelas atitudes que têm na rua. Sou! Porque a mim, os meus pais sempre nos incutiram, para terem um bom comportamento não sei se foi porque o meu pai sempre estudou, sempre... tanto o meu pai como a minha mãe sempre nos incutiram as boas ideias, como nós devemos agir na rua...

Eu - exato

Participante - por isso a minha mãe detesta que o meu irmão pára na rua onde é que está muitos branco, muitos pretos detesta... é isso se a minha mãe vê passa logo pra casa, a minha mãe diz: vocês têm que saber que vocês vieram pra cá para arranjar uma boa condição de vida, não tem que ficar na rua fazer como esses miúdos fazem

Eu - claro

Participante - porque se for ver, os nossos pais saem de manhã só volta a casa de madrugada

Eu - trabalham muito

Participante - exatamente para nos dar, às vezes os nossos pais africanos têm três quatro trabalhos

Eu - pois

Participante - só pra nos dar melhor condição de vida e nós em vez de esforçar-nos nós não esforçamos, então passamos na rua isso também eu critico imenso e são muitas as pessoas que critico isto... então páh... não sei... são coisas às vezes que me revoltam e revolta-me tanto a forma com nós somos

Eu - e é legítimo

Participante - exatamente... eu ... eu na Igreja fui durante... a Sofia... a sua filha fazia parte do [xxx] eu fazia parte doutro grupo que é [xxx], fui três anos animadora como responsável do grupo... e há pais das pessoas que não concordavam que eu fosse animadora... é isso... é isso que me deixa triste, é que me deixa mesmo revoltada... tão... eu sou muito... é como eu digo... o meu pai dizia: tu reclamas muito! E eu: se eu tiver opinião vou dar

Eu - claro

Participante - se eu tiver que dizer alguma coisa digo, não tenho problema nenhum em dizer, e dizia mesmo, mesmo na Igreja eu disse pró padre: então porque que as pessoas vêm cá todos os dias, vão Igreja começam a rezar? E depois saem fora da Igreja fazem... se calhar a maioria das pessoas que não vão Igreja são muito mais católicas do ca queles que vão

Eu - sem dúvida

Participante - e isso é verdade

Eu - sem dúvida

Participante - ... é completamente... é ridículo e não é nem mito nem nada... porque as pessoas vão na Igreja e rezem e depois quando saem na rua fazem mesma coisa e depois viram-te a cara e tu cumprimentas, ninguém te cumprimenta, mas as pessoas convivem contigo na Igreja todos os dias... eu às vezes digo: eu agora não vou sempre porque eu digo: mêmoo não vou como eu ia com tanta regularidade porque as coisa ca mim revoltam-me

Eu - claro

Participante - não é? é uma situação... é essa situação na Igreja como eu digo agora, eu este ano estou a me dar muito mais na Associação de estudantes Guineenses... que eu sei que vou ajudar as pessoas que querem ser ajudadas... por isso quando entrei nesse projeto Associação de Estudantes, eu tou... há coisas da Guiné que eu tinha desligado imenso por causa da questão politica e não sei quê e agora voltei mesmo e então sabemos mesmo imensa coisa sobre o meu país então a adorar completamente tar na Associação de Estudantes porque

Eu - que bom

Participante - como diz o meu pai tu meteste em tudo e mais alguma coisa

Eu - que bom

Participante - é mesmo

Eu -és pró-ativa

Participante -[ri] um bocadinho [ri]

Eu - então e isso é bom

Participante - um bocadinho. Eu não paro tou sempre... sempre

Eu - em movimento

Participante - em movimento sim. Eu não costumo parar tou sempre em mo... mas já fui mais tímida... já fui muito mais... tímida como eu costumo dizer... a língua... ainda sei que tenho a dificuldade em termo de falar e não sei quê, então eu digo: antes isso era um problema para mim, mas agora já não tenho vergonha

Eu - claro

Participante - se eu errar alguém vai-me crescer

Eu - crescemos com os erros

Participante - exatamente é verdade

Eu - que bom, que bom

Participante - não sei o qué que eu posso dizer mais [ri]

Eu - aquilo que tu quiseres... principalmente o que eu pretendo mais é os teus sentires, não é? mais profundos, percebes? Aquilo que... falaste da revolta

Participante - [ri]

Eu - não sei, gostaria que falasses mais de ti como pessoa num país que

Participante - [ri]

Eu - não é a tua origem... é um facto que já exprimiste o desejo de queres voltar ao teu país de origem

Participante - sim

Eu - mas agora enquanto cá... tu só estudas agora?

Participante - sim

Eu - ou estás a trabalhar?

Participante - eu já trabalhei, agora não tou a trabalhar

Eu- hum hum

Participante - neste momento só estou a estudar também qualquer das formas tou a arranjar qualquer coisa para fazer... com a minha mãe só... a minha mãe é complicado tar a aguentar a casa, não é?

Eu - pois, sozinha não é?

Participante - sim. Sim sim. Agora... eu... eu aqui em Portugal acho que já fiz de tudo, não é?

Eu - então?

Participante - porque eu já trabalhei nas limpeza, já... houve uma vez queu trabalhava com minha mãe nas limpeza e levantava sempre às cinco da manhã, ia com ela e trabalhava

Eu - claro

Participante - eu já fiz um pouco de tudo, mas neste momento só estou a estudar e quando alguém me diga o que queu estou a sentir quando estou cá em Portugal

Eu - sim

Participante - já senti mais revolta... mais... já senti muito mais revoltada agora tenho acalmado um pouco...e non ten... e non... porque como eu costumo dizer noventa por cento dos meus amigos são brancos

Eu - claro

Participante - exatamente porque eu também tenho uma coisa, eu só ando cas pessoas queu sei que vão-me ensinar alguma coisa... porque os meus amigos africanos são todos mais... já têm filhos, já são casados e não têm nenhum tipo de objetivo, não é? então como eu sempre tive objetivo de ... eu sei queu quero acabar uma licenciatura e sei que quero voltar pra guiné e quero ter uma declamante onde tenho sempre seguido sempre os estudos, tenho sempre estudado e vou encontrando vários obstáculos porque a faculdade não é fácil, tenho trabalhos, estudar então tenho sempre... eu agora tou muito mais calma em relação aqui em Portugal mas já estive muito mais revoltada e há muitas coisas que me revoltavam e apetecia-me responder e ... e ... uma vez eu e o meu irmão távamos a ir renovar o documento, o rapaz encontra meu irmão mais pelo João começa a correr tipo agarra a mala e começa a correr... páh são essas situações que me revolta mas também às vezes eu entendo [com tom firme]

Eu - hum hum

Participante - revolta-me e depois acabo por pensar também... porque já me aconteceram várias coisas... já me aconteceram isso então acabo por ter uma defesa, porque eu mesmo também sobre a minha vida também arranjei defesa para me defender...

Eu - claro

Participante -são certas coisas porque eu... antes era muito mais revoltada e atacava logo... porque nem que alguém viesse com uma forma e eu acabava por atacar... houve muita gente que me disseram: tu tens ca calmar um pouco e pensar naquilo cas pessoas vão dizer... porque eu... diziam-me que eu tinha uma ligação do cérebro com a boca... o queu pensava eu dizia

Eu - cérebro-boca

Participante - exatamente [ri]

[risos]

Eu - muito bom

Participante - [ri] queu não páro, queu não páro pra pensar ...ó páh deixa pensar o qué queu vou dizer, realmente eu tinha esse penso e digo logo: vai ter uma ligação direta

[risos]

Participante - mas agora estou muito mais calma... tou muito mais calma... e tenho tentado refletir mais, também sou mais... tou mais velha e tou mais adulta e já... já sei que tenho mais responsabilidade então tenho que ter muito mais atenção nas coisas, então tenho muito que acalmar mas há muitas coisas que me revolta até aqui no prédio também revolta... revolta-me imensas coisas...

Eu - hum

Participante - imensa coisas porque sempre que estraga alguma coisa vão-nos bater a porta a nós, isso revolta-me e fico mesmo chateada mas eu digo: vou ignorar... não vale a pena, eu digo... e sempre os meus pais diziam: olha não digas nada e não sei quê... porque sempre que alguma coisa acontecia vinham-nos dizer a nós, porque eu dizia então porquê vocês tão dizer isso porque nós somos os únicos africanos? ou porque vocês virão alguém da minha porta fazer isto? Porque uma é se tu vês outra coisa é acusarem sem ter prova, aqueles pretos é que fazem isso

Eu - exato

Participante - eu muitas vezes já revoltei-me sobre isto mas agora eu digo minha mãe: não vale a pena, deixo estar... deixo estar, há coisas que não vale a pena tar a fazer... eu disse nós fomos ver como uma vez que aconteceu, távam a reclamar não sei quê que aconteceu depois o Sr. do terceiro andar, aquele... acho que é cabo-verdiano não sei

Eu - quarto andar

Participante - sim quele foi dizer: ó vocês reclamam mas se forem ver, o Sr. Armando sempre tem a quota, sempre tem o condomínio em dia e maioria de vocês que reclama não têm condomínio em dia e não cumprem com a vossa obrigação então isso são coisas que me revoltam um pouco em Portugal como emigrante... revoltam-me... porque quando um de vocês foram, um de vocês os brancos forem pra nossa terra são tratados como se fossem rainhas... como se fossem reis, são tratados com respeito porque eu já vi, fui com catorze, treze portugueses pra Guiné fui cum projeto de voluntariado

Eu - hum hum

Participante - e a forma como eles são tratados eles mesmos voltaram... satisfeito, porque mesmo eu, até eu que sou de lá, não fui tratada como eles foram tratados...

Eu - pois

Participante - porque eles foram mesmo tratados com carinho... tudo... eles deram... eles não tinham nada, mas tudo o que tinham na casa deles vinham oferecer-nos

Eu - exato

Participante - para a gente comer porque eu pra um projeto de voluntariado, por acaso inscrevi-me pra um projeto de voluntariado da Igreja, calhou ser na Guiné

Eu - hum hum

Participante - nós fomos, eu fui com treze portugueses eu era a única africana, como eu dizia, eu era a única preta do grupo [ri] e então, e a forma como eles foram tratados, eu costumo lá a dizer: bem a forma como vocês são tratados cá?! ... e as pessoas adoravam adoravam... as pessoas saíam das suas casas às seis da manhã, percorriam quilómetros pra vir ter com aqueles jovens voluntariados que távam lá

Eu - hum hum

Participante - eu acho que é isso também que falta-nos aqui, né?

Eu - pois

Participante - eu acho que... não é por mal tar a dizer isso mas falta um pouco os portugueses a uspitalidade [erro-hospitalidade]

Eu - é o acolhimento mais afectivo

Participante - acolhimento exatamente é isso que nos falta... eu única coisa... eu antes dizia minha mãe as coisas que me fazia mais falta... porque... na Guiné tu conheces toda a gente... vinha vizinhança de casa conhecia... tu andavas na rua ou ias pra casa deste... isso é que falta um pouco aqui... aqui não há , não há este acolhimento, não há! Falta um pouco isso então são essas coisas que sinto que falta

Eu - a saudade

Participante - exatamente a saudade. Saudades, é mesmo. Mesmo isso

Eu- é isso que te faz refletir em voltar para lá, não é?

Participante - sim mas também quando eu vou voltar, quando eu digo que vou voltar, há muito, muita coisa também pra pensar

Eu - então?

Participante - porque eu não posso, porque eu não posso pegar as minhas coisas ir

Eu - claro.

Participante - porque a guine, não é um país estável, não é?

Eu - pois. Exato.

Participante - tem vários problemas até... hoje... ainda está a acontecer vários problemas na Guiné-Bissau em termo de estabilidade econó... estabilidade politica até não está muito estável, até neste momento não tem um presidente fixo porque as coisa vão acontecer, então eu não posso pegar as minhas coisa e voltar. Quando vou voltar, a guiné tem que estar estável, porque eu não posso me arriscar a ir e depois com uma mão á frente e outra atras ... tenho que pensar muito... quando eu digo queu quero voltar, sei que a expectativa é muito alta, mas também tenho que pensar, sentar e pensar: é páh tenho que ir mas tenho que ter um emprego, tenho que ter isto isto e aquilo, não posso só simplesmente ir, além de nós temos uma casa na guiné, tudo

Eu - hum

Participante - só isso também não chega... tenho que ir estável... arranjar emprego então é mais ou menos isso [ri] não sei se respondi

Eu - sim estás a responder, porque ficares cá...aaa... não te parece bem, não é?

Participante - [ri] não que não parece bem... não é... porque eu quero... eu quero dar alguma coisa ao meu país, é isso.

Eu - exato. Já percebi

Participante - não é que não ficar cá não me parece bem não

Eu - compreendo

Participante - porque eu já estou habituada ... habituada a viver em Portugal e tudo, porque viver na Guiné-Bissau vai ser também uma adaptação, não é?

Eu - exato

Participante - porque as casas... aqui as casa são diferentes... aqui temos a água dentro da nossa casa, enquanto que na guiné tens que ir buscar a agua ainda na poço... tens que ir buscar... quem tiver condição, claro na minha casa agora também já tem a torneira que podes ir buscar... então são essas coisas que ainda me fazem imensa porque eu já vivi cá muitos anos, já estou habituada... então são coisas também que me faz um pouco pensar em voltar, mas eu quero... quero dar alguma coisa pa Guiné-Bissau... porque é a minha casa, a minha terra, né? como diz um bom filho sempre regressa a casa, então eu gostava bué de regressar a casa... um dia... quem sabe

Eu - quem sabe

Participante - quem sabe, é isso

[risos]

Eu- exatamente

Participante - quem sabe quem sabe se isso vai

Eu - e trabalhares na área que estás a

Participante - sim, gostava de trabalhar no banco

Eu- num banco

Participante - sim eu tou a fazer as finanças

Eu - e tens conhecimentos para que isso seja possível lá, tens?

Participante - sim já já ... porque é assim também... eu tive um tio que foi, que deputado, que era deputado, que o irmão mais velho da minha mãe e não sei quem, porque na guiné também é um pouco isso mas eu não quero isto... ir entregar meu tio o currículo

Eu - hum

Participante - porque são coisas que eu defendo cá... que eu reclamo imenso, porque aqui a maioria das pessoas conseguem trabalho por cunha, mas eu não quero. Eu quero ir entregar currículo na própria empresa e fazer um teste para entrar... mas eu sei que isso também é muito complicado porque que se não, há pessoas que também vão passar à frente porque tens tios, tens primos na guiné, na guiné isso funciona ainda muito

Eu - pois

Participante - o meu filho, eu tou a trabalhar aqui onde tá o meu filho, o filho do meu primo, não sei quem vão trabalhar tudo comigo. Os outros que têm classificação para trabalhar, não trabalham. Porque eu também já vi muito isso acontecer, porque houve uma rapariga guineense fez um curso cá, era uma excelente, era da minha faculdade, teve uma excelente nota porque ela acabou com média de quinze, o professor disse: olha só tenho pena porque vai ser muito complicado arranjar trabalho porque és africana... [silêncio] e [ri] e o professor virou pra nós e diz: olha por mais triste que seja, mas tu podes contar os pretos que tão no banco... a trabalhar... podes contar até os pretos que tão no grandes empresas. Ou és muito bom, mas se és médio consegues, porque há alunos médios que também conseguem, é muito complicado tens uma cunha. Ela ficou dois anos três anos sem arranjar trabalho mas ela nunca desistiu. Agora está a trabalhar numa empresa de assessoria, por acaso conseguiu arranjar trabalho, mas o professor disse: tens que tentar... mas foi muito difícil... conseguir arranjar trabalho

Eu - o que é que tu sentes sobre isso?

Participante - Revolta-me! Fico triste! Porque eu acho que quando as pessoas têm capacidade não têm que ver pela cor. Têm que ver pela capacidade que a pessoa tem. Quando vê currículo da pessoa vê a experiência que a pessoa tem... mas não pela tom de pele... mas isso acontece muito

Eu - pois

Participante - acontece muito aqui, acontece muito pelo tom de pele... não se vê pela quilo que a pessoa é... porque aqui em Portugal as pessoas julgam muito, pelo tom de pele... não julgam por aquilo que a pessoa é, julgam muito ... é isso que das coisas que detesto

Eu - claro

Participante - e revolta-me e fico irritada... porque as pessoas olham pra um preto, para um rapaz, até nem sabe o que que é, diz: páh esse deve ser bandido [silêncio] mas nem sempre isso é verdade, isso corresponde à verdade, mas as pessoas julgam... será que não vale a pena conheceres aquela pessoa bem? E perceber como é que essa pessoa é? quem é que é aquela pessoa? Depois começar a julgar

Eu - exatamente

Participante - mas ser humano mesmo é assim, né?... ser humano também gosta de julgar sem conhecer porque até eu já julguei as pessoas sem conhecer e até quando conhecia a pessoa

Eu - claro

Participante - e depois, mas é isso, eu acho é isso que falta, quando nós começamos ver aquilo que a pessoa é sem ser o tom de pele, aí o mundo seria outra coisa... isso são coisas mesmo que deixa-me mesmo triste... deixa-me revoltada

Eu- claro

Participante - deixa-me frustrada, fico mesmo frustrada com isso. Como dizia meu pai: tu ficas muito preocupada com essas coisas, não te preocupas, deixa isso. Não! Eu tou a pagar a faculdade como qualquer um

Eu - claro

Participante - non tou... até mesmo não tenho direito a bolsa, eu disse aos meus pais, porque eu não quis meter a nacionalidade pra não perder a minha, porque se eu metesse a nacionalidade perdia a minha... o meu pai tem, o meu pai tinha, os meus dois irmãos mais novos têm, só eu e o João não temos, porque nós não metemos, mas nós temos direito a nacionalidade. Eu nunca quis meter a nacionalidade pra não perder a minha, porque é a minha identidade, não é?

Eu - exato

Participante - aquilo que eu sou. Se houver dupla nacionalidade aí já posso meter porque já tão a tratar disso... mas eu não quis meter, porque se eu metesse a português, eu tive que escolher, ou sou guineense ou sou portuguesa mas como eu sou guineense e não quero nacionalizar-me, não quis meter... então eu não tenho direito a bolsa. Eu tou a trabalhar, a

pagar a faculdade como qualquer um, como um filho... como qualquer português que não tem, não tem ...aaa... não tem direito a bolsa

Eu - hum hum

Participante - então, por isso, eu costumo dizer: estou a pagar como qualquer um

Eu - claro

Participante - e na faculdade uma coisa também que me irrita mesmo quando digo: sou da linha de Sintra!. Linha de Sintra??? Quê na Amadora??? É lá que tem muitos pretos e não sei quê [ri]

[risos]

Participante - é isso! Linha de Sintra??? É páh fogo, eu não sei como é que consegues viver lá. Não sei como é que tu consegues viver nessa zona. Ó páh sinceramente... Não faz mallll, deixa lá eu sou... eu não da Amadora mas sou do Monte Abraão também tem muitos pretos. A mim ninguém me faz mal lá [ri]

Eu - claro

Participante - eu costumo sempre dizer isso, mas ... lá está, mas quando a pessoa começa a conhecer a pessoa em si, aí vão... vão moldando um pouco o coração, e vão conhecendo... é páh se calhar essa pessoa então não é bem assim... como é que eu penso? Isso a mim aconteceu até no primeiro ano da faculdade, pois quando faziam grupos

Eu - hum hum

Participante - e depois juntavam os pretos todos juntos [ri] mas eu, com meu pai dizia, sou muito coiso, eu chegava professor dizia: Professor é assim, isso não pode ser, não poder ser sempre os pretos todos juntos, porque eu vou mesmo lá, eu fico com a ficha pedagógica e digo: ó professor não dá pra juntar os pretos todos juntos porque nós todos somos migrantes não dá. Precisamos de alguém que nos ajude com português. Não podemos juntar só nós os pretos. O pessoal olha pra mim e ri-se. O Professor olha pra mim e diz: por acaso tens razão. Porque os outros têm vergonha de dizer, mas eu não tenho.

Eu - é assim mesmo

Participante - e eu lá na faculdade também não ando com muitos pretos. Eles dizem lá, os pretos dizem que eu sou um pouco... tenho mania que sou branca, queu não ando com os pretos. Eu costumo dizer pra eles: olha, vamos lá a ver uma coisa eu preciso de alguém que me ajude, vocês tão mais ou menos ao mesmo nível que eu, então eu não vou-me juntar a vocês. Eu vou-me juntar a alguém que eu sei que vai-me dar alguma coisa... que vai-me ajudar com alguma coisa, eu também posso ensinar tanto a minha cultura como eles ensinarem a mim... então eu sempre que andei na faculdade, sempre andei com brancos...

mas não por... as pessoas já reclamaram muito com isso, mas não por mal... porque páh porque eles os pretos... gostamos muito de nos juntar, assim fazemos tipo um... não sei se é uma defessa que nós temos em juntarmo-nos todos, sempre juntos juntos juntos, na faculdade acontece, então eu não faço isso, eu digo: eu não ando com os pretos!

Eu - hum hum

Participante - mas não é por mal, eu quero andar com alguém que me ajude em alguma coisa

Eu - que te possa ensinar

Participante - exatamente que possa ensinar-me alguma coisa

Eu - exatamente

Participante - eu sou um pouco assim eu. Na faculdade só ando com os brancos. Mas não é por mal, mas há uma africana também que anda connosco... eu digo: eu não faço trabalho com os pretos [ri] porque eu quero alguma... alguém que me ajude a aperfeiçoar o meu português, ajuda a melhorar o meu português. Eu não vou andar com vocês todo juntos, sei que vocês são todos mesmo nível que eu... que tão farto da vida a gozar comigo... vocês podem gozar à vontade queu não quero saber, então eu não faço trabalho com eles porque eu acho que nos também precisamos, porque além de sentirmos essa revolta também precisamos de conhecer outra cultura porque nós também precisamos de ir a procura... não podemos deixar sempre que as outras pessoas venham a nós, né? Nós precisamos de ir a essas pessoas, se nós conseguirmos ir a essas pessoas e mostrar a essas pessoas quem é que nós somos, aí se calhar a mentalidade vai mudando

Eu - exatamente

Participante - ao longo do tempo porque se nós juntamos fazemos sempre um grupinho aí essas pessoas não vão querer entrar nesse grupinho

Eu - claro

Participante - exatamente mas se nós tentar chegar aos outros aí já as coisas vai melhorando

Eu - claramente

Participante - Eu acho que isso, isso também falta um pouco a nós, tanto como os portugueses têm culpa em relação, nós também somos culpados, porque nós juntamo-nos muito. Nós não tentamos dar os outros conhecer a nossa cultura, a nossa realidade. Eu na festa, aqui na faculdade na Igreja quando dizem uma festa qualquer pa cada um eu vou sempre vestida de africana, vou sempre com as minhas roupas de africana, pessoas começam a perguntar, aí começo a explicar, olha é assim, e assim assim e as pessoas vão conhecendo um pouco daquilo que eu sou

Eu - Exatamente é uma reciprocidade, não é?

Participante - exatamente, acho que isso é que falta um pouco em nós, isso também falta, falta mesmo muito nos africanos, os africanos juntam-se imenso, porque se tu vês um grupo de pretos como eles, como eu, não tenho problema nenhum de dizer preto... um grupo de preto claro que tu ficas com receio... toda a gente fica... isso é normal... eu às vezes também fico, se ver um grupo de rapazes só preto também fico com receio de passar lá e o que que vai acontecer, porque nós os africanos gostamos muito de fazer, só juntar nós os africanos. Isso revolta-me, até mesmo esses miúdos que fica no continente revolta-me, fico mesmo revoltada com eles, porque eles é que dá essa má imagem dos africanos, mas não é todos os africanos que são assim. São essas coisas que às vezes ainda aquece-me um pouco o coração, às vezes ainda ando sempre a batatar com isto, mas como eu costumo dizer, não sou eu que vai mudar isto, né? Temos que ser nós todos a tentar mudar, fazer alguma coisa diferente

Eu - mas tu também podes contribuir

Participante - [ri]

Eu - obviamente, não és só tu mas tu mais alguém

Participante - exatamente

Eu - podem contribui para mudar porque o mundo precisa de ser mudado, não é?

Participante - é verdade

Eu- de facto

Participante - [ri]. Não sei o que que quer saber mais

Eu - olha não sei... o que é que eu te vou perguntar mais... tens mais assim alguma coisa que queiras transmitir sobre... eu estou... o meu sublinhado vai para aquela raiva que tu tens e sentes aí... por vezes... que já foi mais forte...já não é tanto a raiva

Participante - hum hum

Eu - essa raiva é manifestada como? Onde é que ela fica? Fica contigo? Ou...

Participante - eu acho que já transmiti a algumas pessoas, mas também muitas vezes fica guardada aqui... dentro de mim... né? Porque eu acho que às vezes irrita-me ... cada vez... uma coisa... esses dias tem-me acontecido... que eu sai do Hospital de Santa Maria onde é que me pai faleceu chorar bába e ranho... porque nós tamos a tratar das coisas do seguro, né? páh e tamos a pedir um papel à segu... ao médico... o médico praticamente ignora-me...

Eu - hum

Participante - são essas coisas que sinto uma raiva... eu saí do hospital a chorar bába e ranho... porque são... a forma como... porque tinha muita gente com os papeladas pra entregar porque é normal, vai acontecendo sempre isso, eu preciso tratar de papelada e não sei quê... é ... como eu costumo dizer, o meu pai nunca deveu a renda, né? Sempre pagou, como

ele costuma dizer: eu não tenho dinheiro pra vos comprar marca... roupa de marca nem nada disso mas tenho dinheiro pra vos dar de comer, tenho dinheiro pra vos comprar livro, tenho dinheiro para pagar a renda de casa, isso é três objetivo que eu tenho como o meu pai costumava dizer... agora tamos a pedir um papel ao médico... o médico... eu tento sempre fazer com que a minha mãe não passa por esta situação... pra não ir tar a reviver tudo essa historia do meu pai porque ainda é muito complicado pra ela, então eu tento sempre... eu tento sempre chegar à frente... eu e Joãoslau a tentar ir... o médico... eu tentei falar com médico que muitas vezes não quis me receber... eu sentei lá fui tentar falar com ela, com ele, não me responde... são essas coisas que me revolta

Eu - compreendo

Participante - naquele dia eu tava tão revoltada... táva tão... eu perguntei eu virei pra senhora que táva no guichê perguntei: porquê, porquê que o senhor não quis me responder, tá constantemente a mandar-me ir e voltar, mandar-me ir e voltar, páh já tou cansada... desatei-me a chorar à frente da senhora... isso faz-me um pouco lembrar do meu pai... então ainda porque é muito recente

Eu - claro

Participante - cada vez que vai tocar na minha ferida... a ferida vai abrindo mais, não é? [os olhos começam a brilhar] eu tou a tentar sarar a ferida... não tou a dizer que vou, estou a esquecer o meu pai, mas estou a tentar a habituar-me à ideia de que eu perdi o meu pai [emociona-se], não é?

Eu - claro

Participante - e depois são essas coisas... que me deixa... a ferida vai abrindo, a ferida que eu tenho em termo de tudo já vivi cá em Portugal as situações caricatas que passei cá... essas feridas vão abrindo... que... eu não quero fazer de coitadinha, né? não quero dizer: ah fui tratada muito mal aqui em Portugal... porque... e fui! Mas já arrumei esta pasta!

Eu - hum hum

Participante - e tou a tentar seguir em frente... rumei e vou tentar seguir em frente, né? pa ver, essas pessoas que sempre acharam que eu não vou chegar lá e tento sempre mostrar que vou chegar lá

Eu - claro

Participante - então, quando alguém me faz alguma coisa que não faz porque simplesmente... mas faz mesmo porque está a ignorar-me por facto de eu ser africana, porquê aquilo que o senhor tava a fazer era praticamente isto... porque os outros que foram lá recebeu, a mim não me recebeu porquê? Eu questiono. Então são essas coisas que me revolta, são essas coisas que

faz com que essa minha ferida essa raiva que sinto... vai acordando, né? que está adormecida, vai acordando... porque eu não tenho raiva dos portugueses, páh isso não tenho, não tenho problema nenhum de dizer, eu adoro tar com os meus amigos porque não são todas as pessoas que são assim... mas às vezes isso... isso faz com que às vezes sinta um pouco de raiva e sinto um pouco revoltada e essa revolta às vezes não me faz bem, porque...

Eu - pois

Participante - não faz bem às pessoas

Eu .- pois não

Participante - então quando alguém me faça alguma coisa dessas, se alguém me ignora, ignora-me o facto de ser africana ou faz alguma coisa por achar que os pretos são todos assim... ou por isto e aquilo... deixa-me triste

[silêncio]

Eu - claro

Participante - porque já há muitos anos é que tar a viver cá

Eu - hum hum

Participante - é como eu costumo dizer, eu... costumo dizer assim... pós meus amigos: ô, aqui em Portugal ou vais dar alguma coisa em troca Portugal, eles fazem como fazem ao Eusébio ou como fazem algumas pessoas ou não és nada

Eu - hum exato pois

Participante - o Eusébio toda a gente adora

Eu - pois era o jogador, não é? E dava nome a Portugal, exato

Participante -exatamente e dá-me algum nome a Portugal e dá-va a Portugal... porque aqui em Portugal vais pedir a nacionalidade é muito complicado, agora vem cá um jogador pedir nacionalidade porque sabem que vai dar alguma coisa a Portugal, fazem isso rápido

Eu - pois

Participante - são essas coisas pequenas coisas que revolta... ou tu dás alguma coisa em troca... ou não... ou não recibes

Eu - nada, não é?

Participante - é isso é que é. Como eu costumo dizer, nós, o meu pai nunca deveu, nunca deveu a renda, sempre tentou pagar tudo... mas as confusões que tão criar com isso tudo... mas as pessoas já nos disseram que isso é assim em termo de seguro, é sempre essa complicx... mas isso são essas coisas que me deixa às vezes triste... às vezes fico... é páh fogo eu já estou cansada de lutar, se eu soubesse... esse sentimento, eu não quero sentir

raiva... não quero sentir raiva... porque isso às vezes, essa coisa de racismo às vezes é mais ignorância das pessoas

Eu - claramente

Participante - porque isso é mais... é mais ignorância das pessoas, porque se as pessoas tiverem como... como... por causa do teu tom de pele, isso é ignorância... é ... porque a mim já muitas vezes já me disseram: ó macaco vai pra tua terra, ó pá ó macaco sai daqui... na estrada... pá... relevo e passo... no momento fico com uma raivaaaaa fico mêmo revoltada e digo: pá vocês branco têm bué manias e não sei quê, vão pra nossa terra roubam tudo e depois vêm cá... também digo isto, revoltada também digo... eu costumo dizer: ó pá, vocês roubaram mais a nós do que nós a roubamos a vocês, porque quem foi lá explorar, foram vocês... como costuma dizer o meu irmão mais novo, uma vez perguntou: porquê que os portugueses dizem que descobriram a Guiné? Como é que tu descobres uma coisa que já existiu? Eu perguntei, alguma vez ele perguntou ao professor, voltou pra casa porque precisou sair de rua, saiu, professor fez uma caderneta, mandou sair da aula, porque ele professor, então professor, professor me diga lá como é que vocês, alguma pessoa descobre uma coisa que já existia, quando os portugueses chegaram nós já existiam os africanos, como é que descobriram? Vocês não descobriram, descobriram o caminho... ou descobriram... foram lá... mas vocês não descobriram, porque ninguém descobre uma coisa que já existe

Eu - claramente

Participante - é verdade, eu disse como é que descubrem uma coisa que já existiu! Lá está eu disse, vocês roubaram mais a nós do que nós a roubarmos a vocês... por causa buscaram a mão-de-obra... porque a maioria dos trabalhos aqui, as pessoas não querem, são os emigrantes é que fazem... como as limpeza, que são mais os emigrantes que fazem. Hoje em dia já, porque já não há trabalho... alguma... as pessoas vão tudo e mais alguma coisa

Eu - pois, é o que vier

Participante - exato, exatamente é isso... então são essas coisas que me revolta, me deixa um pouco essa revoldade [erro] mas eu tenho... eu tenho... eu acho... por causa dos meus amigos acabam por acalmar um pouco porque neles vejo que não é todas as pessoas são assim

Eu - felizmente

Participante - exatamente. Portanto aí isso conforta-me, isso faz com que a minha raiva... eu digo às vezes digo as coisa por boca pra fora, então sabem que a minha raiva às vezes não... não vai tanto como ia antes quando eu não tinha... não tinha tanto amigos africanos... eu com tanto amigos portugueses. Agora tenho tipo raiva... já não... já não tenho mêmo tom mêmo com raiva com raiva não

Eu - porque sabes que fiques com raiva faz-te mal, não é? Portanto tens que

Participante - sim

Eu - manifestá-la, para te sentires mais leve

Participante - exatamente. Há pouco muito, há muito tempo que já não falo, não falo um pouco sobre esta raiva, há muito tempo queu deixo

Eu - podes falar

Participante - há muito tempo que não falo mesmo, agora é que, hoje mesmo queu falei mesmo tudo e mais alguma coisa, mas sim há muitas coisas que já me revoltaram mas também há muitas pessoas, muitos portugueses que já passaram tar na minha vida, é muito bom para mim. Muito muito então acabo sempre por... por eliminar aqueles pouco pessoas que já me fizeram mal. Porque até mesmo na escola uma pessoa sofre, sofre porque até hoje eu... quando vem um familiar meu pequeno pra vir estudar, eu começo sempre a pensar, pá vai ser muito complicado... porque as pessoas ignoram... fazem de ti como se... como não... como se sentir uma coisa pequena no meio daquela multidão de pessoas, como senão fosses nada, as pessoas ignoram-te completamente... se tiver trabalho de grupo, tu não vais fazer trabalho de grupo, porque tu não há grupo que te aceite... é isso... isso acontece sempre... até mesmo os professores fazem isso, é que mais triste... até os professores... lembra-me de dizer, olha os professores não fazem, até os professores fazem... algum professor meu do Simára que me diz... que me diz assim, que preferia que o filho fosse *gay* do que namorar com um preto

[silêncio]

Eu- olha nem sei o que te diga

Participante - eu assim, eu não tenho nada contra *gay* eu disse, tenho amigos, mas é uma comparação muito triste, foi isso queu disse ao professor: professor tá a dizer isso pro nós porque o professor tá nos educar, além de ser o nosso professor também o nosso educador, tá-nos a transmitir alguma coisa, isso é a mensagem que o professor tem pra nos passar? Isso é triste. Eu digo, espero bem cos filhos não ouçam aquilo que o senhor diz, porque o que disse é triste mesmo, é muito triste mesmo. São essas coisas, essas situações assim que às vezes lembro-me disso tudo, acabo por me rir, porque eu pá, não vale a pena. Não vale a pena aumentar esta raiva... não vale a pena mesmo

Eu - mas sempre que a sentires deita-a cá para fora, doa a quem doer

Participante - é

Eu - não te importes, entendes?

Participante - [ri] ya! Na Igreja já aconteceu, na Igreja aqui já aconteceu mesmo... uma vez uns senhores pá estão constantemente a tentar se meter na minha vida, a tentarem-se fazer pouco de mim, por eu ser africana mesmo, ignoram-me completamente e fazem mesmo as coisas de propósito... pá uma vez um conseguiu mesmo, acabei por dizer tudo que eu achava, pá os senhores ficaram a olhar pra mim do tipo, pá afinal essa miúda, eu disse: a mim sempre os meus pais incotaram incutiram que temos de respeitar os mais velhos. Nós os africanos temos uma coisa, nós não conseguimos chamar à mãe dos nosso amigos pelo nome... é uma coisa que muito complicado pra nós. As mães dos meus amigos brancos eu chamo pela tia, porque eu não consigo chamar pelo nome porque pra nós é como se fosse falta de respeito. Pronto não é, mas é uma questão de respeito antes chamar a pessoa de tia porque é mais velho, porque tem idade para ser a sua mãe, então nós nunca conseguimos responder quando os mais velhos estão a falar, nós não podemos responder aos mais velhos. É uma coisa que nós os africanos não podemos ter. Eu às vezes quando vou pra casa dos meus amigos brancos, quando os pais falam eles respondem, e eu assim: é pá tu tás a responder tu pai pá dessa forma? E eu :é pá ainda bem, é ca minha mãe eu nunca respondi assim à minha mãe, porque nós não fazemos isso, até com a idade que eu tenho, eu não respondo à minha mãe. Não respondo. Quando a minha mãe fala eu vou tentando explicar quando ela acalmar explico assim, se ela aceitar não ou vou pro meu quarto, mas responder à minha mãe, nós não fazemos.

Eu - respeito

Participante - exatamente com respeito, falar com a mãe sempre com respeito. Ó pá naquele dia passei-me completamente porque eu sabia que aqueles senhores faziam pouco de mim. Eu diz: porquê que vocês vêm cá prá Igreja todos os dias dizer que vão rezar se vocês fazem pouco dos africanos? Vocês gozam com a nossa cara? Fazem as coisas de propósito pra nos sentir inferior a vocês. Vocês acham sempre que os vosso filhos são melhores para estarem... por exemplo como o presidente dos jovem, eu não! É pá naquele dia eu não consegui, disse mesmo tanto pró filho tanto pras pessoas que também são assim e disse: os senhores ficaram assim... até hoje passo boa tarde boa tarde bom-dia bom dia, acabou. Questão de respeito.

Eu - exatamente

Participante - pá porque naquele dia mesmo não consegui e disse... os meus pais não me ensinaram a responder aos mais velhos... mas hoje eu não aguento mais

Eu - claro

Participante - eu não aguento mais, não aguento mais, tive que dizer tudo o que eu tinha para dizer

Eu - é assim mesmo

Participante - tem que ser

[risos]

Participante - tem que ser, às vezes tem que ser, as pessoas abusam, as pessoas às vezes abusam da nossa boa vontade

Eu - e por vezes da vossa humildade, não é?

Participante - é, é verdade. Também é isso que falta um pouco também aos portugueses, humildade

Eu - exatamente

Participante - é, é isso que falta um pouco. Acho que as pessoas têm falta humildade é isso... às vezes eu sinto... sinto mesmo isso, que as pessoas faltam humildade, falta aquela... toda a gente que vai pra africa sentem uma vibração positiva... sente mesmo uma vibração positiva e aqui... eu acho que todos os africanos que saem e vêm cá... passam um mês dois meses começam a ver que isto aqui não é bem como eles imaginam...então acabam por ficar um pouco revoltados, como eu fiquei durante estes anos todos.. e agora já está... mais calma

Eu - estabilizada

Participante - já estou estabilizada [risos] mesmo mesmo

[risos]

Participante - não sei se tem mais alguma coisa

Eu - não querida. Olha gostei imenso. Muito obrigado. Obrigado. Foi muito bom

Participante - obrigada

Eu - a sério, mesmo e alguma coisa que precisas, ok?

Participante - obrigado. Sempre

Eu - estamos aqui, está bem?

Participante - eu sei eu sei

[risos]

Participante - a gente nunca viu mas, ainda temos lá a estante que a senhora nos deu... [risos] em casa

[gargalhadas]

Participante - eu disse a minha mãe: olha eu vou lá na D. Paula ahhh aquela senhora que nos deu... sim sim

Eu - depois dá um beijinho à mãe, sim?

Participante - eu dou

Eu- obrigadíssimo pela tua disponibilidade